

**JULIANA APARECIDA GARCIA CORRÊA**

**DE REINADOS E DE REISADOS: FESTA, VIDA SOCIAL E EXPERIÊNCIA COLETIVA EM  
JUSTINÓPOLIS/ MG**

---

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

**BELO HORIZONTE**

**2009**

Juliana Aparecida Garcia Corrêa

DE REINADOS E DE REISADOS: FESTA, VIDA SOCIAL E EXPERIÊNCIA COLETIVA EM  
JUSTINÓPOLIS/ MG

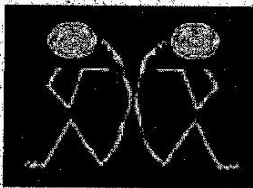
---

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da FAFICH/UFMG como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Léa Freitas Perez

Belo Horizonte, MG

2009



PPGAN - UFMG

Universidade Federal de Minas Gerais

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Programa de Pós-graduação em Antropologia

**ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE Mestrado EM ANTROPOLOGIA DE JULIANA APARECIDA GARCIA CORRÊA (Nº DE MATRÍCULA: 2007660967)**

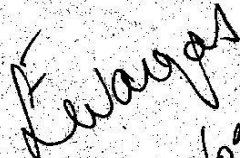
Aos 11(onze) dias do mês de setembro de 2009 (dois mil e nove), reuniu-se na Sala de Multimeios do Departamento de Sociologia e Antropologia, F-3056 - 3º andar, do prédio da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, a Comissão Examinadora para julgar, em exame final, a Dissertação intitulada: "**DE REINADOS E DE REISADOS: festa, vida social e experiência coletiva em Justinópolis/MG**", requisito final para a obtenção do Grau de Mestre em Antropologia, Área de Concentração: Antropologia Social - Linha de Pesquisa: Antropologia da Religião. A Comissão Examinadora foi composta pelas professoras doutoras: **Léa Freitas Perez - Orientadora (FAFICH/UFMG); Eufrázia Cristina Menezes Santos (UFSE) e Vânia de Fátima Noronha Alves (PUC-MG)**. Abrindo a sessão, a Presidente da Comissão Profa. Dra. Léa Freitas Perez, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra a Mestranda Juliana Aparecida Garcia Corrêa, para apresentação de sua Dissertação. Seguiu-se a arguição pelas examinadoras, com a respectiva defesa da candidata. Logo após a arguição das examinadoras, a Comissão se reuniu, sem a presença da mestranda e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Concluída a reunião, os membros da Comissão Examinadora aprovaram a dissertação por unanimidade e o resultado foi comunicado publicamente a candidata pela Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, a Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 11 de setembro de 2009.

  
**Profa. Dra. Léa Freitas Perez**  
(orientador)

*Devido ao mérito do trabalho a banca sugere sua publicação e indica para o concurso de dissertações de Anpocs.*

  
**Profa. Dra. Eufrázia Cristina Menezes Santos**

  
**Profa. Dra. Vânia de Fátima Noronha Alves**

  
11/09/07

Observação: Este documento não terá validade sem a assinatura e carimbo do(a) Coordenador(a)

**Prof. Dr. Eduardo Viana Vargas**  
Coordenador  
Programa de Pós-graduação em  
Antropologia - FAFICH/UFMG

Aos meus mestres.

Com carinho.

*Ana Lúcia Modesto, Capitã Luiza, Capitã  
Nenzinha(in memoriam), Capitão Adelmo,  
Dona Edinha, José Moreira, Léa Freitas  
Perez, Pierre Sanchis, Saul Marins,  
Romeu Sabará, Seu Dirceu e Seu Zezé.*

## Agradecimentos

---

Há alguns anos me propus lançar no desafio de entrar no campo investigativo da antropologia e não poderia tê-lo feito melhor. *Maintenan*<sup>1</sup>, concluindo essa passagem, respiro e sinto todo o processo.

Reconheço primeiramente, às instituições que tornaram possíveis a realização do mestrado. À Universidade Federal de Minas Gerais, em especial ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social pela aprovação e apoio durante o curso. À Prefeitura Municipal de Sabará e ao Governo de Estado de Minas Gerais, em especial, pelas suas secretárias de educação V.Ex.as Marta Del’Rio e Wanessa Guimarães, pela autorização especial concedida para freqüentar o curso. Importante acentuar que a entrada neste curso de mestrado foi especialmente possibilitada com o apoio dos pesquisadores e amigos: Prof. José Moreira, Wanessa Lott, Prof, Lucilene Alencar, Leonardo Jéber, Lauro Barbosa que atuaram de forma significativa na escolha e definição do lócus de pesquisa.

De fato, não é difícil perceber como o mestrado não se faz só, esta dissertação é, pois, fruto de uma experiência partilhada. Falo agora das diferentes pessoas que ao seu modo, [estudando ou fazendo festa], ensinaram-me como esse fenômeno deve ser levado a sério.

Agradeço aos professores do curso, Léa Perez, Pierre Sanhis e Ana Lúcia Modesto pela dedicação, competência e prazer na elaboração e execução das disciplinas. A forma como preparam e realizam as aulas colocaram-me diante de uma leitura preciosa e fundamental na constituição teórica desta pesquisa, afirmando o ambiente de sala de aula, lócus privilegiado na produção coletiva do conhecimento. Do outro lado, agradeço aos mestres do campo, Seu Zezé e Seu Dirceu, em nome de toda irmandade de Nossa Senhora do Rosário que me recebeu de braços abertos aos encontros. Agradeço a eles pelas horas dedicadas nas longas conversas, pela disposição em compartilhar um pouco na infindável sabedoria que possuem sobre a festa e sobre a vida.

Muitos acompanharam o trabalho de campo, trocando conversas, compartilhando imagens e sentimentos. À Aline Moraes, Carlinhos Ferreira, Damasceno e Denise Falcão que, especialmente, acompanhou-me não somente no campo, mas também no gabinete, realizando conversas diárias, revisões cuidadosas na formatação dos textos e das fotos.

---

<sup>1</sup> Neste momento, em francês.

Assim também toda a família, Efigênia, Juliano e Luciana que, de perto ou de longe, sempre, presentes e dividindo cada experiência vivida.

Gostaria de agradecer a banca examinadora, a prof<sup>a</sup> Eufrásia, uma figura inspiradora, vibrante nos congressos sobre festa. Obrigada pela generosidade em receber meu trabalho e por ter se deslocado do litoral para enveredar pelas Minas e Gerais. À prof<sup>a</sup> Vânia Noronha, companheira de profissão e dos festejos do Rosário a quem não posso deixar aqui de reconhecer, foi uma das culpadas nessa minha incursão ao estudo da festa.

Por fim, e por tudo, à prof<sup>a</sup> Léa, minha orientadora, logo no primeiro contato, claro, fui contagiada pela sua magia. Junto com sua filha Helena, acompanhou do começo ao fim o mestrado. [Agradeço a você, Léa] não somente pela competência e coerência de suas reflexões, mas fundamentalmente por fazer o estudo acadêmico uma experiência com vida, pela orientação nas diferentes dimensões de atuação e pela cuidadosa e valiosa leitura que fizestes do meu trabalho.

*Em todos os tempos e em todas as sociedades, o homem quer honrar seus deuses com festas; estabelece, assim dias durante os quais somente o sentimento religioso reinará em sua alma, sem ser chamado a pensamentos ou a trabalhos terrenos. Do número de dias que o homem tem pra viver, deu uma parte aos deuses.*

Fustel de Coulanges, 1995

## Resumo:

---

Esta dissertação apresenta uma reflexão antropológica sobre a festa, que teve como inspiração empírica o ciclo e o circuito festivo anual de uma tradicional irmandade do congado mineiro. Animados por seus santos de devoção, os membros da irmandade se movimentam com um único fim: o de festejar. Mais do que um fenômeno de lazer, a festa aqui se constitui numa obrigação social, sendo movida pela fé, é índice marcador de temporalidade destas pessoas, constituindo na forma privilegiada da vida social e da experiência coletiva do grupo. A periodicidade festiva, tratada sob a ótica da variabilidade da vida social e da experiência coletiva, remete diretamente ao princípio *maussiano* da alternância de ritmos da vida social e da experiência coletiva, permitindo pensar como os diferentes momentos festivos podem nos dizer sobre o modo como este grupo organiza sua vida coletiva. Todavia, o estudo revelou que a variabilidade não corresponde a uma simples circularidade, implica num mecanismo de inversão posicional. Por fim, pelas contribuições de Van Gennep, o tema nos conduziu ao que está em jogo: a *rotatividade do sagrado*.

Festa, vida social, sagrado.



## Resumé:

---

Cette thèse présente une réflexion anthropologique sur la fête, qui a eu comme inspiration empirique le cycle et le circuit festive annuel d'une traditionnelle comunidade de la congado minière. Animés par leurs saints de dévotion, les membres de la fraternité rencontrent avec seule objectif: de fêter. Plus q'un phénomène de loisir, la fête ici se constitue avec une obligation sociale, en étant motivé par la foi, elle est aussi indicateur de le temporalité de ces personnes, en constituant une forme privilégiée de la vie sociale et de l'expérience collective du groupe. La régularité de fête, traitée sous l'optique de la variabilité de la vie sociale et de l'expérience collective nous envoie directement au principe maussien de l'alternance de rythmes de la vie sociale et d'expérience collective, en permettant de penser comme les différents moments de la fête peuvent nous faire penser sur la manière comme ce groupe organise sa vie collective. Néanmoins, l'étude a révélé que la variabilité ne correspond pas à simple circularidade, implique un mécanisme d'inversion de position. À la fin, avec le contributions de Van Gennep, le sujet nous a conduit a sujet central : *la rotation du sacré*.

Fête, vie sociale, sacrée

## Lista de Ilustrações

---

Figura 1: Mapa da comarca de Belo Horizonte e suas regiões vizinhas .....	26
Figura 2: Calendário anual das festas em Justinópolis .....	28
Figura 3: Ciclos festivos mineiros.....	32
Figura 4: Ciclos festivos de Justinópolis .....	36
Figura 5: Sequências rituais das festas de reinado .....	48
Figura 6: Sequências rituais das festas de reisado.....	49
Figura 7: Vista superior do terreiro da festa de congado.....	55
Figura 8: Vista superior da casa de um devoto de Santos Reis.....	56
Figura 9: Cortejo nas festas do congado.....	64
Figura 10: Cortejo nas festas de reis.....	81
Figura 11: Alternância dos elementos nos ciclos festivos .....	112
Figura 12: Coroas e reis do reinado (Festa a Nossa Senhora do Rosário, 2008).....	118
Figura 13: Máscaras e reis magos (2008) .....	119
Figura 14: Tambores do candombe (acervo da irmandade 2005).....	120
Figura 15: Lapinha, devoto e caravana a Santos Reis (2008).....	121
Figura 16: Bandeiras e guardas no terreiro (Festa de reinado, 2008).....	122

Figura 17: Tambores do reinado, em destaque gungas do moçambique (2008)	123
Figura 18: Teatro na praça, entrada no terreiro e guarda de congo (Festa a São Benedito, 2008).....	124
Figura 19: Cozinha da irmandade (Festa a Nossa Senhora do Rosário, 2007).	125
Figura 20: Membros da irmandade de Justinópolis (2007, 2008).....	126

1ª Parte: Alguma introdução .....	14
1. Questões preliminares .....	16
2. Rastros de uma trajetória ou de como a festa se impõe .....	20
3. Justinópolis e suas festas .....	26
2ª Parte: Ciclo festivo e alternância .....	41
4. Nota teórica 1: primeiras considerações .....	43
5. Estrutura ritual e testemunho .....	58
5.1. Ciclo do Rosário ou Reinado .....	58
5.1.1. Abertura e fundamento: o candombe .....	58
5.1.2. Inauguração: levantamento dos mastros e das bandeiras .....	62
5.1.3. Alvorada e coroação dos reis .....	62
5.1.4. Procissão: condução e exibição pública do congado .....	64
5.1.5. Preces de entrada no terreiro: pedidos de licença e orações.....	68
5.1.6. Almoço: banquete aos reis e ao povo.....	69
5.1.7. Cumprimento de promessas e obrigação da festa .....	71
5.1.8. Encerramento e despedida: descoroação dos reis .....	72
5.1.9. Descimento das bandeiras e fim da festa.....	74
5.1.10. Fim do ciclo .....	75

5.2. Ciclo de Reis ou Reisado .....	75
5.2.1. Abertura e fundamento: a lapinha .....	76
5.2.2. Inauguração e retirada da bandeira .....	79
5.2.3. Alvorada: a formação da folia .....	79
5.2.5. Preces de chegada na casa do devoto: adorações e passos .....	81
5.2.6. Promessas e exibição dos reis .....	87
5.2.7. Jantar .....	89
5.2.8. Retirada da caravana e despedida da festa .....	90
5.2.9. Festa de arremate e despedida da festa .....	90
5.2.10. Fim do ciclo .....	91
3ª Parte: Alguma Conclusão .....	93
6. Sistema ritual e circuito das trocas .....	95
7. Nota teórica 2 : considerações finais .....	107
4ª Parte: O pós-texto ou o fim “di-certa-ção” .....	116
Bibliografia .....	127

1ª Parte:

Alguma introdução

---

*Então quem escreverá o estudo desses atos sem finalidade que não ficam restritos a normas, mas que ocupam um lugar imenso no curso da vida dos homens, envolvendo o que chamamos de 'história', de uma trama sem a qual a história não passaria de jogo de marionetes?*

Jean Duvignaud, 1983.

## 1. Questões preliminares

---

Inauguro esta escritura com uma espécie de apresentação. Apresento aqui [eu, Juliana] uma dentre as múltiplas possibilidades de narrativas suscitadas por um encontro. Não tratamos [nós, antropólogos], de um outro, mas sim de uma experiência partilhada com um mundo que encanta e que afeta. Rastros de uma trajetória de pesquisa modelam esta escritura, que não tem começo nem fim, se apresenta em seu desenrolar. Este trabalho não se propõe a nada além do que simplesmente é: narrar de um modo dentre outros possíveis, uma hi[e]stória que se descobre pela experiência da alteridade.

Revelada pela teoria dos autores e pela prática do campo, ou pelas práticas dos autores e pelas teorias do campo, é uma experiência que se inscreve em momentos de solidão e de compartilhamento. A dimensão empírica, elaborada a partir do trabalho etnográfico, ocupa um lugar especial, se insere não para comprovar ou confrontar com a teoria previamente admitida. É uma experiência disciplinadora da imaginação que se projeta, no sentido apresentado por Otávio Velho (2006), como um paraíso aberto à possibilidades múltiplas de reflexão.

O exercício da diferença acomete tanto o campo quanto a literatura, que foi escolhida de forma interessada, lida e citada categoricamente porque, como qualquer escritura, tem algo a nos dizer. A alteridade, ponto detonador deste processo antropológico, se dá na relação de diferentes que, não opostos, dialogam em seus possíveis comuns. Teoria e prática aqui não têm lugar definido, se fundem e se confundem.

Quero começar esta dissertação compartilhando experiências, algumas alhures ao tempo-espaço do mestrado e que são recuperadas de um modo outro, agora com reflexões pertinentes ao estudo acadêmico.

Nas festas, participei de diferentes modos. Ao acaso, cheguei a Justinópolis, em pouco tempo de contato, tornei-me pesquisadora. De início, muitos não me conhecendo, tomavam-me por uma jornalista ou como produtora de vídeos. Durante este tempo, conheci outras pessoas da irmandade e descobri que algumas delas moravam no mesmo bairro onde é a minha residência. Desde então, mudei de status, pois passei a frequentar as festas, acompanhada das minhas vizinhas, Dona Aparecida [rainha conga da irmandade] e suas filhas, Jocasta [caixeira] e Josiane [dançarina]. Esta categoria, nomeada pelos congadeiros acompanhante, indica uma noção de pertencimento à irmandade. Deste



modo, passei a conversar e a conhecer pessoas mais velhas e reservadas. Os membros da irmandade aproximavam-se com outro olhar, deixei de ser visitante, passei a ser integrante. Assim repetiu-se comigo a cena canônica da entrada do antropólogo no campo... O mito re-encenado!

Foi nesta dupla existência, de pesquisadora e de acompanhante, que realizei meu trabalho de campo durante os anos de 2007 e 2008. Em maio de 2008, durante a festa de São Benedito, recebi um convite do Seu Zezé, membro mais velho e bem respeitado na irmandade. Ele me convidou a mudar de categoria, “parar de brincar” e “levar a festa a sério”. Tratava-se de me tornar uma congadeira, integrar-me ao corpo de baile como dançante na guarda de moçambique. Muito representou esse convite, apesar de não ter sido aceito. Ainda como pesquisadora, precisava marcar a diferença.

São a estas pessoas que se dirige este estudo, que é o resultado empírico ou a epifanização acadêmica de uma experiência de relação. Conhecida como Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Justinópolis, situa-se na região metropolitana da capital mineira, envolvida pelos sopros da modernidade, enquanto vive sua tradição festiva por cinco gerações. Seu Dirceu, um dos membros mais antigos da irmandade, capitão regente das guardas, mestre da folia e um dos interlocutores privilegiados desta pesquisa me disse: *entre uma festa e outra, a gente procura trabalhar* (2005).

Essas pessoas se movimentam com um único fim: o de festejar. Mais do que um fenômeno de lazer, a festa aqui é uma obrigação social, sendo movida pela fé, é também índice marcador de temporalidade dos membros da irmandade.

Estabeleço então um recorte para a pesquisa. Trata-se de festas que constituem a forma privilegiada de vida coletiva deste grupo: Festa a Nossa Senhora do Rosário, a São Benedito, a São Sebastião, Caravana de Santos Reis e Folia de São Sebastião. Festas tradicionais do estado de Minas Gerais.

Trata-se, portanto, de um ciclo-circuito festivo que corresponde a um calendário anual. A periodicidade festiva remete diretamente ao princípio maussiano da alternância de ritmos de vida social e de experiência coletiva: *A vida social não se mantém no mesmo nível nos diferentes momentos do ano, mas passa por fases sucessivas e regulares de intensidade crescente e decrescente, de repouso e de atividade, de dispêndio e reparação* (Mauss, 1974: 324). Nesta perspectiva, o foco de análise é ajustado para pensar como os diferentes momentos festivos podem nos dizer sobre o modo como este grupo organiza sua vida social e sua experiência coletiva. Poderiam as diferentes festas, consoante a

afirmação de Mauss, serem “causas ocasionais” de um princípio mais geral da vida social e da experiência coletiva?

O ciclo festivo, dado seu caráter repetitivo, implica em um movimento não linear, que não tem começo nem fim, pois tem um mesmo ponto de partida e de chegada. Seu movimento [espiralado] indica uma rotatividade, implica em mudança posicional, deste modo, sendo sempre o mesmo, se faz outro. Como diria Manuel de Barros (2004), repete, repete até se tornar diferente. Assim também se dão estas festas que, sempre se repetindo, retornam de outra forma. No fim [de uma] se faz também o começo [de outra].

A experiência em Justinópolis possibilitou-me compreender algo sobre um ciclo outro. Aquele que nos indica e nos conduz ao encontro de nós e dos “nós” [no duplo sentido do tropo] que a vida nos coloca. Num mundo moderno onde, parafraseando Marshall Berman (1986), *tudo que é sólido se desmancha no ar*, deparei-me com outro mundo, no qual não há verdades absolutas, onde não há certo e nem errado, para o qual uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa, e, por serem coisas diferentes, podem ser a mesma coisa ao mesmo tempo. Busco com esta dissertação firmar o diálogo estabelecido entre o mundo acadêmico e o mundo empírico, no qual eu, assumindo a postura de diferente, de ambos, assumo um lugar nesta relação.

Importante pontuar que o tratamento que tenho dado ao processo investigativo em parte deve-se à experiência de dançarina, em outra parte teve como inspiração o trabalho da antropóloga Marisa Peirano (2008), que considera o fazer etnográfico como experiência mente - corporal, ou nas suas palavras, como *uma experiência vivida, como uma teoria em ação*.

Foi nos meandros dessa experiência, vivida de festa em festa, fazendo e me fazendo em hi[e]stórias, que fui despertada e atentada para perceber os ciclos de nossas vidas. Resolvi então hi[e]storiá-las. Já que só nos resta contar hi[e]stórias, por que não contar mais uma?

Sigo a escritura desse modo, alinhavando os rastros da minha trajetória de pesquisa, indicando como se deu a minha relação com a festa até se tornar um campo de investigação. Apresento, ainda nesta primeira parte, a irmandade de Justinópolis e suas festas, introduzindo temas fundamentais do trabalho.

Após apresentar as questões que preliminarmente orientaram a pesquisa, a atenção se volta para o ciclo festivo. Apresento desse modo, na segunda parte, a minha *descrição densa* da estrutura ritual das festas de Justinópolis, acentuando a composição das sequências rituais. Antes, entretanto, registro uma nota teórica sobre a literatura que me

forneceu subsídios para a composição do esteio teórico-metodológico da pesquisa. Convido ao diálogo estudos contemporâneos realizados por Léa Freitas Perez (2002, 2004, 2008), bem como sua interlocução com Jean Duvignaud (1983), pois apresentam um viés empírico-interpretativo que norteia todo este trabalho. Da teoria clássica antropológica, tomo como referência autores da escola sociológica francesa que trazem contribuições significativas para se pensar o caráter de alternância da festa. Nesta seção procuro aproximar-me da teoria da alternância de Marcel Mauss (1974) para pensar a experiência social e coletiva do grupo estudado.

Ainda no viés da escola francesa, na terceira parte, alinhavando alguma conclusão, retomo alguns dos autores apresentados na seção anterior; agora para estabelecer um diálogo com o circuito festivo. Nesta seção, dou atenção ao mecanismo que atua em suspensão espaço/temporal na festa e estabeleço três sistemas rituais.

Em seguida, lanço mão das contribuições teóricas dos estudos rituais, representadas por Arnold Van Gennep (1978), de modo a pensar a rotatividade das sequências rituais, o sistema ritual e circuito de trocas nas sequências rituais.

Por fim, retomo as contribuições discutidas ao longo do texto, sobretudo num diálogo entre Mauss e Van Gennep, com considerações sobre o ciclo-circuito da festa e suas implicações necessárias: a da variabilidade da experiência social e coletiva e a da rotatividade do sagrado.

## 2. Rastros de uma trajetória ou de como a festa se impõe

---

Esta hi[e]stória começa a ser traçada a partir de memórias de infância, poderia partir de qualquer ponto, mas se faz deste, não para definir uma trajetória de maturação ou de familiarização com o objeto no decorrer do tempo linear, mas, sobretudo, por outra questão que me parece mais plausível. Recorremos à memória de infância quando tratamos daquilo que nos é sagrado<sup>2</sup>. E este texto trata disto: o homem e sua experiência instituinte, o sagrado.

Começemos por compartilhar cenas que se construíram na interação com as ruas da cidade. Infância vivida na capital mineira, nas ruas de um bairro tradicional nas proximidades da região central. As primeiras lembranças chegam-me pela percepção auditiva, sentido tão pouco explorado, mas que é meio de comunicação e, assim como os outros sentidos, manifesta-se no “contexto da situação”, na expressão de Bronislaw Malinowski (1972), ou na “composição da cena”, como prefere Vincent Crapanzano (2005), apresentando ao pesquisador seu fazer etnográfico<sup>3</sup>.

Em algumas noites em casa, depois de chegar da escola, lembro-me da hora em que começava os deveres e meus ouvidos eram despertados pelo som produzido por tambores, seguido de vozes e de chocalhos. Começavam de longe e iam se aproximando até chegar à rua, do lado de fora de casa. *Lá vem o congado!* Era inconfundível. O som se aproximava, o coração acelerava, o corpo se inquietava. Medo e curiosidade tomavam conta de mim até que me dispunha a sair ao portão para ver o congado de Seu Bentinho e de Dona Conceição passar. Se me perguntassem quem eram aquelas pessoas, não saberia dizer muito para além do que via e ouvia: eram reis e seu cortejo.

A imponência da bandeira conduzindo aqueles homens, de cabeças reluzentes seja pelo brilho das coroas ou pelo suor das testas, exigia respeito. Não tinha como não sair ao

---

<sup>2</sup> Inspirei-me na leitura de *Le sacré dans la vie quotidienne* de Michel Leiris (1979). O sagrado é qualitativamente caracterizado pelo autor pela via da experiência infantil.

<sup>3</sup>A noção de contexto da situação implica, leva em conta, a interferência do ambiente na linguagem, ou seja, a situação em que os textos (enunciados) são produzidos (Malinowski, 1972: 304-306). A cena tem sua base na intersubjetividade, corresponde à *aquela aparência, a forma ou refração da situação "objetiva" em que nos encontramos, colorindo-a ou nuançando-a e, com isso, tornando-a diferente daquilo que sabemos que ela é quando nos damos ao trabalho de sobre ela pensar objetivamente* (Crapanzano, 2005: 359).

portão e, no mínimo, me curvar, ainda que sutilmente, sem que ninguém percebesse, diante da rainha. Digo *sem que ninguém percebesse* porque aquilo tudo ainda era muito estranho aos meus olhos, não sabia se silenciava, salvava de palmas ou se me deixava levar pela vontade de adentrar pelo cortejo dançando e cantando junto a eles. Mas enquanto eu não tomava coragem de seguir os homens que batem caixa e cantam ao Seu rei e Sá rainha, dava-me por satisfeita por restar ali, participando ao alcance do que me era possibilitado pelo olhar e pela escuta. Intrometia-me às vezes de forma muito acanhada, perguntando a um fardado com suas vestes azuis e brancas, ou a outro portando roupas comuns, sobre o que faziam, de onde vinham e para onde iam. Sempre passando e passando pelo meu portão, seguiam um caminho desconhecido.

Da curiosidade nasceu uma investigação pueril. A cada vez que eles passavam, acumulava mais informação. Com o tempo percebi que havia uma sequência na festa. Os tambores têm dias certos para sair, o cortejo não passa em qualquer lugar e tocam em louvor aos seus santos. Dispus-me a segui-los, mantendo distância. Descobriria assim que a rua era lugar de passagem e que o cortejo tinha como destino uma casa do bairro. Ao entrarem na casa, mais um mistério, os tambores silenciavam permanecendo mudos por um tempo. *Mas o que acontecia dentro daquela casa?* Intrigada por desvendar o mistério, mas contida pelo medo atribuído ao silêncio, ficava inibida de fazer qualquer movimento para entrar. Ademais, para além do medo, não me sentia autorizada, pois a boa e tradicional educação mineira reza que *só se deve entrar em casa dos outros quando convidado*. Não entrara na casa, portanto não avançara muito na investigação. O congado voltava ao seu lugar e a vida voltava à sua normalidade...

No ano seguinte o evento se repetia. O congado começava a descida da rua novamente, tocando os tambores, passando pela porta da minha casa. Consegui estabelecer outra aproximação, já com outros informantes para a pesquisa, descobrindo o motivo da passagem. Era uma festa em cumprimento de uma promessa, pois uma criança se curara de uma doença séria. Como graça, durante sete anos, os congadeiros [pagadores de promessas, em louvor a São Cosme e São Damião] se deslocavam de suas casas em procissão até a casa de Dona Zica, a feitora da promessa. Ela oferecia, em troca, uma festa. Acredito hoje que esta descoberta tenha sido um grande avanço na minha pesquisa, pois permitiu-me deslocar do lugar de observadora recalcada para o de observadora participante. *Tratava-se de uma festa para todas as crianças!* Aí estava minha permissão para acompanhá-los.

Preparando-me para essa mudança de lugar, desta vez participei do cortejo, coloquei-me em último lugar da fila junto a outras crianças da rua. Entrando na casa, notei que o medo e o mistério não tinham fundamento algum, tratava-se apenas de uma festa. *Ah, que beleza é a festa do congado aos olhos de uma criança! Muito doce, cachorro-quente, guaraná, pipoca, todo mundo sorrindo e tudo com fartura e para todos! Os santos sabiam mesmo do que as crianças gostavam.* A comida era o motivo do silêncio. E era só isso.

Pois bem, a semente havia sido plantada. Aquela criança que se lançara ao trabalho de campo [leia-se à vida] jamais poderia supor que acompanhar as festas do congado iria levá-la até esta dissertação de mestrado. Cá estou, tão longe e tão perto, compartilhando experiências esquecidas no tempo. Despertando-me para reflexões maduras, mergulhando em sentimentos experimentados na infância. Como Leiris tem razão!

Retornemos para outro evento antes de avançar. Comungo agora de dois acontecimentos basilares na composição da festa como campo de reflexão. Tratamos agora de outra cidade. Jequitibá, cidade localizada a 180 quilômetros a nordeste de Belo Horizonte, atualmente denominada como capital mineira do folclore. Anualmente recebe diferentes grupos tradicionais vindos das proximidades para compartilhar da Festa Nacional do Folclore. Durante o curso de especialização em Folclore e Cultura Popular, ofertado em Belo Horizonte pelo Unicentro Newton Paiva no ano de 2001, lancei os primeiros esboços de etnografia durante este evento.

Estando lá, pude perceber a praça central preenchida por tambores dos congados, reunidos em torno do rito de capina<sup>4</sup>. Na porta da igreja, dançadeiras do tear dançavam e cantavam em frente à praça, as pastorinhas aguardavam as folias passarem com reis mascarados que, acompanhados do coro de viola e vozes, exibiam os lundus, principal técnica de dança realizada pelos reis nas folias mineiras. Todos os cantos dos vários mestres eram seguidos, e, de modo diferente, faziam uma celebração comum.

Tudo se passava como se não houvesse organização, mas, literalmente, confusão. Entretanto, diante do caos, [hoje digo] tudo acontecia, ainda que parecesse não acontecer nada. Esta celebração do encontro com o sagrado fornecia pistas para a reflexão que me instigava naquele momento, qual seja, compreender o aspecto do gesto como componente

---

<sup>4</sup> Rito de capina celebra a colheita do milho. Trata-se de uma dança de roda, com sapateados e batuques de enxadas. Mais adiante voltarei a este rito.

ritual nas danças. Interesse que tomou outra forma logo nos primeiros dias de pesquisa, pois tratar dos gestos nas danças implica compreender o contexto de sua efetivação: a festa.

Quem se lança a uma pesquisa antropológica sabe que, em se tratando de festa, não basta somente observá-la, ela nos convida a participar. Nesta atividade investigativa somos tomados de tal modo que, participar se impõe e acarreta o distanciamento do roteiro previamente elaborado. Foi assim que, numa destas conversas, um mestre da folia se propôs a me contar uma hi[e]stória que fugia do roteiro, e, pelo mesmo motivo, não deixo escapar aqui.

*Vou contar o mais importante, aquilo que você não vê., a história da primeira folia, a folia de origem. Este é um grupo desde há 210 ano...*

*E a história inicia com São Francisco, quando ainda era embaixador dos franciscanos.*

*Na época, 23 anos depois, na festa dos reis do oriente, ele reuniu algumas pessoas que fizeram uma prece pro menino Jesus. Formou-se assim uma conferência, em que estavam presentes a humildade e força e a união no intuito de fazer um canto ao menino Jesus. São Francisco convidou a Floriza de Aquino, irmã do rei negro, e vestiu a pessoa que representou esse rei, cujo nome era Belquior. Seguiu outro com o nome do rei Gaspar, que era o dono da festa, e vestiu um homem mais moço para representar o rei árabe: Baltazar. Naquela época eles andavam de dia e todos tinha suas obrigações. Apressaram uma viola, um violão e um chique-chique prá tocá. Ao observar a caravana, Simão Varão apreciou e se ofereceu para compor a letra das músicas que eles tocavam.*

*Foi assim que se formou a caravana da Folia dos Reis na cidade de São Francisco de Assis, formada por São Gonçalo, São Vicente de Paulo e São Francisco de Assis: o embaixador dos Franciscanos*

(Mestre Geraldo Gonçalo dos Santos, 2001)<sup>5</sup>.

Esta experiência na Festa Nacional do Folclore permitiu-me aproximar-me da folia de reis. Tradicional manifestação do ciclo natalino, bastante difundida no interior do estado de Minas Gerais e de ocorrência mais restrita na capital. Em Jequitibá, e no seu entorno, estão localizadas as folias mais antigas e mais respeitadas do estado.

Os laços estabelecidos com os grupos das folias durante esta pesquisa despertaram-me a vontade do reencontro e fizeram-me retornar nos anos seguintes, e, após três anos, percebi que a festa ainda acontecia. Notei que muitas mudanças ocorreram. Uma outra estrutura foi criada para a recepção de turistas: barraquinhas e palcos de apresentação dos grupos. Confesso que, a princípio, pairava um sentimento melancólico em relação à tradição que se dava por finda, na medida em que a apropriação da festa pelo mercado resultava numa descaracterização. É assim que, pelo menos, reza a doxa. Para além dos julgamentos de cunho estético, fato é que este acontecimento permanece na cidade até os dias de hoje, dez anos depois da minha primeira visita.

Trato agora de pontuar um terceiro evento que antecede a entrada no mestrado, e que participa diretamente da pesquisa. O encontro com a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Justinópolis em março de 2000. Este encontro não tinha pretensão nenhuma, foi desses que se dá por acasos da vida. Na ocasião eu ciceroneava dois músicos paulistas, que pesquisavam crianças que cantavam, quando os conduzi até Justinópolis, onde pude ouvir a guarda de congo entoar maravilhosamente o Congo da Maria Amada<sup>6</sup>. Não há como não ficar deslumbrado com a musicalidade, pois, se, de acordo com a narrativa mítica fundadora da festa, Nossa Senhora se encantou e saiu das águas ao ouvir a música e os tambores, como eu, não ficaria encantada com aquela magia que soava, de vozes infantis, com fé, força e delicadeza?

Durante dois dias acompanhei o processo de gravação. Cantei, dancei, fui envolvida. Esta experiência semelhante à vivida na infância tomava-me os sentidos do

---

<sup>5</sup> Os registros dos depoimentos, transcritos no momento do relato, oscilam entre linguagem formal e informal. Durante a escrita, tentei manter-me fiel ao modo de falar, ou melhor, ao modo de contar hi[e]stória, dos mestres. Notei que estes tentam estabelecer um protocolo de narrativa no momento da entrevista, ocorre um discurso que comporta simultaneamente o coloquial e o formal.

<sup>6</sup> A melodia pode ser apreciada na faixa 7 do Livro Cd, Canções do Brasil: o Brasil cantado por suas crianças. Lançado pelo Selo Palavra Cantada, 2000.



corpo inteiro. Como uma boa dançarina, pensei, se algo faz sentir é porque faz sentido. A partir desta experiência resolvi ficar mais atenta ao que meus “olhos ouviam”. Não era a primeira vez que encontrara o congado, mas o interesse agora despertara de outra forma. Ao mesmo tempo em que apreciava aquelas crianças, eu me perguntava por que nunca ouvira falar daquele grupo tão conhecido pelo meio artístico de São Paulo, mas que em Minas passava, ou melhor, dizendo, cantava despercebido. Este duplo lugar de centralidade para o distante e de marginalidade para o próximo despertou-me curiosidade e interesse.

Fui convidada por Seu Dirceu, na época presidente da irmandade, a assistir a uma missa conga, durante a festa de São Benedito, no mês de maio. Esta celebração tem elementos que a diferem da liturgia tradicional no ofertório e nos cânticos, pois estes são realizados pelas guardas, conferindo um caráter especial à missa.

Após o encerramento da missa, a festa ainda continuava e outro convite surgira. Outra festa já estava sendo preparada para outubro. No dia 27 de outubro, retornando à irmandade conheci a grande festa de Reinado a Nossa Senhora do Rosário de Justinópolis. Esta festa fez parar a cidade, frequentada por aproximadamente setecentas pessoas. Antes mesmo do término da festa, fiquei sabendo pelo próprio Seu Dirceu que também sairia, em dezembro, a folia de reis, mais uma tradição festiva.

Entre idas e vindas, de festa em festa, comecei a definir e a incorporar o caminho investigativo e pude chegar a uma conclusão: a festa, modo privilegiado de estabelecer o encontro, aí estava, pois não há como se esquivar dela, e diante dos olhos, dos ouvidos, do tato e da boca, ia se impondo. Sempre passando, sempre retornando, a festa se modifica, mas nunca se extingue.

Essas diferentes experiências rapidamente aqui evocadas possibilitaram-me deslocar a festa para outro patamar, o da investigação antropológica sistemática e acadêmica. E assim veio o mestrado, e com ele a dissertação. O resto, claro, [como bem diria Léa Perez], são hi[e]stórias...

### 3. Justinópolis e suas festas

---

Aproximemo-nos, então, de Justinópolis e sua tradição festiva.

Saindo da capital mineira, pegamos uma via de acesso sentido norte, a longa avenida que recebe o nome de Padre Pedro Pinto, que atravessa o distrito de Venda Nova, seguindo até a cidade de Ribeirão das Neves, quando passa a ser chamada de Avenida Civilização. Tão logo a avenida muda de nome, paradoxalmente, nota-se uma diferença no panorama visual. Um estreitamento na pista e um movimento intenso de pessoas e de carros vão compondo outra paisagem, marcada pela poeira e pela pobreza. Chegamos à periferia. Estamos em Ribeirão das Neves.

---



---

**Figura 1: Mapa da comarca de Belo Horizonte e suas regiões vizinhas**

Cidade de aproximadamente 150 km<sup>2</sup> de extensão, localizada ao norte de Belo Horizonte, é composta aproximadamente por 340.000 habitantes distribuídos nos distritos de Justinópolis, Areias, Regional Centro e Veneza. Iniciou seu povoamento em fins do século XVII, às margens do ribeirão, mas somente recebeu este nome em 1953 conforme documento da Sesmaria (Carta SC 265 p. 121, 121 v, 122).

O ribeirão que batizou o município compõe a bacia do Rio das Velhas/Paraopeba, e corta seu território no sentido sudeste-norte, passando por Justinópolis e por Areias e

seguindo para o município de Pedro Leopoldo. Nas várzeas desse ribeirão, a lavra de mineral (areia e argila) é grande potencial gerador de renda no ramo ceramista, na fabricação de tijolos furados, nas olarias de médio e de grande porte. Outra fonte de renda da região está no cultivo de hortaliças, destinadas ao mercado da Ceasa, bem como comércios especializados do centro de Belo Horizonte, tais como o Mercado Central e o Mercado Novo.

A cidade é conhecida por sediar um centro para meninos carentes da sociedade São Vicente de Paula e um presídio estadual, a antiga penitenciária agrícola (PAN). Além dos problemas, como falta de pavimentação, precariedade do transporte público, falta de estruturação dos serviços de saúde e de saneamento básico, Ribeirão das Neves constituiu-se como uma cidade dormitório de Belo Horizonte.

Durante dois anos de trabalho de campo, fiz várias vezes o percurso Belo Horizonte/Justinópolis/Belo Horizonte. Em tantas idas e vindas, o ambiente que nos parece estranho começa a se tornar familiar. Com o tempo, não se percebe mais a sujeira, o barulho, a poluição da cidade. Outras coisas passam a ocupar nossa atenção. Foi, pois, nesta periferia da periferia, entre a poluição e o perigo, [relembrando Mary Douglas (1991) que me acompanhou sempre] neste depósito de impuros da capital, que, paradoxalmente, descobri a irmandade de Justinópolis como uma espécie de paraíso adâmico aberto a possibilidades múltiplas.

A irmandade, que recebe o próprio nome do distrito, está instalada há cento e quinze anos, quando este local ainda recebia o nome de Campanhã. Antecedendo à criação da própria cidade de Ribeirão das Neves, a localidade pertenceu inicialmente ao distrito de Belo Horizonte chamado de Venda Nova do Vilarinho; em 1911, passou para o município de Contagem, em 1938 ao município de Pedro Leopoldo e somente em 1956 integrou-se ao município de Neves, passando a ser chamada Justinópolis. A maioria das informações que nos possibilitam compreender o processo de migração, de instalação e de formação da irmandade se encontram em registros escritos ou na memória das pessoas mais antigas, fragmentadas em lembranças e em esquecimentos.

Diferentes rituais dão forma à vida festiva na irmandade. Obviamente que, como espaço de experimentação individual e coletiva, há inúmeras festas e motivos para festejar. Aniversários, formaturas, casamentos, jantares, visita de antropóloga em dias de entrevista.

Entretanto, conforme mencionado na introdução, o que nos servirá de recorte para este estudo são as festas religiosas conforme descrevo no quadro:

<b>Festas</b>	<b>Dia do santo</b>	<b>Dia da festa</b>
Festa a Santos Reis	06 de janeiro	06 de janeiro
Festa a São Sebastião	20 de janeiro	1º domingo após dia 20 de janeiro
Festa a Nossa Senhora da Luz	02 de fevereiro	02 de fevereiro
Festa a São Benedito	14 de abril	Último domingo de maio
Festa a Nossa Senhora do Rosário	06 de outubro	3º domingo de outubro

**Figura 2: Calendário anual das festas em Justinópolis**

Tais festas aos santos padroeiros, como bem demonstra Alba Zaluar, são expressão singular do catolicismo popular brasileiro. Constitui uma religião eminentemente prática na qual a linguagem é inserida no conjunto de uma ação ritual, onde *nos rituais e na maneira de conceber as relações entre os homens e os santos, está simbolicamente expresso o código rege as relações dos homens entre si* (1983: 116-117). Diz ela ainda:

*A prática popular espontânea – isto é, fora do controle da igreja – no manejo dos símbolos que os santos e as associações religiosas constituem sugere qual é a qualidade principal desses símbolos: sua capacidade de desdobrar-se ou reproduzir-se de acordo com o desdobramento e reprodução dos grupos,*

*redes ou categorias de pessoas pelos santos e associações religiosas representados* (1983: 64).

Em pequenas conversas com as pessoas durante a pesquisa, foi possível notar como o desdobramento das festas acompanha o desdobramento do grupo – fundação da localidade, constituição de parentesco, definição de grupo de profissionais. A referência ao ato festivo foi, em primeira instância, recuperada pela memória dos entrevistados para dizer da constituição de uma coletividade. Como mostro a seguir, a vida na festa é também expressão na e da vida coletiva como um todo.

Numa conversa, Seu Zezé, capitão mor da irmandade, contou-me da sua procedência de Areias relembrando hi[e]stórias que lhe foram contadas e vividas com seu avô, Manuel Messias. Sua saudosa lembrança revive situações em que ele, ainda pequeno, avistava os capinadores vindos em mutirão das roças para festejar a chegada do milho, comemorada na segunda capina em meados de dezembro.

*Antigamente existiam muitas outras festas, muito antes da Irmandade do Rosário, elas se davam na época da colheita na roça, as festas eram muito boas: nos dias da capina do milho, as mulheres começavam com a cantiga de roda, depois os homens chegavam e faziam o rito de capina, aí, vinha o batuque, a dança do recortado, e, mais tarde a dança braba e o batuque paulistana. Eu era bem pequeno, saía de casa em dezembro e só voltava depois da folia de Reis. Essa daí é bem antiga! Vindo pra cidade essas tradições que são da roça ia se perdendo, mas aqui, foi surgindo outras festas* (2008).

Pelo que me foi dito por Seu Zezé, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Justinópolis provavelmente provêm da Irmandade dos Arturos, uma das mais antigas de Minas Gerais. Hoje, fixados na cidade de Contagem, os Arturos ainda mantêm a tradição do rito de capina, chamada por eles de festas de chegada do milho<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Uma etnografia detalhada sobre a festa da primeira capina de milho entre os Arturos é encontrada no trabalho de Romeu Sabará, 1998.

Seu Zezé diz ter uns setenta anos, e lembra-se de coisas do tempo em que Justinópolis pertencia a Areias. Tenho aqui um problema, [ se é que é de problema que se trata mesmo] visto que a irmandade se instaurou no local há 100 anos, isto seria 30 anos antes de Seu Zezé nascer. Considerando que ele não sabe sua idade cronológica, ou quer ocultá-la, pois os mestres nunca falam sua idade, ainda não entendi se ele viveu isto quando era bem pequenino ou se lhe foi contado por outros neste período de infância. Os congadeiros sempre se confundem e nos confundem com suas hi[e]stórias, nos lembrando que o tempo da festa não é o tempo linear, cronológico, mas o tempo do sagrado, o tempo do mito.

Por hora, o que quero acentuar é que, de um modo ou de outro, as pessoas remetem a eventos festivos para dizer da origem da irmandade, passagem também destacada na narrativa de Seu Dirceu, logo na primeira entrevista.

*Seu José Jorge Messias, ele veio de Areias pra cá e trouxe a família quando aqui chamava, na época, Campanhã. Ele era mestre de obras e também tinha a tradição das festas de reinado. Suas festas agradaram a todos e de modo especial a um fazendeiro rico da região de nome Francisco La Banca. Ele era dono da maior parte destas terras e resolveu ceder um pedaço do seu chão pra modo de nós realizar. Aí levantaram nossa Igreja e, no ano de 1914, conforme lavrado na nossa ata de fundação, foi feita a escritura da nossa sede (2007).*

A fala de Seu Dirceu nos remete a outra coisa interessante. Apesar do lugar crucial que tem a oralidade na transmissão dos saberes e das suas tradições, o registro escrito é terminantemente decisivo. Nesta primeira entrevista, Seu Dirceu, enquanto falava da hi[e]stória, apresentava sua prova testemunhal, o livro de atas da irmandade. Eles, assim como também outras irmandades, arquivam seus livros, nos quais são lavradas atas desde a fundação, bem como várias outras decisões, depoimentos e acontecimentos importantes.

A estima dada à escritura é também ressaltada pela presença dos cadernos de passos da folia de reis. Guardados com muito apreço pelos foliões, é onde eles anotam os passos a serem recitados no dia da festa bem como suas hi[e]stórias e ensinamentos de

seus mestres. Quando visita outras festas, um bom folião nunca deixa de carregar consigo o seu caderno de passo ou, talvez possa dizer, seu caderno de campo.

Em Justinópolis, a Caravana a Santos Reis e a Folia de São Sebastião, têm duas raízes familiares, visto que aos Messias, juntaram-se os Vieira. Seu José Jorge Messias, filho de Manoel Messias e pai de Seu Zezé, folião e congadeiro em Areias, fundou a Irmandade do Rosário em Campanhã quando emigrou com sua família. Entretanto, não trouxe a folia de reis, continuou saindo com esta na região de Areias, pois em Campanhã já havia uma folia comandada por Francisco Vieira, irmão de Teovina Vieira. Teovina, por sua vez, emprestava seu terreiro quando os congadeiros dos Messias ainda não tinham lugar para fazer suas festas. Com o tempo as famílias se tornaram uma só: Seu Dirceu sobrinho neto de Francisco Vieira casou-se com Luiza, neta de Seu Jorge Messias, e tiveram três filhas. Esta família, carro-chefe condutor das festas de Justinópolis, re-uniu as duas tradições. Elos festivos e de parentescos que se confundem. Cultura na prática, como diria Marshall Shalins (2004).

A migração de uma área rural para uma área urbana e industrial corresponde a uma diferença quantitativa e qualitativa na substituição e no aumento do número de festas. Algumas festas são mais antigas, advém do processo de migração, outras foram instituídas com a fixação na área urbana. Enquanto umas deixam de existir, várias surgem, como os festejos juninos de São João. Seu Zezé ainda guarda um sentimento saudosista da época de infância, entretanto, mantendo uma impressionante lucidez, ele afirma que:

*Mas, a tradição é assim, umas coisas saem outras coisas entram...E a vida segue (2008).*

A frase de Seu Zezé é quase que, se não totalmente, uma paráfrase, não proposital *bien sûr*, da frase de Pierre Sanchis, numa nítida evidência da possibilidade de encontro da prática dos autores com a teoria de campo:

*Por uma que desaparece, reforçam-se dez, e quantas novas festas surgem um pouco por toda a parte! As mesmas? Ou semelhantes? Não completamente. E, se desaparecem algumas particularidades, criam-se outras e estabelece-se nova diversificação (1992: 16).*

Estas afirmações vão de encontro a certo discurso melancólico de resgate da cultura que vem sustentando uma abordagem estanque de tradição e de festa. A insistência no aspecto da ascensão da modernidade em detrimento da tradição não nos permite enxergar outras possibilidades que saltam aos olhos: a festa é e será sempre atual para aqueles que dela participam. Uma tradição religiosa festiva é vivida por mais de cem anos e, simultaneamente, vem estabelecendo um diálogo permanente com a contemporaneidade. Se, antigamente, as festas eram orientadas pelos períodos da colheita e ficavam restritas ao terreiro e aos membros internos, hoje outros elementos vão sendo incorporados, ou seja, a mudança é condição necessária para a permanência [da tradição]. Eventos festivos modificam-se, tomam outra forma, mas o mecanismo que possibilita o acontecimento da festa é permanente. Na origem, como diz Mauss, está a vontade de ligar (2001).

As festas de Justinópolis são semelhantes às festas já catalogadas como tradicionais no circuito religioso mineiro, segundo Saul Martins (1991). Consiste em um calendário anual que aqui classifico em quatro ciclos festivos, conforme o quadro:

<b>Ciclos</b>	<b>Meses de duração</b>	<b>Forma de Manifestação</b>	<b>Santos de devoção</b>
Marial	Abril – junho	Coroações	Virgem Maria
Junino	Junho – agosto	Quadrilhas	São João, Santo Antônio, São Pedro
Rosário	Setembro – novembro	Congados	Nossa Senhora do Rosário, Santa Ifigênia, São Bendito
Natalino	Dezembro – fevereiro	Folias	Santos Reis, São Sebastião

**Figura 3: Ciclos festivos mineiros**

Após um período de quaresma, as festas aos santos começam com uma data móvel, normalmente em fins de março ou começo de abril. Tem seu ponto mais preeminente, como o nome diz, no mês de Maria, ou seja, em maio, quando são realizadas pelas crianças as coroações a Nossa Senhora e às outras virgens. Neste período, também,



há ocorrência, ainda que com menor frequência, das festas ao santo negro São Benedito, realizadas pelas irmandades do rosário e associadas ao dia 13 de maio, dia da libertação dos escravos. Este ciclo termina com a chegada das festas aos santos juninos. O ciclo junino corresponde à formação das quadrilhas e com preeminência das festas aos santos, Santo Antônio, São João e São Pedro, começando no início de junho até fim de julho. Ao ciclo do rosário correspondem festas aos santos pretos, que ocorrem, segundo o calendário descrito pelo autor, nos meses de agosto, setembro e outubro, podendo ocorrer algumas, com menor frequência, no mês de novembro. O ciclo natalino compreende o período de dezembro a fevereiro, formado pelas festas aos santos reis, por cavalhadas e folias a outros santos. Em Justinópolis, há uma preeminência destes últimos ciclos.

O ciclo do rosário em Minas Gerais começa em meados de agosto com os cortejos aos santos: Santa Ifigênia, São Benedito e a grande padroeira Nossa Senhora do Rosário, que é comemorada no dia 07 de outubro. Também chamado Reinado ou Congada, é a comemoração de maior ocorrência no estado (Martins, 1991).

O mesmo autor estabelece um sistema classificatório no qual considera a matriz africana do congado com seus sete ternos (guardas) como uma família de sete irmãos: candombe, moçambique, congo, marujo, vilão de facas, catopés e caboclinhos (Martins, 1988). Cada guarda seria originária de uma etnia africana. De outro modo, Seu Dirceu considera as cinco últimas “irmãs” como variações de uma mesma matriz, o congo. Discordando de Martins, ele afirma categoricamente,

*o que existe são os três: o candombe de Angola, (pai de todos), o moçambique de Moçambique e o congo da República do Congo. O moçambique é o mesmo para todos congadeiros, já os congos se diferenciam uns dos outros, de acordo com a região e com a tradição de cada irmandade no Brasil (2008).*

As festas de congado remontam às festas de coroação de reis negros. Marina Mello e Souza (2002) realiza uma fundamental reconstituição histórica das festas de coroação dos reis negros, que já eram frequentes na África (portuguesa) e em Portugal. A congada é um modo de catolicismo africano que assume características peculiares durante a colonização ao ser reconhecida e incorporada de modo distinto pela cultura das

repúblicas do Congo e de Angola<sup>8</sup>. Tais manifestações católicas negras chegam ao Brasil com a instauração das irmandades e, em Minas Gerais, via África portuguesa e via Portugal, na época da mineração (século XVII). O registro mais antigo das irmandades em Minas Gerais foi realizado por André João Antonil por volta dos anos de 1705 a 1706. Entretanto, sabe-se que 1552 em Pernambuco já existiam confrarias do Rosário (Martins, 1991).

O quarto ciclo do calendário mineiro, como descrito por Martins, corresponde aos festejos natalinos e tem como característica as folias de reis, uma das manifestações típicas das comemorações de natal instituídas na Europa com a formação das peregrinações franciscanas do século XII. Esta manifestação, que tem como eixo devoção aos reis magos, nasceu e cresceu na Europa, chegando ao Brasil com forte influência da tradição africana. Segundo Roger Bastide, esta influência de proveniência ibérica é resultante de uma apropriação do sagrado pelo negro na Península Ibérica. O autor argumenta que o rei negro (Belquior) se tornou o representante étnico dos reis na visita do filho de Deus, prova disto é o forte destaque dado ao canto desse rei nos rituais (apud Gomes e Pereira, 1994).

Um dos registros mais antigos referentes à folia de reis no Brasil foi feito pelo Padre Fernão Cardim, em 1584, de acordo com Luiz da Câmara Cascudo (1984). Em Minas Gerais, a folia passa a receber o nome de reisado e é marcada fundamentalmente pelas pastorinhas e pelas caravanas aos santos reis. O nome reisado provavelmente foi influenciado pelo congado que já era conhecido como reinado. Hoje, reinado e reisado por vezes são tidos como sinônimos.

De acordo com Martins (1991), há quatro modalidades de reisado no estado, com personagens que variam de lugar para lugar: Reis de Caixa, Reis de Pastorinhas, Reis de Boi e Reis de Mulinha-de-Ouro. Na maioria encontramos os três reis magos, mas algumas têm marungos, bastião ou espias, personagens que representam Herodes. No ciclo natalino há também folias que saem a outros santos, como a folia a São Sebastião.

As festas aqui tratadas, é importante enfatizar, pertencem ao calendário religioso cristão que se sobrepôs ao calendário pagão. Os cultos às imagens dos de santos

---

<sup>8</sup> Um excelente trabalho deste mesmo tema é o de Rafael Barros Gomes (2008).  
Excelente trabalho

padroeiros incidem sobre as festas periódicas que cultuavam símbolos dos cosmos, como o sol e a água. Alguns foram mantidos, outros substituídos.

O ciclo natalino substituiu o ciclo da luz. Significando o regresso da luz, era, pois, uma celebração ao Deus Mitra, divindade persa que revelava o retorno do sol no auge do inverno no Hemisfério Norte (Solstício de Inverno) e que regulava as atividades agrícolas no período sombrio do ano. Assim, o ciclo começava em novembro, quando as colheitas terminavam e se estendia até fevereiro, início da primavera. Este culto era muito difundido em todo o império romano no último século antes da vinda de Cristo. A festa de natal fixada pela igreja em Roma no século IV manteve a data que era comemorada o culto ao nascimento do deus, dia 25 de dezembro (Kron, 2005).

A constituição dos santos como padroeiros parece ser uma solução encontrada pela igreja católica para resolver os problemas oriundos do culto às divindades vivas pagãs, no quais, por exemplo, deuses e heróis matadores de dragões se transformaram em São Jorge, assim como, deusas e divas da fertilidade nas diferentes modalidades da Virgem. Assim o cristianismo hispânico – respondendo a um modo peculiar de expansão <sup>9</sup>, sucedeu ao paganismo, mas os rastros do último ficam nas ninfas que se tornaram fontes, nos santuários que formaram capelas no alto dos montes, nos deuses utópicos, que se transformaram em santos patronos (Rodrigues, 1998). Epifanias de epifanias...

Após essa necessária pontuação hi[e]stórica, retomo o calendário festivo mineiro, agora com atenção específica para as festas de Justinópolis.

Os ciclos do rosário e de reis são definidos e reconhecidos por seus membros conforme o calendário ilustrado a seguir:

---

<sup>9</sup>Uma leitura precisa sobre a influência peculiar do barroco ibérico na formação da cultura brasileira é a de Rubem Barbosa Filho, 2000.

Ciclos	Meses de duração	Forma de Manifestação	Santos de devoção
Rosário	Janeiro – novembro	Congados	São Sebastião, São Benedito e Nossa Senhora do Rosário
Reis	Dezembro – fevereiro	Folias	Santos Reis, São Sebastião e Nossa Senhora da Luz

**Figura 4: Ciclos festivos de Justinópolis**

A disposição dos ciclos no ano nos mostra que o ciclo de reis tem duração menor, e o ciclo do rosário maior. Há um período que pertence aos dois ciclos, os meses de janeiro e fevereiro. Um olhar mais atento nos diz que há um período não ilustrado que corresponde à quaresma. O calendário anual apresenta-se, desse modo, como uma estrutura cíclica, definida por três partes. Como já observado por Vânia Alves,

*O ano, derivado das palavras annus, annulus, se torna uma figura, também, circular. Não é sem sentido os rituais de início de um novo ano, pois eles simbolizam o recomeço do tempo. Isso ocorre no Congado. Suas festas são marcadas, de acordo com o calendário litúrgico católico, que por sua vez, segue o gregoriano e sua divisão duodecimal, com referências lunares. Assim, obedecendo ao calendário litúrgico, eles definem a abertura e o encerramento do Reinado e suas pausas (2006: 153).*

Ainda com a mesma autora, nota-se que é fundamental a compreensão desta estrutura cíclica pela composição tradicional dos três mistérios do rosário, pois, ele é a

matriz imaginária e imagética que orienta a devoção do congadeiro (Alves, 2006)<sup>10</sup>. Como ela ressalta, as festas do ciclo do reinado se concentram nos mistérios gloriosos.

*Nos meses que nós estamos vivendo a quaresma, o Reinado fica parado, o Reinado tá fechado. Não tem nenhum instrumento rufano, então, para se celebrar o terço a gente celebra o mistério doloroso que nós tão vivendo a paixão de Jesus Cristo morto (Seu Dirceu apud Alves, 2006: 150).*

Observei que em Justinópolis, a lei do rosário é mantida para todo calendário anual: as festas do reinado se concentram nos mistérios gozosos, no período que corresponde aos mistérios dolorosos, a irmandade guarda todos os tambores e permanece sem festas. Fato corroborado pela fala de Seu Dirceu quando nos diz:

*Cada terço tem cinco mistérios, cada mistério são dez ave-marias. O rosário tem o total de 150 ave-marias. Antes não existia o rosário, existia o que o negro tinha, pétala de rosa. A igreja inventou o terço, mas as rezas do rosário já existia pros negros. Em cada uma das festas, nós reza um dos mistérios do rosário (2008).*

Seria muito interessante atentarmos para o período de pausa da festa, para qual maneira ele nos diz sobre o modo de estabelecer a relação com o sagrado. Entretanto, uma reflexão mais desenvolvida sobre a pausa festiva e suas implicações deixarei para aspirações futuras. Passo agora a compreender a forma como algumas festas ensejam às outras, formando camadas de pequenos ciclos até a formação do ciclo-circuito, foco central desta dissertação, sua razão de ser. Começemos por uma primeira aproximação.

O ciclo maior (anual) comporta dois pequenos ciclos (Rosário e Reis) e cada um deles possui três festas dedicadas aos santos padroeiros. As festas do ciclo do rosário,

---

<sup>10</sup> Os mistérios do rosário de Maria são: gozosos [nascimento de Jesus Cristo, júbilo e glória], dolorosos [sofrimento de Jesus, crucificação, morte], gloriosos [ressurreição de Jesus]. Há ainda os luminosos, produto de acréscimo feito por João Paulo II e refere-se à vida do Filho de Deus, seus milagres, suas pregações e seus feitos importantes (Perez, 2009).

chamadas de festas de reinado, acontecem no terreiro da irmandade. Realizada no domingo próximo ao dia 21 de janeiro, a festa a São Sebastião, santo padroeiro da coletividade, recebe tanto foliões quanto congadeiros. Ela é peculiar, pois pertence aos dois ciclos. Sendo “duas festas em uma”, as pessoas vivem duas encenações com transmutação de papéis. No dia de São Sebastião, o terreiro conta com as guardas de congo e de moçambique e a caravana a santos reis da irmandade, recebe ainda a visita de outras folias e de cavalgadas que se reúnem para devoção ao santo.

A festa a São Benedito acontece no segundo domingo de maio. São Benedito é um santo muito popular e reconhecido como “santo de pretos”. Na sua festa comemora-se o dia da libertação dos escravos (13 de maio), que é exaltado pelos membros da irmandade numa bela intervenção cênica na praça da igreja matriz da cidade. A importância desta festa no ciclo-circuito se dá porque a ela corresponde o dia da coroação dos reis festeiros pelos reis congos, responsáveis pelo acúmulo das economias necessárias para a realização da festa de outubro.

Encerrando o circuito de festas deste ciclo, a festa do segundo domingo de outubro é oferecida pelos reis festeiros aos reis congos em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, a mãe dos congadeiros<sup>11</sup>. Sendo a festa mais importante, tem três dias de duração, e recebem o maior número de visitantes, inclusive guardas vindas de diferentes regiões do estado.

O ciclo do rosário, aberto com a coroação dos reis congos em janeiro, somente é encerrado após a realização das três festas e com a respectiva descoroação em novembro, ambos na batida do candombe.

O período das festas do reisado é iniciado pela montagem da lapinha [construção do presépio] no dia oito de dezembro, terminando com sua desmontagem em 2 de fevereiro.

Ao Reisado de Justinópolis corresponde um ciclo de duração menor quando comparado ao Reinado. Entretanto, a irmandade permanece festejando todas as noites durante o período. E, se comparado às outras festas de reisado do estado, Justinópolis tem um ciclo festivo maior, pois não termina no dia de Reis, como o de costume dentre as folias mineiras, se estendendo até dia de Nossa Senhora da Luz.

---

<sup>11</sup> Originalmente se festejava a Nossa Senhora do Rosário no mês de setembro. A mudança ocorreu em função de uma organização de calendários feita entre os congadeiros e as diferentes irmandades para que as datas dos festejos não coincidisse.

Segundo Seu Dirceu, o dia 06 de janeiro, não é o dia de desmonte da lapinha tampouco o dia que marca o fim dos festejos natalinos. Diz ele:

*A história ensina o contrário, pois após o dia da chegada dos magos, a coroação e a entrega dos presentes é que o povoado começou a festa (2008).*

Cada uma das três festas de Reisado marca uma das três etapas que corresponde a um trecho da caminhada dos reis. Realizada na casa de algum dos devotos, a Festa a Santos Reis e a Festa a Nossa Senhora da Luz não tem lugar fixo, variando de ano para ano. A festa a São Sebastião, por pertencer simultaneamente ao congado e ao reisado, diferentemente das outras duas, acontece sempre no terreiro do congado.

Durante todo o período, a caravana percorre diferentes casas visitando as lapinhas, cantando versos e recolhendo doações. Cada vez que a folia bate numa casa, ela conta trechos da hi[e]stória da peregrinação do reis magos, uma narrativa que tem no texto bíblico sua escritura principal, mas que recebe algumas pinceladas de outros eventos míticos, acrescentando uma coloração diferente ao modelo inicial (1994)<sup>12</sup>.

A primeira etapa da folia sai no ritmo das batidas de caixa de nome Rei Novo, narrando o Ciclo da Boa Nova ou Nascimento. É chamado de giro de ida, pois corresponde à saída dos reis de suas terras até a chegada à lapinha. Começa na virada do dia 24 para o dia 25 de dezembro, estendendo-se até o dia 06 de Janeiro, quando se comemora a Festa de Reis.

A segunda etapa indica a chegada dos reis na lapinha, o oferecimento de seus presentes e suas respectivas coroações pela Virgem Maria. Nesta etapa, a folia troca de bandeira, muda suas batidas de caixa e os versos cantados, seguindo com estes até o dia 21 de janeiro na Festa a São Sebastião.

A terceira etapa da folia acompanha os ritmos de nome Rei Velho, começa com a apresentação do menino Jesus ao templo e narra o retorno dos reis magos para suas terras. A festa de encerramento do ciclo do reisado é chamada, pelos membros da irmandade, de *festa de pifania*, diferentemente do que ocorre no costume cristão, a epifania na irmandade não se dá no dia de reis, é comemorada no dia 02 de fevereiro, em homenagem a Nossa Senhora da Luz.

---

<sup>12</sup> O termo *coloração* nos remete à interferência da cultura negra na tradição Ibérica, tratada por Gomes e Pereira (1994: 61).

Segundo Seu Dirceu, a festa da *pifania* é a festa de encerramento, a festa de arremate da folia. Ela é a maior festa, representa a viagem de volta dos reis, o último encontro antes da despedida final do retorno definitivo para suas terras.

É deste modo que a irmandade de Justinópolis segue sua vida, com muita festividade e com muito trabalho. Sob a direção de Seu Dirceu, Seu Zezé, Edinha, Luiza, Adelmo e Nenzinha (*in memoriam*), eles se quebram e requebram [na festa e fora dela], ludibriando os tempos do trabalho e os tempos do lazer. Contando-nos suas hi[e]stórias mostram-nos também, de um modo especial, o jeito que lidam com a própria hi[e]stória.



2ª Parte:

Ciclo festivo e alternância

---

*A repetição festiva é a abolição da  
diferença entre o ser e o ter sido.*

DaMatta, 2008.

#### 4. Nota teórica 1: primeiras considerações

---

A festa vista como acontecimento coletivo ultrapassa o sentido da comemoração e atua na formação dos vínculos que fundamentam a experiência humana. Ao longo dos capítulos anteriores, procurei esboçar como ela marca hi[es]tórias, e de um modo particular em Justinópolis, pontuando e regulando o curso das vidas das pessoas.

A festa é índice de temporalidade, marca os tempos fortes, culminantes, para a coletividade. Materialidade disso nos nossos calendários, que colocam em destaque os dias de domingo e de feriados [leia-se, dias de festas]. De fato, como nos diz Roberto DaMatta (1983), temos um modo especial de sociabilidade, pois somos submetidos às regras de um país carnavalizado, logo, às regras da festa.

Antes de avançar na questão, quero considerar primeiramente a proposição de Perez (2002) de tomar a festa como

*uma forma lúdica de sociação e como fenômeno gerador de imagens multiformes da vida coletiva, que busca mostrar como o vínculo social pode ser gerado a partir da poetização e estetização da experiência humana em sociedade (2002: 17).*

Assim, o estudo da festa fornece elementos para pensar as bases constitutivas dos vínculos que fundamentam a experiência humana nas dimensões da vida social [regra estrutural] e da vida coletiva [ordem dos sentimentos]. Admitimos a noção de estrutura da vida social, bem entendida, em seu dinamismo, incorporando o termo “*sociação*” de Simmel,

*como um processo permanente do vir a ser social que, não se confunde nem com a socialização nem com a associação, uma vez que dá conta, não de conteúdos, mas da “forma” (realizada de incontáveis maneiras diferentes) pela qual os indivíduos se agrupam (Simmel apud Perez 2002: 18).*

Tal proposta aproxima o estudo da festa ao domínio da estética, do lúdico, do sonho, da arte, [*en bref*], do imaginário. A teoria seminal de Durkeim nos fornece bases

elementares para a compreensão da festa como lugar privilegiado de exaltação dos sentimentos coletivos. Para o autor, a festa é um agrupamento único em estado de exaltação geral em torno de uma coisa ou alguém e gera efervescência coletiva, exaltação das paixões comuns, produzindo a comunhão de sentimentos que possibilita a transgressão de normas e reforço dos vínculos (1985). Diz ele:

*No seio de uma assembléia que esquenta uma paixão comum, encontramos suscetíveis de sentimentos e de atos de que somos incapazes quando estamos reduzidos às nossas forças (1985: 300-301).*

De outro modo, podemos acentuar o caráter do estar - junto na festa, a partir das reflexões trazidas por Mauss (1981) com seus estudos sobre rituais funerários australianos. A passagem abaixo exhibe o caráter coletivo e, ao mesmo tempo, obrigatório da expressão fisiológica dos sentimentos.

*Não são somente os choros, mas todos os tipos de expressões orais dos sentimentos que são essencialmente não fenômenos exclusivamente psicológicos, ou fisiológicos, mas fenômenos sociais, marcados eminentemente pelo signo da não espontaneidade, e da obrigação mais perfeita (1981: 325).*

Neste pensamento, o autor indica a centralidade da festa na experiência humana. Pela incorporação de três elementos: *corpo, consciência individual e a coletividade*, a festa expressa *a própria vida, o homem, sua vontade de viver ele mesmo sua vida* (Mauss, 1981: 334).

Avançando um pouco mais, é necessário considerar como os trabalhos inaugurais de Durkheim e Mauss forneceram ingredientes para Roger Callois (1989) elaborar sua teoria que ressalta a alternância de ritmos que a festa produz.

A noção de efervescência coletiva de Durkheim foi incorporada como momento que corresponde ao cume do ritual, indicando assim a existência de um rompimento temporal da festa com a vida profana para realização da experiência plena do sagrado (Callois, 1989). Assim, com base no autor, podemos dizer que a amplitude ritual, ou, em

suas palavras, uma *violação ritual*, diferencia o tempo dos ritos cotidianos, caracterizado como profano e desgastante, do tempo sagrado [leia-se tempo da festa] como aquele que revitaliza. De acordo com o autor, o tempo da festa

*representando um tal paroxismo de vida e rompendo de um modo violento com as preocupações da existência quotidiana, surge ao indivíduo como um outro mundo, onde ele se sente amparado e transformado por forças que ultrapassam [assim], vive na recordação de uma festa e na expectativa de outra, pois a festa figura para ele, para a sua memória e para seu desejo, o tempo das emoções intensas e da metamorfose do seu ser (Callois, 1989: 96-97).*

Callois apoiou-se também em Mauss, tomando como base a *estação das festas* contrastantes nas sociedades esquimós e suas implicações nas variações do modo de fazer religião<sup>13</sup>.

Mauss nos indica que enquanto o verão abre o campo ilimitado da caça e o inverno o restringe ao máximo, do mesmo modo o verão produz a dispersão e o inverno a aglomeração. Em suas palavras:

*É essa alternância que exprime o ritmo de concentração e de dispersão que essa organização morfológica apresenta. A população concentra-se ou dispersa-se como a caça. O movimento que anima a sociedade é sincrônico em relação à vida ambiental (Mauss, 1974: 292).*

Para o autor, o período de maior concentração e de maior expressão do sagrado na sociedade esquimó corresponde ao inverno, que é também [*et pour cause*] o período da festa.

---

<sup>13</sup> Refiro-me ao que diz nessa passagem que extraí de Mauss: “não há religião no verão, ela se restringe a um culto privado doméstico e a magia aparece de modo simples. O inverno é um estado de exaltação contínua, com a presença do xamanismo público a toda comunidade” (2003: 295).

Acompanhando as contribuições dos autores, [ainda que falem da festa em relação à sociedade, diferente do tratamento que tenho dado, pois adoto a versão de Perez (2004), que trata a festa como perspectiva], notamos como a festa, em sua multiplicidade de formas, evidencia a experiência singular do sagrado, fazendo-se como um período peculiar de transgressão da ordem e de atividade coletiva intensa. Podemos assumir então que de maneiras inusitadas, a festa atua sobretudo como um operador de ligações. Como bem salientado por Perez, trata-se, portanto, de um mecanismo festivo atuante. Diz ela,

*O fato (leia-se festas instituídas) não se confunde e não se sobrepõe ao mecanismo. A desconstrução, desrealização do real instituído e a decorrente abertura para o imaginário, isto é, o não instituído, operação fundamental realizada pelo mecanismo festivo, é uma virtualidade que pode eclodir ou não no interior das festas instituídas (2004: 16).*

Creio que chegamos ao ponto que me permite retomar e lançar um outro olhar para as questões preliminares da pesquisa. Tomo a liberdade de usar do mesmo argumento que foi utilizado por Mauss, Callois, entre outros, de outro modo. Adoto aqui a teoria da sazonalidade não como uma ilustração da vida religiosa, mas como princípio geral de alternância da vida social e da experiência coletiva.

A passagem a seguir é um convite para pensar o princípio da alternância como via de regra para a experiência humana. Já mencionada na introdução desta dissertação, devido à sua importância, repito-a novamente.

*A vida social não se mantém no mesmo nível nos diferentes momentos do ano, mas passa por fases sucessivas e regulares de intensidade crescente e decrescente, de repouso e de atividade, de dispêndio e reparação (Mauss, 1974: 324).*

Sinto-me inclinada a propor que as duas modalidades de festa de Justinópolis, alternando-se, possibilitam a variabilidade de experiências e produzem modos distintos de estabelecer vínculos. A alternância pode ser pensada em boa medida se utilizarmos as categorias desenvolvidas por Arnold Van Gennep (1978) e Victor Turner, (2000),

autores que inauguram o estudo de rituais, como categoria a autônoma em relação a outros domínios<sup>14</sup>.

A dinâmica da mudança que o ritual favorece se aplica não somente aos ritos de passagens, onde ela é estrutural, mas a todos os ritos. A ocorrência do rito é destinada a se repetir todas as vezes que ocorrem circunstâncias que o produzem (Van Gennep, 1978). Desse modo, descartamos uma visão estática de rito, introduzindo um dinamismo a partir da consideração de sequências rituais que compõe cada rito.

Aqui, a ideia de sequência indica que não se devem tratar as partes do rito isoladamente, mas *na sua situação lógica*, ou seja, *no conjunto de seus mecanismos* (Van Gennep, 1978: 86).

Seguindo as orientações do autor, passemos agora para a estrutura ritual típica das festas do catolicismo popular brasileiro, presentes também nas festas em Justinópolis, examinando suas partes constitutivas, ou seja, suas sequências rituais: santos, bandeiras, reis, procissões, cumprimento de promessas, músicas, danças, comidas, preces.

Esses elementos compõem sequências rituais que, por sua vez, dão forma à estrutura das festas [reinado, reisado]. Em cada festa, adquirem diferentes atributos, podendo se repetir em diferentes sequências do mesmo ciclo e retornar de outro modo, no ciclo seguinte.

Conforme sugiro a seguir, é esta característica que confere o caráter de alternância, dando à estrutura das festas sua forma cíclica. Característica de suma importância a este trabalho.

---

<sup>14</sup> Rito passa a ser compreendido não como representação, mas como realidade vivida, paradoxo produtivo, como drama social em que comportamentos constituem unidades sócio-temporais mais ou menos fechadas sobre si mesmas (Victor Turner, 2000).

As seqüências rituais das festas de reinado seguem o esquema abaixo:

---

---

Elemento	Atributo
Candombe	Abertura do ciclo
Levantamento do mastro e bandeira	Inauguração do período festivo
Alvorada, coroação dos reis e formação das guardas	Início do dia da festa
Procissão	Condução dos reis ao terreiro
Preces	Pedidos de licença para realização da festa. Seqüência celebrativa de entrada no terreiro
Alimento sagrado	Almoço oferecido pelos reis festeiros
Promessas	Seqüência sagrada realizada pelas guardas e pelos devotos
Descorinação dos reis	Agradecimentos e despedida do dia da festa
Descimento dos mastros e guarda das banderías	Despedida final do período festivo
Candombe	Fechamento do ciclo

---

---

**Figura 5: Seqüências rituais das festas de reinado**



Nas festas de reisado os elementos são acionados de outro modo, configurando outras sequências rituais:

Elemento	Atributo
Montagem da lapinha	Abertura do ciclo
Retirada da bandeira	Inauguração do período festivo
Alvorada, mascaramento dos reis e formação da caravana	Início da noite de festa
Cortejo	Condução dos reis a casa do devoto
Preces	Pedidos de licença para realização da festa. Seqüência celebrativa de entrada na casa do devoto
Alimento sagrado	Jantar oferecido pelo devoto
Promessas	Seqüência profana realizada pelos reis aos devotos
Retirada da bandeira	Passos de agradecimentos e passos de retirada da caravana da casa
Guarda da bandeira	Despedida e mudança do período festivo
Desmontagem da lapinha	Fechamento do ciclo

**Figura 6: Sequências rituais das festas de reisado**

Para compreensão das sequências é importante enfatizar que os elementos camdombe, lapinha, bandeiras e reis configuram sequências rituais no início e no fim das

festas. Assim, para cada sequência de entrada na festa corresponde uma sequência de saída idêntica, porém inversa. Sabendo-se que o candombe e a coroação dos reis congos e a lapinha fazem referência aos ciclos [reinado, reisado], que ocorrem desse modo, uma vez em cada um dos seus respectivos ciclos. O elemento bandeira recebe atributo em relação ao período festivo e ocorre no início e no fim de cada uma das três festas de ambos os ciclos. Os outros elementos fazem referência ao dia da festa, e se repetem em cada dia no caso das festas do congado, e várias vezes em cada noite de saída da folia.

O toque do candombe e a montagem da lapinha constituem o fundamento da festa, pois evocam a cena fundante, onde tudo começou. Assim, eles são presença obrigatória para a realização da abertura e do encerramento dos seus ciclos festivos correspondentes. Como diz Seu Dirceu, as festas da irmandade falam sobre reis e sobre realezas de modos distintos, o candombe evoca o fundamento dos reis congos africanos e a lapinha evoca o fundamento bíblico dos reis magos (2008).

A realeza é exibida de formas diferenciadas nas festas: no reinado os reis são solenes e consagrados pela utilização da coroa e do cetro; no reisado, os reis são reconhecidos pelo uso de suas máscaras.

O fundamento da festa é transmitido pela oralidade, entoado pelos cantos e acompanhados das danças que se fazem presentes em toda a sequência festiva, dando cor, calor e agitação à cena festiva. Euridiana Souza (2009) nos lembra brilhantemente como a música é mana, essa substância manejável, mas independente, exatamente pelo poder que tem de dar valor às coisas e às pessoas. Acompanhada pelos gestos, responde sobretudo a uma experiência que não está à serviço de nada, se não pelo fato de responder à necessidade de gesticular e de produzir agitação. A eficácia do gesto, como nos diz Duvignaud, se dá *não só porque ele aparenta um si da existência e nos engaja na vida imaginária, mas, sobretudo porque extrai o mito da linguagem e o substitui na rede de uma comunicação* (1983:88). Assim canta-se e dança-se muito nas festas. A festa, esse dom do nada, é movimento corporal. Para além de tentar decifrar os significados dos cantos e das danças, importante é frisar a necessidade obrigatória de eles acontecerem. É o que Perez (2002) toma como significante flutuante.

Os cantos do reinado são entoados pelos capitães e pelas guardas. Cada guarda possui seu canto e seu movimento específico realizado pelos ritmos produzidos pelos instrumentos. Além das caixas de percussão, contam com um reco-reco e um patangome, instrumento típico de congado, que é construído por duas calotas de carro unidas e preenchidas por grãos de arroz. Quando tocada, produz um som de chocalho. Os toques

podem ser serra acima, serra abaixo, repicado e dobrado. A variação desses toques é dada pelo tempo empregado na frase rítmica em cada um deles.

Cada sequência ritual pede um toque de caixa específico. Alguns destes são definidos previamente, outros determinados pelo capitão da guarda na sequência da festa. É uma sabedoria que somente os mestres congadeiros possuem. Como diz Seu Dirceu, *se tem muito morro pra subir, mando um toque mais forte pra ajudar a seguir em frente e chegar lá em cima, se nós tamo descendo eu mudo pra serra a baixo, se não corre de mais* (2008).

No reisado, os cantos são realizados pelo mestre e pela caravana e se dividem em hinos de adoração e de passos. Os instrumentos tocados pelos foliões de Justinópolis são a viola, o violão, o cavaquinho, a sanfona e a caixa. A maioria dos foliões tem uma hi[e]stória que relaciona seu instrumento com a entrada na folia. Vale dizer que esses instrumentos têm mana, sendo utilizados com o único propósito de tocar na festa. De fato é o que se nota no relato que foi feito no ano de 1996 por Seu Adão, há quinze anos violeiro da folia de reis de Justinópolis.

*Esta viola tem quatro anos que tenho ela, eu fiz um voto de compara especialmente para acompanhá a folia. Essa como diz, eu já passei a orde lá pra casa, que o dia que eu fizer a minha última viagem, pra essa aqui sê doada prá folia* (apud Kátia Cupertino, 2006: 126)

Nas festas de reinado as danças ficam a encargo das guardas. A guarda de moçambique faz danças com gestos mais contidos e solenes, com os troncos curvados e os pés firmes no solo. De outro modo, a guarda de congo dança para o alto realizando gestos mais soltos e amplos, erguendo-se em direção ao céu. Nas festas do reisado, são os reis que exibem suas danças, variando entre fagote, fagote para lundu e lundu. Eles variam entre danças mais lentas e suaves para sapateados firmes e marcados.

De acordo com Van Gennep, há uma regra geral de ocupação de território em que os limites territoriais são marcados por um objeto que expressam interdição de caráter mágico-religioso (1978: 35). Postes, mastros, postiços, pedras ou estátuas, no mundo clássico, ou outros objetos mais simples que, hoje em dia, são colocados para demarcar esses limites e normalmente vêm acompanhados por um rito de consagração. É desse

modo que compreendo as sequências rituais de levantamento dos mastros e retiradas das bandeiras.

As bandeiras consagram o local sagrado, compondo o cenário festivo. Elas também anunciam o motivo da festa, seja circulando nas mãos de quem tem o papel de conduzi-las, seja fixadas nos mastros erguidos no terreiro. Sua função no rito [se função existe, *bien sôr*] é anunciativa. Isto me ensinou Seu Dirceu, contando uma hi[e]stória que, segundo ele, poucos conhecem ou se interessam em saber:

*A história conta da primeira bandeira que foi levantada, a bandeira de São João que se deu no encontro de Maria e Isabel. Maria já estava grávida e saiu em visita a Isabel. Isabel ia dar a luz e morava muito longe, muito longe, escondida no meio do mato. Isabel, após dar a luz a João, elevou um estandarte bem no alto pra anunciar às pessoas que o primo de Jesus havia nascido. A bandeira diz a anunciação do nascimento. Quando tem uma bandeira levantada, todos sabem que alguma coisa está acontecendo (2008).*

As festas de reinado podem ter várias bandeiras, três são indispensáveis: a de aviso, a de guia e a do santo venerado. Após a bandeira de aviso, começa uma novena que termina com o levantamento da bandeira de guia com a imagem de Nossa Senhora da Guia. Em Justinópolis, ela é sempre colocada no quintal da casa do capitão Adelmo, onde as guardas se reúnem para serem *guiadas* durante os rituais da festa. A bandeira do dia, também obrigatória, corresponde ao santo venerado. É levantada no terreiro na madrugada que antecede a festa. A estas três acrescentam-se outras, chamadas bandeiras de promessas que, se juntando ao grupo, preenchem com grandiosidade todo o perímetro do terreiro, colorindo e alegrando o espaço festivo.

No reisado temos três bandeiras. Elas indicam a fase que está batendo a folia. Na primeira batida ela sai com a figura de dois reis, pois de acordo com a hi[e]stória que conta o mestre Dirceu, Belquior havia sido deixado para trás. Logo após o encontro com o primeiro presépio a caravana segue com a bandeira completa com os três reis, o menino e a estrela-guia. A bandeira é trocada até o dia da festa a São Sebastião, trazendo estampada a imagem do santo. Após a festa, ela novamente é trocada carregando agora a ilustração da Nossa Senhora da Guia.

O levantamento das bandeiras do congado e a troca de bandeiras da folia são realizados sem obrigatoriedade das pessoas estarem com suas fardas, exceto a bandeira do dia da festa. No caso dos reis congos, eles não precisam usar suas coroas, e no caso dos reis magos eles também não precisam usar suas máscaras. É na alvorada que as pessoas se transformam, vestem suas fardas, pegam seus instrumentos, preparam-se para assumir seus respectivos papéis, mantidos por todo o dia de festa.

De fato, a alvorada corresponde a um procedimento de diferenciação, como acrescenta Seu Dirceu, as pessoas deixam de ser chamadas pelos seus nomes [Seu Dirceu] e passam a ser nominadas pelas funções no ritual [capitão regente do congado; mestre da folia de reis]. Assim ela nos introduz na performance festiva, esse conjunto de atos de mudança de vestuário, exteriorizado pelos materiais impressos no corpo, que integra uma sequência que faz *o grupo sair do mundo profano e o agregam ao mundo sagrado* (Van Gennep, 1978: 154).

Nas festas do congado, as funções estão dispostas numa hierarquia ritual formada primeiramente pelos reis, pelas rainhas e pelas princesas do reinado, seguida pelo capitão mor, pelo capitão regente, pelo capitão da guarda de moçambique e pela capitã da guarda de congo. Por último, os caixeiros e os dançarinos das guardas formam o *corpo de baile da festa*. A hora mais importante da alvorada é quando os reis recebem suas coroas. A coroação é chamada também de *tirada dos reis* (Seu Dirceu 2008).

Os reis e as rainhas do congado devem portar coroas, cetros e roupas finas. Os capitães usam fardas e portam bastões e espadas. O modelo das fardas da guarda de moçambique deve ser branco e azul formado por um saiote, por uma blusa, um lenço na cabeça, pelas gungas nos pés e pelo rosário, que é entrelaçado no tronco em forma de X. Na guarda de congo não há uma cor definida, nem um modelo fixo, não há gungas, o rosário é colocado sobre um dos ombros trespassado até o quadril do lado oposto ao ombro.

A hierarquia ritual no reisado é menos complexa que do reinado. Iniciada pelos três reis magos, seguida pelo mestre, é finalizada pelo coro de seis vozes e violas. As fardas dos violeiros não têm cores ou desenhos específicos, a uniformidade é dada pela calça social, sapatos pretos e um chapéu que não pode faltar na cabeça. Já os reis possuem uma roupa com cores e máscaras específicas. O Rei Belquior usa máscara negra e veste-se de vermelho, o Rei Baltazar usa barba e veste-se de branco e o Rei Gaspar usa máscara de jovem e veste-se de preto. Do mesmo modo, a alvorada não é dotada de tanto rigor e seriedade como no reinado. De modo mais informal, os integrantes da caravana vão

chegando e se reunindo na casa do mestre para aquecer suas vozes e violas. Não há na sequência algo que corresponderia à coroação dos reis, mesmo porque a ação de colocar e de retirar as máscaras é realizada em separado, mantendo em segredo a identificação das pessoas.

As procissões exibem o caráter público da festa, característica peculiar das festas do catolicismo popular brasileiro, tido como um catolicismo processional. Reconhecidas como atividades urbanas mais antigas, apresentam um rito-espetáculo, como nos diz Perez. Mostram uma maneira singular de viver em sociedade, de ver o mundo e de com ele relacionar, pois (...)

*(...) revelam uma sociedade que desde o começo vive do espetáculo, das mudanças e da fusão de vários códigos e registros intermutáveis, que ri de si mesma, que poetiza as relações dos homens consigo mesmo e dos mundos nos quais vivem, ou seja, o profano e o sagrado (Perez, 2002: 43).*

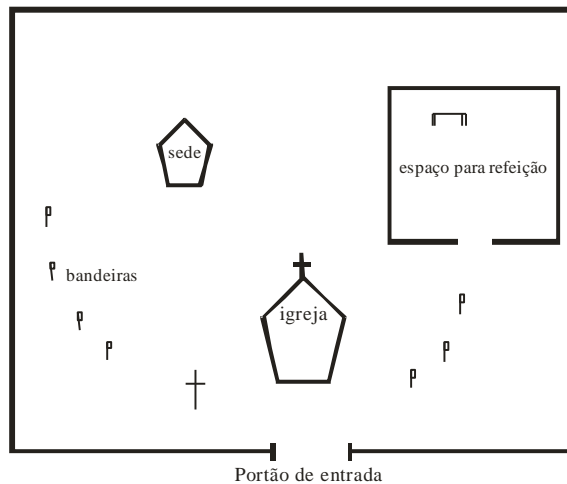
Podemos ainda considerar que as procissões são um meio conduzir as bandeiras, os santos e os reis. Essa sequência ritual encontrada em todas as festas da irmandade e que corresponde ao período de transporte do objeto sagrado de um lugar para outro é, por esse motivo, classificada na categoria dos ritos de margem (Van Gennep, 1978: 155).

Permanecendo nessa via de análise, observei um conjunto de sequências rituais que se destacaram pela sua preeminência celebrativa. São preces de caráter obrigatório, realizadas por um procedimento de recitação rígida e solene que corresponde aos pedidos de licença para entrada no terreiro do congado e para entrada na casa do devoto de santos reis. Segundo Van Gennep, esses procedimentos como passagem material na transição do espaço da rua para o local sagrado ocorrem pela existência da interdição de caráter mágico-religiosa, que normalmente é expressa por marcos, muros, imagens, poste, pórtico e soleira.

As sequências rituais de passagem nas festas da irmandade indicam como o rito de passagem material se torna um rito de passagem espiritual. Aqui, a margem, ou melhor dizendo, as margens, correspondem a uma simples passagem pelo portão de entrada, passagem pelos mastros no terreiro do congado, passagem pelas imagens dos santos e das bandeiras. O mesmo ocorre nas festas da folia de reis, que têm como interdição o portão

de entrada no terreiro do devoto, a porta de entrada e a imagem dos santos reis na bandeira e na lapinha consagrada.

O terreiro apresenta a seguinte espacialidade:

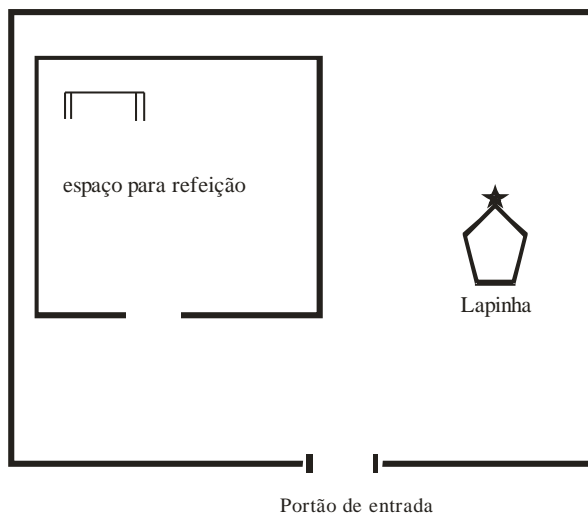


**Figura 7: Vista superior do terreiro da festa de congado**

Nas festas do reinado, procedem-se seqüências de licença para passagem pelo portão de entrada do terreiro e seqüências de licença para passagem pela cruz e pelos mastros. Em seguida há seqüências de orações na sede em adoração aos tambores do candombe e aos outros objetos sagrados e orações na igreja, ocorrendo na maioria das vezes em forma de celebração pública de missa.

No reisado o espaço sagrado é a casa de cada um dos devotos. Assim, a seqüência de pedidos de licença ocorre várias vezes na noite, o que a torna mais bem percebida pelo observador do que a que ocorre no terreiro. De fato, é importante ressaltar que a folia de reis é uma festa de interação mais direta entre os devotos e os foliões.

As casas dos devotos possuem a seguinte divisão espacial:



**Figura 8: Vista superior da casa de um devoto de Santos Reis**

A sequência ritual celebrativa de pedidos de licença no reisado correspondem à passagem pela porta, aos pedidos de licença, à entrega da bandeira, à adoração à lapinha e à oração ao dono da casa.

Nota-se que há uma analogia entre as sequências rituais do reinado e do reisado, que começa pela passagem pela porta, em seguida pelo fundamento da bandeira, depois pelo local sagrado onde está o fundamento da festa, (a lapinha ou a sede do candombe), terminando pelo local onde se realiza o cerimonial público (igreja ou a sala da casa do devoto). Desse modo, a casa do devoto de Santos Reis e o terreiro do congado estabelecem limites entre o mundo estrangeiro e doméstico e o mundo sagrado e profano, pois, como diz o autor, *atravessar a soleira significa entrar num mundo novo* (1978: 37).

A experiência de comer está na ordem da experiência fundamentalmente orgânica [corporal] e assim como a música e a dança é sentida no paladar, na escuta, e na ação gestual. O alimento, signo digerível, está presente em todas as festas. Como nos diz Callois (1989), não há festa que não comporte um elemento de pandega de excesso realizado pelo ato que comer. Se na vida cotidiana dos membros da irmandade de Justinópolis o alimento é regrado conforme as possibilidades econômicas, na festa, como também observou Zigmund Freud, ele figura *um excesso permitido, ou melhor, obrigatório, a ruptura solene de uma proibição* (1974: 168).

Assim, come-se muito em todas as festas. Nas festas de reinado é servido café da manhã para as guardas visitantes, às vezes um jantar ou um lanche no fim da tarde. Mas o



momento em que ocorre a maior distribuição de alimento é na sequência ritual do almoço de domingo. No reisado o alimento é oferecido pelo devoto, normalmente em forma de jantar ou lanche noturno, em cada casa a folia recebe algo para comer. Durante o percurso de uma noite da caravana podem ser servidos em torno de cinco lanches no período de seis horas. É a pandega a que se refere Callois. A sequência ritual do jantar é o único momento festivo em que os reis retiram suas máscaras. O ato de alimentar é um procedimento de aliança e de agregação. Todos se tornam iguais diante do alimento sagrado.

Assim como o alimento, as promessas indicam procedimentos de agregação (Van Gennep, 1978). Promessas são elementos fundamentais para a constituição das festas religiosas mineiras, como já pontuado por Zaluar (1983) e por Sanchis (1983), e evidenciam as relações de trocas entre os festeiros e os festejados. O cumprimento das promessas possibilita o estabelecimento de duplo vínculo: com a ordem divina e com a ordem dos homens.

Constitui-se como a sequência que mais se diferencia entre os ciclos. No reinado, o cumprimento das promessas é o cumprimento de uma obrigação, realizada com seriedade, revela o pólo da magia. As guardas circulam, cantando e dançando, em torno da igreja, conduzindo o dono da promessa a pagar o pedido realizado ao santo. As guardas convidadas que recebem o almoço têm a obrigação de retribuir.

No ciclo do reisado o cumprimento das promessas é realizado pelos reis que dançam para os devotos recebendo deles um pagamento em troca do espetáculo. Sempre com muito escárnio, com muito canto, e com muitos versos, essa sequência revela o pólo agonístico.

A sequência ritual das promessas nos coloca, em ambos os casos, diante de uma relação de troca a qual será mais adiante tratada.

## 5. Estrutura ritual e testemunho

---

Seguindo as pistas fornecidas na nota teórica, procurei compreender a constituição da estrutura ritual das festas em sua dinâmica, como indica Turner, ou seja, a função do símbolo em ação ritual (2000). Dito de outro modo: as atuações nos diferentes períodos da festa compõem as sequências rituais. Para tanto, acompanhei junto à irmandade as diferentes sequências, as que antecedem e as que sucedem o dia da comemoração. Tomo como referência a observação pessoal associada ao testemunho nativo. Apresento desse modo a estrutura ritual de cada um dos ciclos, colocando em destaque as sequências rituais e suas respectivas cenas.

### 5.1. Ciclo do Rosário ou Reinado

As três festas de reinado apresentam as mesmas sequências rituais. Entretanto, conforme se verifica pelo programa anexo, há particularidades que as diferenciam, como, por exemplo, o santo homenageado e o horário da missa. As programações são feitas e distribuídas pelos membros da irmandade, tornando a festa pública. Entretanto, o dia principal da festa não traduz toda a experiência festiva do ciclo, como aponta-nos Seu Dirceu, afirmando com propriedade:

*As pessoas só vêem o resultado final, mas muita coisa já aconteceu até lá... (2008).*

#### 5.1.1. Abertura e fundamento: o candombe

*O candombe na Irmandade não é de bizzarria, é de fundamento, ele não sai diariamente, não faz batuque em festas de aniversário, pode até fazer, mas não faz. O candombe é de firmamento. Ele firma alguma coisa importante (Seu Dirceu, 2007).* Ao empregar o termo fundamento, Seu Dirceu nos diz do lugar que o candombe ocupa na constituição da irmandade de Justinópolis. Mantido por poucos, é considerado o que tem de mais africano no congado, portanto mais sagrado. Como sequência ritual fundante, ele abre e fecha o ciclo do reinado, assim se fez na abertura do reinado no segundo domingo

de janeiro do ano de 2008, iniciado pelas palavras de Seu Zezé que, como membro mais velho da irmandade, fez as vezes, tirando pontos de licença para se aproximar dos tambores sagrados:

*Chego no pé de candombe de vera,  
Peço licença;  
Peço licença meu Santana  
E também minha puíca  
Do Rosário de Maria, no rosário  
Peço licença..*

Com os tambores em suas mãos, o mestre Zezé tocou em memória de seus mestres ancestrais. Dona Edinha tirou outro ponto, depois Seu Dirceu tirou mais um, os mestres se revezavam nos cantos, acionando o passado e reconstruindo o tempo da hi[e]stória de um modo outro. A festa vai se tornando assim um espaço para o exercício dos sentimentos coletivos.

Toda vez que é tocado, os tambores evocam trechos do mito de retirada de Nossa Senhora do Rosário, uma hi[e]stória que fundamenta todas as festas de congado e que me foi assim contada por Seu Zezé em maio de 2008:

*Isto aconteceu há muitos anos atrás quando negro era escravo dos senhores e sinhás de engenho. Eles viviam na senzala, e ela era o único lugar que podiam se divertir, a capoeira e o candombe era o que faziam depois que o Senhor dormia.*

Importante ressaltar que o candombe já existia. Neste momento, Seu Zezé pontuou veemente: no princípio era o candombe. Seguiu com sua narrativa:

*Assim como já é sabido, no meio de uma multidão de cem pessoas, sempre encontra um com mais fé, né!? Assim foi nesta época quando um negro, no meio de cem, viu essa moça bonita na proa do rio suspensa pelas plantas aquáticas. Na senzala, no momento da diversão, ele contava a história pros outros.*

*Outros negros de outras fazendas também viam a moça, mas só negro via, os brancos não conseguiam ver. Os negros eram colocados no tronco, sob a roda de bater tocada a água, pelos carrascos porque eram tidos como mentirosos. Mas nenhum castigo adiantou e a história foi espalhando pela região.*

*Todo mundo comentava da moça que os negros via, mas que os brancos não via!*

Uma outra pausa foi provocada pela esposa de Seu Zezé, que me trazia um café com broa de fubá. Enquanto tomávamos o café, o mestre me introduz ao saber/poder que os negros possuem. Sem ler nem escrever na língua de branco, restava ao negro manter a palavra. Seu Zezé proferiu algumas palavras que não ousou reproduzir, mostrando-me como o saber se converteu em poder e é mantido em segredo pelos mestres do congado que se comunicam na língua de negro. Após a pausa do café, continuou com a narrativa.

*De tanto insistir, aí os senhores reunidos resolveram dar um dia de folga pra todos os negros irem ver a moça deles no rio.*

*Na virada na noite de lua minguante do dia 13 de maio, os negros juntaram tambores de tronco ocado, cobriram com couro de cabrito amarrado com corda de cipó São João e formaram os candombes: Santana, Santina, guaiá.*

*No outro dia de manhã, descalços, os pretos velhos seguiram com os candombes pra beira do rio e os brancos ficaram do alto da colina, longe pra espiar. Quando negro tocou, a moça apareceu na proa do rio erguida pelas plantas e coberta por uma nuvem azul.*

O poder mágico é de outro modo ressaltado na narrativa quando nos conta que somente os negros podiam ver a moça e somente eles conseguiram retirá-la da água:

*Branco tocou negros com chicote, pegou a santa e levou pra uma emídia [igreja*

pequena], mas noutra dia quando foram lá, a santa não tava, tinha voltado pro rio.

*Os brancos desceram lá com banda de música, tocou bonito com seus instrumentos dourados, mas ela nem se mexia. Quando negro tocou o candombe a moça apareceu e veio em direção a margem. Mais uma vez, os negros retiraram a Santa, branco tomava, colocava na igreja, mas ela voltava.*

*Isto aconteceu três vezes até que o negro desafiou seu senhor: se negro conseguisse retirar a santa e deixar na igreja, os senhores dariam um dia de folga pro negro festejar. E foi assim que a moça saiu pela terceira vez.*

*Seu Zezé se levanta da cadeira, toma seu bastão nas mãos, mostrando-me com gestos o fim dessa hi[e]stória:*

*Negro tocou o camdombe, tirou ela d'água e beijou sua mão, "Com licença moça bonita".*

*Aí o nego cambeta, preto velho, ofereceu seu cajado [muleta] como pinguela, uma passagem da água pra terra. Ela saiu da água, sentou no tambor mais velho, o Santana, e chorou. Assim como diz a música:*

*no santana ela sentou...  
êh ela sentou  
Esperando aquela hora...  
E os negro libertô  
Êh ela sentou  
Enquanto ouvia a questão  
Ela chorou  
E a lágrima engrossou  
Virando o rosário  
O rosário de Maria.*

*Depois ela tomou o cajado em suas mãos, beijou três vezes, assim, e devolveu ao negro, nosso bastão. Tudo isso é o que nós tem de magia, o que nós tem de mais*

*sagrado, é o que você tá vendo hoje nas festas: o nosso bastão, o nosso rosário, e as nossas gungas que possui guardada dentro dela, sete conchas do mar.*

*No princípio era o só o camdombe* (maio de 2008) [grifos meus].

### 5.1.2. Inauguração: levantamento dos mastros e das bandeiras

O levantamento das bandeiras é inaugural, constitui a sequência mais íntima para o congadeiro, instante onde ele coloca toda a fé para o bom prosseguimento dos festejos. O período festivo tem início comumente quinze dias antes do dia da festa. O início formal é dado com o levantamento do mastro, que contém a bandeira de aviso, no terreiro. Na inauguração da festa de São Sebastião de 2008, estando à porta do terreiro, visualizei essa sequência quando o silêncio noturno de Justinópolis foi tomado pelo barulho dos foguetes. Tratava-se da bandeira do divino, que era levantada no terreiro da irmandade avisando a todos que ela já se encontrava em festa. Neste dia, os capitães de guardas, guiados por seus bastões e suas espadas, cantaram e ergueram o longo mastro ao céu.

Esta sequência que apresenta a fé pelo exercício da força física foi a única em que vi o capitão Adelmo retirar seu chapéu de sementes. Com gestos quase imperceptíveis, ele segurava o chapéu fazendo suas rezas, pedindo uma boa realização da festa, foi acompanhado por esta canção que se iniciou aos toques da marcha lenta e terminou, já com a bandeira hasteada, com o regozijo da marcha dobrada.

*Ô dobra a marcha o instrumento; para a  
bandeira levantar;  
Ô dobra a marcha o instrumento; para a  
bandeira levantar...  
Apruma ela bem aprumada, êh é essa flor.  
E é essa flor... Por nós adorada!*

### 5.1.3. Alvorada e coroação dos reis

A alvorada marca o início dos festejos do dia de domingo. Começa com o nascer do sol, de modo que poucos são os visitantes que se animam a levantar tão cedo para participar desta sequência da festa. Participam dela os congadeiros e as pessoas

envolvidas diretamente com a preparação da festa. Esta é uma sequência organizacional do dia, tal como aconteceu na manhã de domingo da festa a São Sebastião em 2008.

Na porta de entrada da casa do capitão Adelmo, eu me encontrava, ainda com sono, às seis da manhã do domingo de outubro do ano de 2008, quando uma salva de fogos reuniu toda a irmandade no quintal. Os adultos se aproximavam, as crianças que, desde pequenas participam com a mesma intensidade e responsabilidade adulta da festa, aguardavam de forma ansiosa a chegada de suas caixas enquanto eram arrumadas pelos maiores. Bebês, ainda de colo, também se vestiam de acordo. As fardas cobriam a pele, as gungas colocadas nos pés, os rosários entrelaçados no peito, aos capitães restavam seus bastões e suas espadas. Esses objetos, na medida em que foram sendo colocados, imprimiam na pele marcas da memória simultânea de um corpo negro escravizado e acorrentado e de um corpo que carrega as lágrimas e a cor azul da virgem que os libertou.

Ao som do apito os tambores romperam o silêncio, lançando o primeiro repique. Aos poucos, o quintal da casa foi se transformando, o terreiro, normalmente ocupado pelo movimento das galinhas e pela preguiça dos cachorros, se modificou com a concentração das guardas. Os corpos começaram a se aquecer e a se mexer em conjunto num mesmo compasso de “dois pra lá, dois pra cá”. Começa o caminho crescente de agitação coletiva. Cor, movimento e som dão outra forma ao terreiro que agora se torna festivo. É o sinal de que a festa começava.

Muita ansiedade para quem se atrasava pois, o capitão soprando o apito várias vezes, indicava o comando, convocando a todos para buscar o rei. Como manda o fundamento do congado, a guarda de moçambique assumiu seu papel de buscar os coroados cantando sob o solo do capitão mor Seu Zezé. Começou assim o primeiro de uma centena de cantos que seriam entoados ao longo do dia:

*É de vera minha mãe, que eu quero pedir  
licença, pra sarava o capitão  
Sarava rei e rainha, o rosário de Maria.  
É Sá rainha (eu) quero sua benção.*

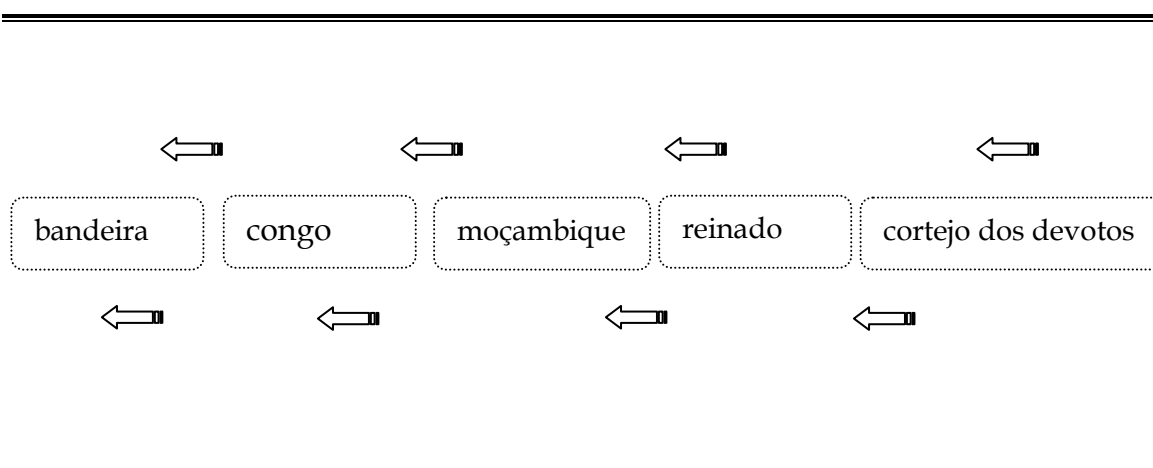
Sob a licença de seus reis congos, as guardas se juntaram à imagem do santo, preparado no andor e retirado da igreja desde a noite anterior. Neste dia, após a alvorada, todos ali presentes seguiram em cortejo até a sede.

Diferentemente do dia de São Sebastião, a alvorada da Festa a Nossa Senhora do Rosário conta com a recepção de algumas das guardas visitantes. Desse modo, forma-se um cortejo mais extenso. Após a busca dos seus reis congos, seguem para a casa dos reis

festeiros para também buscá-los. Estes, após receberem a coroação do dia, juntam-se aos outros para continuar a festa.

#### 5.1.4. Procissão: condução e exibição pública do congado

De fato, a festa é também espetáculo, assim as coroas com seu brilho necessitam ser exibidas, por isso a forma processional é marca das festas do catolicismo popular brasileiro, seja nas ruas ou no terreiro da irmandade. O cortejo, isto é, a procissão, é conduzido pelas guardas da coroa, pois o candombe é fixo, não sai da sede, ele é realizado respeitando a sequência hierárquica abaixo:



**Figura 9: Cortejo nas festas do congado**

A figura ilustra a sequência processual obrigatória, na qual as guardas de congo e de moçambique seguem a frente protegendo seu reinado – santos e reis. Segundo Seu Zezé, a função de cada guarda tem o seu fundamento. Conta a hi[e]stória que os negros escravos, após encontrarem a virgem protetora e retirá-la das águas, tinham que retornar e conduzi-la para a fazenda com segurança. Mas o caminho de retorno pelas matas era repleto de perigos e de armadilhas nas encruzilhadas, às vezes colocadas pelos senhores das fazendas (janeiro de 2008).

Assim sendo, em 2007, iniciando a procissão, sai à frente a bandeira, conduzida pela guarda de congo sob a guia das espadas de suas capitãs. Os gestos expandidos combinados às fardas coloridas são marcados pelos ritmos das caixas e do tamboril. Despertando a atenção de todos, o *congo vem abrindo os caminhos para moçambique passar* (Seu Dirceu, 2007).



Em seguida, posiciona-se a guarda de moçambique, com *função de conduzir os coroados*. O movimento corporal emite sons pelo raiar das gungas colocadas nas canelas que, como chocalhos, seguem no compasso marcado pelas caixas e pelo pantangome. Em Justinópolis, esta guarda é conduzida pelo capitão Adelmo que portando seu bastão humildemente dança e canta sempre curvado, venerando aos seus reis. Se o congo é o *enfeite da festa, o moçambique não é feito pra brilhar, o que brilha é a coroa*, pontua o capitão (2007).

Fechando o cortejo das guardas, seguem o andor e o reinado abrindo o cortejo dos devotos. Alguns acompanham a procissão desde o início, outros ficam em algum ponto esperando-a passar, prestam reverência à bandeira, aos reis, aos capitães e seguem juntos pela cidade.

Em toda a extensão da procissão, uma equipe de apoio se distribui de modo a garantir a segurança e a harmonia do espetáculo, contando com um fogueteiro tanto para anunciá-la quanto para propagá-la ao longo do caminho percorrido.

As procissões constituem essencialmente a exibição da coroa e da imagem dos santos. Sob a forma de cortejo nas ruas após a alvorada ou após a missa, ou mesmo dentro do terreiro nas passagens de uma sequência ritual para outra. É possível diferenciar as festas pela peculiaridade na forma processional, é o que evidencio a partir de duas das experiências que relato a seguir.

A emoção visual de que fui tomada como expectadora quando vi o cortejo do congado na festa de São Benedito em 2008 foi uma experiência singular, que se tornou inconfundível. Acordei cedo e deixei meu carro na praça central. Enquanto descia a rua, deparava-me com diferentes pessoas que desciam apressadamente para a sede. O movimento era diferente do que estava acostumada e notei logo o porquê.

Após formar a procissão das guardas, juntaram-se ao cortejo homens negros vestidos como escravos carregando cana-de-açúcar nas costas. Seguindo descalços e acorrentados pelas ruas, fizeram o percurso de volta subindo até a praça da igreja matriz. Debaixo do sol encenaram uma peça.

Neste dia, desci a pé e novamente subi acompanhando o cortejo, saindo da casa do capitão Adelmo caminhando pela rua e chegando à praça, onde várias pessoas já estavam organizadas à espera do teatro. Autoridades do reinado e da cidade sentaram-se lado-a-lado no coreto, as guardas e as outras pessoas da cidade ficaram espalhadas em torno da praça.

A encenação é uma narrativa que tem como tema a abolição. Começa com a caminhada árdua dos negros trabalhando nas capinas da fazenda, enfatizando quanto sofrimento e castigo faziam parte desta vida. O desfecho se dá com a chegada de uma mulher que se solidariza com a vida escrava e escreve uma carta ordenando a libertação dos negros.

Modulado pelos cantos das guardas entoadas, ora pelo registro escrito da hi[e]stória-social, ora pelo registro oral da narrativa mítica, o espetáculo festivo remeteu-me às cenas de vida dos negros escravos na África e no Brasil. A referência ao cativo ficou patente no solo entoado pelo capitão mor, Seu Zezé:

*No dia 13 de maio  
Uma assembléia trabalhou  
Nego velho era cativo  
E a princesa libertou  
Nego velho era escravo  
Nego velho virou Senhor*

*No tempo do cativo  
Era branco que mandava  
Branco quando ia à missa  
Nego velho que levava  
Branco entrava lá pra dentro  
Cá fora nego ficava*

*Branco entrava lá pra dentro  
Cá fora nego ficava  
Nego só ia rezar  
Quando chegava na senzala  
E se falasse alguma coisa,  
De chicote ainda apanhava*

*Se falasse alguma coisa,  
De chicote ainda apanhava  
Vou pedir a Jesus Cristo  
Que toma conta dessas almas  
E daqueles negros cativos  
E os que morreram na senzala*

*Aí, meu Deus, aí Senhor  
Jesus Cristo tá lá no céu,  
Esperando aquelas almas*

*Daqueles negro sofredor (maio de 2008).*

Outra forma de procissão aconteceu no fim do dia da festa de Nossa Senhora do Rosário em outubro deste mesmo ano. Saiu do terreiro após o almoço, desfilou pelas ruas

da cidade pare ele retornando. Registro aqui momentos dessa sequência que evidenciam o quão é emocionante a experiência de ver e de seguir uma procissão do congado.

Fim de uma tarde. Após a obrigação das promessas, as guardas se organizavam no terreiro para sair em procissão. Festa cheia, com aproximadamente setecentas pessoas presentes. Da porta da igreja observava o movimento de organização do cortejo. Saiu à frente a guarda de congo de Justinópolis fazendo evoluções com arcos nas mãos enfeitados maravilhosamente e como sempre atraindo a atenção dos presentes. Juntamente com os congos das irmandades visitantes, faziam um grande corredor de congos abrindo e enfeitando os caminhos para a procissão passar. No dia da grande festa todos os santos da igreja saem para a procissão. Nesse dia cada andor foi conduzido por uma das guardas de moçambique visitantes.

O primeiro andor comportando a imagem de Nossa Senhora Aparecida foi conduzido pela guarda de Prudente de Moraes. O segundo andor sustentava São Sebastião e ficou sob responsabilidade da guarda de Altos dos Pinheiros. O andor de Santa Ifigênia foi conduzido pelos Ciriacos do bairro Novo Progresso e o andor de São Benedito foi levado pela guarda dos Arturos. O último andor, com imagem de Nossa Senhora do Rosário, foi conduzido pela guarda do Vale do Jatobá e pela guarda de moçambique de Justinópolis, que também fechava o cortejo conduzindo seu reinado.

Nas ruas viam-se cores e sons incomuns ao cotidiano de Justinópolis. No lugar de carros, gente. Ao longo do percurso, tambores e músicas invadiram o cenário urbano-industrial, como que obrigando as pessoas, tal como eu quando criança, a sair em seus portões para contemplar o espetáculo festivo. A pompa e a grandiosidade desta cena provocam diferentes sentimentos para quem dela participa, tal fato se evidencia no relato desta pessoa que visitara Justinópolis pela primeira vez:

*Durante a procissão, um trajeto do percurso me emocionou bastante: a subida da rua da igreja mais próxima da sede, pois, como me posicionava ao final, visualizei nesse momento todos os andores ao mesmo tempo, formando uma espécie de **corredor santo**. Quem olhasse de cima ou de baixo (como era o meu caso), se enaltecia e se inebriava com os diversos cantos entoados simultaneamente por*

*cada uma das guardas* (Aline, 2008)  
[grifo meu]<sup>15</sup>.

#### 5.1.5. As preces de entrada no terreiro: pedidos de licença e orações

Conforme dito, a circulação das guardas também se faz dentro do terreiro. Toda vez que as guardas chegam ao terreiro procede-se a uma sequência de pedidos de licença que se inicia com a passagem pelo portão. A guarda de congo à frente canta, gira, dá meia-voltas até a autorização dada pela capitã da guarda. Todos, então, se viram de costas e passam para dentro do terreiro, desvirando-se ao cumprimentar a cruz.

Seguem os pedidos de licença aos mastros e às bandeiras levantadas em torno da igreja. As guardas circulam os mastros um a um e os capitães circulam seus bastões em torno dos mastros. O próximo pedido de licença tem como destino a sede da irmandade.

É um espaço simples, pequeno, localizado [escondido, periférico] atrás da igreja [imponente e centralizada] e, diferentemente dela, destinado a rituais fechados. Abriga os objetos mais sagrados, guardados muitas vezes em segredo e separados dos outros, como se deve ser em se tratando de objetos sagrados, como nos ensinou a clássica antropologia da religião. Nela, encontramos o candombe, elemento que recebe a maior veneração. Encontramos também as caixas, os bastões, as coroas, as bandeiras e o altar mor (um sustentáculo dos santos de casa, ou seja, os santos protetores da irmandade). Durante a festa, a sede é o lugar onde os reis e as rainhas ficam saudando seus convidados, é também o lugar que marca a saída e o retorno da circulação das guardas nas diferentes sequências rituais no terreiro.

A igreja da irmandade, que foi construída no terreiro em 1914, é onde acontece o cerimonial destinado ao público. A missa acontece em todas as festas, seja sob a modalidade de Missa Conga, de Missa Sertaneja ou de Missa em Ação de Graças<sup>16</sup>. É a sequência ritual que conta com a maior participação de visitantes, principalmente na festa de São Sebastião, pois ele é santo padroeiro do congado, da folia de reis e dos cavaleiros de Justinópolis.

---

<sup>15</sup> Aline é graduada em Educação Física pela UFMG, ela acompanhou-me durante as festas no ano de 2008 e também realizava sua pesquisa de monografia final de curso sobre apropriações simbólicas das guardas de congo no reinado mineiro.

<sup>16</sup> A diferença entre as missas está nos cantos entoados durante a cerimônia.

Na festa de São Sebastião de janeiro de 2008 o terreiro foi preenchido por cavaleiros que, depois de um dia de cavalgada, se instalaram num canto onde arriaram seus cavalos para descansar e esperar a missa. Idosos e crianças, que moram no bairro, entraram na Igreja e procuraram um lugar mais adequado. A igreja é pequena e seus lugares foram preenchidos até ela ficar completamente cheia. As pessoas atrasadas se acomodam mesmo na porta, de modo a não perder a cerimônia, que neste dia era realizada por um padre convidado que veio de Areias especialmente para a celebração.

O tempo passava e as guardas de congo e de moçambique não saíam da sede. Fui à sede saber o que se passava: os tambores do candombe pediram para esperar por um bom motivo, as Folias de Reis de Santana do Pirapama e do subdistrito de Areias chegaram sem avisar.

Chegando as folias convidadas, o capitão regente da irmandade fez uso de sua função dando o comando para prosseguir a cerimônia. Fiéis, foliões, reinado, a imagem de São Sebastião, tudo pronto, a cerimônia começou. Seria bom que fosse logo, pois a missa seria inteiramente celebrada ao aroma do tempero da comida que invadia a cena festiva.

Muitas coisas aconteciam ao mesmo tempo. A festa não é a mesma para todos. Muitos assistiram à missa, outros se ocupavam no terreiro em outras atividades para esperar pelo almoço. De um modo ou de outro, todos aguardaram a bênção do padre para encher o estômago e, após sua autorização, conduziram seus reis e suas visitas para almoçar.

#### 5.1.6. Almoço: banquete aos reis e ao povo

Foi o cheiro dos temperos emanados das chaminés que conduziram todos para os fundos do terreiro. Espaço amplo e simples é, no entanto, mágico, pois possui o segredo da fartura guardada pelas senhoras cozinheiras. Com experiência e fé, elas se unem há trinta anos compartilhando de dois fogões a lenha no preparo do almoço.

Para todas as festas do ciclo do reinado de Justinópolis, a equipe de cozinha é a mesma, de olhos fechados, conhece o cardápio específico da festa. Arroz, feijão, macarrão e frango fazem parte do prato básico servido no almoço de congado. Mas um dia é especial e *dia especial merece almoço especial*, nos diz a cozinheira-chefe ao provar o tempero da feijoada, prato que é servido na festa de São Benedito, e complementa: o

*santo cozinheiro merece comer bem, pois é ele quem vai garantir a fartura da festa de outubro* (Dona Marlene, 2008). Esta festa tem no almoço seu atrativo maior. Muitos esperam maio chegar para comer a famosa feijoada de São Benedito. Assim como eu, que não pude deixar de ir para apreciar a feijoada servida na festa de maio de 2008.

Estava na cozinha proseando com Dona Marlene, quando Seu Dirceu se dirigiu a ela verificando se o almoço já poderia ser servido. *Já alimentamos o espírito agora vamos alimentar o corpo* diz ele, abrindo um sorriso satisfeito e autorizando a guarda de congo abrir a sequência ritual do almoço para todos da irmandade. Sob a autorização do capitão regente, a sequência tem início com um canto de saudação regido pela primeira capitã Luiza:

*Ô, marinheiro! Ô, patrão!  
Alerta, alerta! Alerta estamos!  
O que viemos fazer neste dia?  
Festejar o Rosário de Maria com prazer e  
alegria  
O que segue? Mesma marcha.  
Marcha grave.*

*Ô que mesa tão bonita  
Mesa da sagrada família  
Essa mesa é abençoada  
Pela virgem Santa Maria (maio de 2008)*

Os tambores se calaram, pois o banquete estava servido. As cozinheiras, satisfeitas em servir a comida, cuidaram para que todos tivessem lugar sossegado para comer. Silêncio na festa, pois, todos param para a ceia.

O almoço, enfim, encerrou-se. Todos sentados e espalhados pelo terreiro, descansam, pelo curto tempo que têm, recarregando as energias para prosseguir a festa. Após todas as pessoas presentes se sentirem satisfeitas com a refeição, prosseguiu-se com os cantos de saudação e de agradecimento ao alimento. O último é o moçambique da casa. Saudando com um prato farto e não tocado de comida sobre a mesa, um canto de graças foi puxado pelo capitão regente:

*Ai, meu Deus, oi, minha santa graça  
Meu Jesus, o meu Nosso Senhor  
Foi Jesus, que deu nós que beber  
Deu nós que comer  
Sem nós merecer*

*Deu nós que beber  
Deu nós que comer  
Sem nós merecer (por seu grande valor)*

*Oi, já comeu e já bebeu  
Só me falta agradecer, meus irmão  
Esse pão que Deus deu (Seu Dirceu,  
2008).*

#### 5.1.7. Cumprimento de promessas e obrigação da festa

*Pagar promessas é uma obrigação dos congadeiros*, disse-me Seu Dirceu com seriedade (2007).

Pode-se dizer que durante a sequência de cumprimentos de promessas há uma suspensão da festa, embora, e talvez por isso mesmo, não chame a atenção de outros convidados. Não sendo totalmente aberta e pública [como a missa, o almoço e a procissão]. Esta sequência ritual é quase que privada, intimista, em todo caso. Entretanto, as poucas pessoas que dela participam se emocionam. Foi no dia 29 de outubro de 2007 que presenciei esta cena quando muitos saíram do terreiro após o almoço se dirigindo às barraquinhas de bebidas para prostrar e esperar pela procissão. Com poucas pessoas no terreiro, quase passara despercebida a delicadeza e a força desta sequência que reproduz tal qual registrei no meu caderno de campo:

*Caía chuva, o chão inundava, e o barro que se formava dava suporte aos joelhos de uma senhora de setenta anos que pagava a promessa de dar a volta em torno da igreja junto com a guarda de moçambique. Na metade do percurso, já exausta, não conseguia mais andar. O capitão mor e o capitão regente da Irmandade, que estavam de longe, se aproximaram e se juntaram ao capitão do moçambique. Os três se colocaram diante da senhora e com seus bastões cruzados sobre sua cabeça, bateram veementemente suas gungas no chão, elevando os braços aos céus. Eles conduziram-na. E ela, mesmo com joelhos sujos de barros e esfolados, com dor e superação, respirou fundo e ergueu a cabeça, prosseguindo a caminhada e cumprindo o que havia prometido. Muitos dos presentes se emocionaram, como era de se esperar*

*diante de uma cena tão magnífica e pungente, que combina sacrifício e afirmação de poder.*

Após o cumprimento das promessas, as guardas saíram em procissão para festejar nas ruas o êxito de mais uma obrigação cumprida. Na festa de São Sebastião, esta sequência de cumprimento de promessas é diferente das outras; nela, animais de promessa recolhidos pelos reis magos durante as saídas da folia são leiloados e arrematados pelos convidados, conferindo-lhe ingredientes profanos.

#### 5.1.8. Encerramento e despedida: descoroação dos reis

Muitos já estão cansados, exceto Seu Dirceu, que nunca demonstra estar cansado. Ele sempre nos surpreende com tanta disposição para festejar<sup>17</sup>. O encerramento das festas é o ápice ritual, é a exaltação coletiva: despedida e agradecimento dos reis. Na festa de São Benedito é a sequência onde se dá a coroação dos reis festeiros. É a sequência mais sacra, visto que a coroação de reis pelos tambores do candombe, nas palavras de Seu Zezé, *exige de nós muita força espiritual* (2008).

Entretanto, ocorreu de outro modo na festa de São Sebastião de 2008. Estava na porta da igreja vendo o pôr do sol quando percebi que convidados começaram a se retirar do terreiro. Atento ao movimento e evitando a dispersão, Seu Dirceu apressou os moçambiqueiros, agindo de modo simples e sutil, como sempre, pontuando questões fundamentais:

*Ainda não é hora de sentar não! Bora lá trocar a roupa gente, porque depois da despedida é que a festa começa! Vamo logo porque com a obrigação cumprida, os congadeiros vão poder prorear. E, olhando pra mim: ele dá um sorriso e acrescenta aí nos já vamos pensando na próxima festa!* (2008).

Com o chamado do capitão regente, o capitão do moçambique conduziu a sua guarda a se despedir, saindo de cena e deixando a guarda de congo com os reis assistindo

---

<sup>17</sup> Estou referindo-me a participação na festa de São Sebastião 2008.



as folias fazerem suas reverências ao menino Jesus. Os membros da guarda de moçambique trocaram de roupa e retornaram como foliões, saudando os reis congos e a lapinha.

Foliões e congadeiros saudaram, cada um ao seu modo, aos santos e aos reis: ao menino-rei, Jesus, aos reis magos e aos reis congos. Revezando entre toques de tambores e de violas, um coro multiforme se formou ao lado do altar da igreja, formado pelas guardas e convidados. O coro se colocou em volta dos reis congos e da lapinha, que se situaram no centro desta grande roda. Todos reunidos comungando um mesmo ato de fé.

Depois desta veneração, as folias ficaram em silêncio na igreja, e o capitão mor da irmandade, ao som de uma ave-maria, conduziu a guarda de congo a levar seus reis para a sede, onde se deu por fim a sequência ritual de encerramento.

O capitão do Moçambique, assumindo sua função, tomou nas mãos o seu bastão e junto à guarda de congo e aos reis se reuniu diante do altar-mor cantando e louvando seus reis, suas coroas, suas bandeiras e seus santos.

A sequência ritual de encerramento é sempre na sede e é restrita aos membros da irmandade. Não há nenhuma formalidade que imponha tal restrição. De um modo geral, todos reconhecem a sede como um espaço sagrado, portanto restrito. A interdição, entretanto, neste dia se fez clara.

Um curioso entrou na sede e permaneceu lá por pouco tempo, bastou um olhar do capitão Adelmo para ele se retirar. Seu Dirceu assim comentou o evento:

*não precisa dizer nada com a boca, às vezes com um olhar; ou a pessoa nota que aquilo não lhe pertence ou algo desperta mais atenção, levando a pessoa prá o lado de fora (2008).*

Na igreja, acontecia outro evento paralelo, entraram em cena os personagens dos reis magos. Começou a parte profana da festa, ou, dito de outro modo, a sequência que é característica do reisado. Mesmo não sendo nenhuma novidade, pois todos já conheciam as peripécias das danças e as chacotas dos versos tirados pelos reis, a hora lúdica foi um sucesso. Adultos se uniram às crianças, agindo com disposição para entrar no jogo de desafiar os reis.

### 5.1.9. Descimento das bandeiras e fim da festa

Após a cerimônia de despedida os convidados se retiram, agradecendo mais um dia de festa. Assim como acontece na alvorada, o fechamento da festa que se dá após a despedida é realizado somente pelos donos da casa. Presenciei uma cena em que os congadeiros buscam o último alento físico para o ato derradeiro da festa, quando da despedida da festa de Nossa Senhora do Rosário de 2008.

A noite chegou, restaram somente os donos da festa que, com as roupas coladas nos corpos suados, os troncos curvados e as pernas pesadas, começaram dar sinais de cansaço. Mesmo com toda a exaustão física, eles ficaram para executar a descida de todas as sete bandeiras de promessa e da bandeira do dia.

Sob a eficácia dos bastões, os capitães se unem para descer os mastros, enquanto os moçambiqueiros energicamente raiam suas gungas no chão, tocando fervorosamente suas caixas com a mesma intensidade que faziam no início do dia, no entanto era madrugada. Na expressão dos rostos, um cansaço, obviamente pelo dia desgastante, mas o que ficou da festa foi o júbilo expresso no sentimento de realização.

A satisfação de ter tido mais uma obrigação cumprida se estampou nos rostos. Uma lembrança reflete o efeito físico produzido pelos ritos, a dor nas pernas pelas longas caminhadas, a sensação de satisfação a cada bandeira levantada, o cansaço pelo estômago vazio e o gostinho do sabor gostoso do alimento, a beleza e a pompa da procissão. Nesta hora da despedida parece que tudo é revivido e, entre sorrisos e olhos que não deixaram conter as lágrimas, foi entoada da última música:

*Oi, minha Virgem do Rosário  
Eu também quero rezar  
Pedindo Nossa Senhora  
Pra poder abençoar, ô*

*Ê, todo mundo já rezou  
Eu quero rezar também  
Pra Divino Espírito Santo  
Na hora de Deus, amém, ô*

*Ê, rezo para Nossa Senhora  
Pro Divino Espírito Santo  
Rezo para todos os santos do céu  
Pra lançar vossa benção, ê*

*Eu quero agradecer*

*O Padre São Sebastião, ê  
Ê pedindo força e saúde  
Para o ano se Deus quiser, ô*

*Arrecolher bandeira  
Arrecolher bandeira  
Chama o povo pra beijar  
Arrecolher bandeira.*

Traços festivos ainda restaram na bandeira de aviso que ficou hasteada por mais alguns dias na porta do terreiro. A descida da última bandeira concluía definitivamente o tempo da festa.

#### 5.1.10. Fim do ciclo

O Reinado fechou suas atividades no segundo domingo de novembro, quando os reis congos foram descorados, fechando o ciclo do rosário. Aconteceu, como não poderia deixar de ser, entoando a última canção:

*Ô, he, hahá. Ê hoje o dia de louvar  
Todo mundo já louvou, hehehé*

*Ê, eu quero pedir licença  
Pra tambor quero descansar,  
Eu vou rezar um Padre Nosso  
E também Ave Maria, auê  
Ê pra no dia de hoje nós encerrar auê*

*Ê Pai Nosso, que estais que no céu  
Ave Maria pra quem está na terra...  
Até para o ano se Deus quiser  
(Seu Dirceu, 2008).*

## 5.2. Ciclo de Reis ou Reisado

Fardas, tambores, bastões e coroas são guardados, um ciclo termina. Abre-se um outro, o ciclo do reisado, dando lugar à outra coroa e a outros bastões. Entram em cena as máscaras e os reis magos, no lugar das guardas, a caravana a Santos Reis.

As saídas da folia correspondem à caravana. A cada saída da folia correspondem várias visitas nas casas dos devotos, chamadas de batidas da folia. A batida da folia refere-se às sequências rituais repetidas em cada uma das casas visitadas.

Diferentemente do reinado, no qual as guardas conduzem toda a festa para um público expectador, no caso do reisado, a caravana divide o palco com seu público, formando um típico espetáculo interativo com caráter de improvisação. Apesar da estrutura ritual comum, a batida da folia em cada casa se torna um evento diferente (também incrementado pela variedade do lanche oferecido pelo dono da casa à caravana). O sucesso da festa depende do empenho e do desempenho daqueles que se propõem a recebê-la em casa. Devem conhecer o procedimento e devem ter conhecimento do fundamento dos passos para que a festa aconteça. Isto me disse um mestre de folia:

*Se a dona da casa souber o fundamento, aí a coisa fica boa, se a coisa esquentar a folia fica batendo por umas duas horas ou mais na casa dela; mas se a pessoa desconhece, não sabe como responder os versos tirados pela caravana aí a festa acaba rapidinho e a gente segue em frente (Seu Chiquito, 2008).*

### 5.2.1. Abertura e fundamento: a lapinha

O primeiro presépio foi construído por São Francisco de Assis no ano de 1223 no meio de uma floresta. Segundo Seu Dirceu, este presépio contava pela primeira vez para as pessoas comuns o nascimento de Jesus, o fundamento da folia de reis é atrelado ao modo de pregação construído por São Francisco de Assis:

*Começou no dia 08 de dezembro, dia em que a Virgem Maria recebeu a anunciação do Anjo Gabriel do nascimento de Jesus. No dia 24 pro dia 25 os três sábios de três continentes distintos, Sábua, Pérsia e Arábia, por serem sábios, astrônomos, observavam o céu e viram na estrela guia anunciada a chegada do menino Deus. Neste dia, cada um em sua terra, Baltazar, Belquior e Gaspar arrumaram e saíram prontamente para ir ao encontro do menino. Certos de que ele provavelmente*

*estaria morto, assim levaram mirra, para embalsamar o corpo, incenso para perfumar e ouro para colorir.*

*Andando .... léguas encontraram na praia do rio roxo. Lá, parando para descansar se conheceram. Repousaram para seguir viagem juntos no dia seguinte. Gaspar e Baltazar saíram na madrugada e deixaram para trás Belquior, o negro. No dia seguinte negro percebeu que havia sido enganado e saiu sozinho seguindo a estrela guia. Ele, que saiu por último, chegou primeiro. A estrela havia apagado para os outros dois e só brilhava para o negro. Chegando ele na lapinha, ajoelhou, adorou o menino e aguardou a chegada dos outros dois. Após a entrega de todos os presentes, os magos foram coroados pela nossa senhora e foram festejar (2008).*

A narrativa conta também com o episódio da passagem dos magos pelo palácio do Rei Herodes. Sabendo do nascimento do filho de Deus, ele viu seu poder sendo ameaçado e queria matar o menino. Diz Seu Dirceu que os reis magos pararam no palácio para descansar. Herodes tentou enganá-los, dizendo aos magos que se encontrasse Jesus avisaria onde ele estaria para que também pudesse adorá-lo. Mas, o certo é que o rei queria devorá-lo. Entretanto, os magos, por serem sábios, perceberam a intenção de Herodes. Assim prometeram, mas não o fizeram, conta Seu Dirceu:

*Herodes, tomando conhecimento do nascimento do menino, viu que havia sido enganado e mandou matar todas as crianças na Galiléia. Assim, enquanto os reis estão fazendo festa, Maria e José fogem pro Egito. Só quando Jesus está em segurança, os reis retornam para suas terras (2008).*

Perguntando ao Seu Dirceu pela viagem de retorno, ele fala das máscaras, dizendo que os reis colocaram-nas para não serem reconhecidos pelo rei Hérodes e pelos seus soldados. Diz ainda que no dia 02 de fevereiro, quando Jesus é apresentado ao templo, os reis, já no caminho de volta, fazem *uma última parada e uma grande festa reunindo*

*povos distintos para celebrar a vida de Jesus*, depois seguem caminhos separados, cada um para casa. Assim finaliza sua narrativa.

*Por isso, o presépio que representa o local do nascimento de Jesus é construído no dia 08 de dezembro e fica montado até 02 de fevereiro. Ele contém todo esse mistério do nascimento de cristo (2008).*

A palavra presépio significa o lugar que abriga animais, e a lapinha é a representação dos pastores diante do presépio onde nasceu Jesus. Em Justinópolis, como em outras caravanas, chama-se o presépio de lapinha, para caracterizá-lo como presépio de Jesus e diferenciá-lo dos outros presépios.

No ano de 2007, como manda o fundamento, no dia 08 de dezembro, todos os foliões se reuniram em suas casas para a construção de suas lapinhas. Na casa de Seu Dirceu ela foi construída no vão da escada que dá acesso ao andar superior. Este vão, por ter seu teto inclinado, remeteu-me à imagem de uma gruta, tal qual a que se deu o nascimento de Jesus. No reisado a lapinha evoca a origem da festa, pois ao ser montada, constrói o ambiente da primeira cena festiva, o que é corroborado pelo depoimento de Seu Dirceu:

*É sob numa gruta, uma manjedoura, que abrigava animais que ocorre o aparecimento do filho de Deus, sendo reconhecido primeiramente pelos pastores, (feito aqui, pelas nossas pastorinhas) e pelo Anjo Gabriel, sendo que dias depois tendo recebido a visita dos reis magos. Eles que saíram de suas terras pensando encontrar o menino morto, levaram seus presentes e, chegando lá, vendo que ele estava com vida, começaram a festejar, (o que a gente faz aqui com nossa caravana aos santos reis) (2008) <sup>18</sup>.*

---

<sup>18</sup> A tradição do canto das pastorinhas que anuncia o nascimento no menino Jesus se dá na virada do dia 24 para o dia 25 de dezembro. São formadas pelas mulheres dos foliões, entretanto nos dois anos de minha pesquisa elas não saíram.

### 5.2.2. Inauguração e retirada da bandeira

Cada bandeira da folia é sagrada, portanto é guardada na casa do mestre da folia, Seu Dirceu. No dia de retirada da bandeira é ele quem a pega e a traz em suas mãos cantando um dos hinos de saudação à bandeira como este, mostrando-a a todo o grupo:

*Vinte e cinco de dezembro  
Os três reis foram avisados  
Pelo Anjo Gabriel  
Todos os três anunciado (2007).*

Toda vez que a bandeira é tomada pelo mestre, ela é tocada e beijada, passando de mão em mão por todos os presentes. Tocar a bandeira é uma obrigação nesta sequência ritual.

Transportada com muito respeito por todos, quando ela retorna às mãos do mestre, faz-se uma oração, agradecendo a todos os presentes, pedindo que lhes sirva como guia pelos caminhos da caravana.

### 5.2.3. Alvorada: a formação da folia

A primeira saída da caravana de Justinópolis como o de costume, ocorreu na virada da noite do dia 24 para o dia 25 de dezembro de 2008. Neste dia, os foliões anteciparam suas ceias para chegar com antecedência à casa do mestre [Seu Dirceu]. Estava lá, sentada na varanda da casa aguardando a chegada de todos os foliões. Enquanto esperava, pude perceber como o ambiente da casa se transformava em um ambiente festivo.

Calor é melhor definição para a sensação que tive ao ver a casa se transformando de um lugar do cotidiano para um lugar de festa. Um a um chegando, com seu chapéu e seu instrumento musical, começavam a se preparar. Pelo som da viola e do acordeom, eu os ouvia tirar os primeiros acordes. Eles aquecem os instrumentos, e nos aquecem com o som, nos aquecem com a cachaça e nos aquecem com suas prosas. Como viajantes, todos os foliões têm hi[e]stórias pra contar e, ao narrá-las, trazem para o presente o calor de um sentimento vivido, alguma experiência do passado. Tal como a que ouvi de Seu Chiquito, quando ele falou-me de um episódio que ocorreu na ocasião de uma visita numa residência em Santana do Pirapama.

Chegando lá, a caravana bateu na porteira, e, sendo recebida pelo dono da casa, prosseguiu com toda a sequência de rituais no terreiro. Cantando, tocando, anunciavam a chegada do menino Jesus diante da lapinha, sem saber, no entanto, que algo muito especial estava acontecendo no interior da casa. Enquanto o dono da casa recebia a folia, sua esposa dava a luz à sua filha no quarto. Os olhos de Seu Chiquito sorriam e minha pele não conseguia conter os arrepios ao ver e ao sentir a cena que ele narrava. Depois de uma pausa, ele prosseguiu com o desfecho da hi[e]stória. Assim que a caravana terminou, o dono da casa chorou e contou do nascimento e da visita abençoada, conferindo a ele a honra de nomear sua filha. Seu Chiquito aceitou e escolheu e, como não poderia deixar de ser, ele disse-me: *dei o nome de Maria da Luz* (2008).

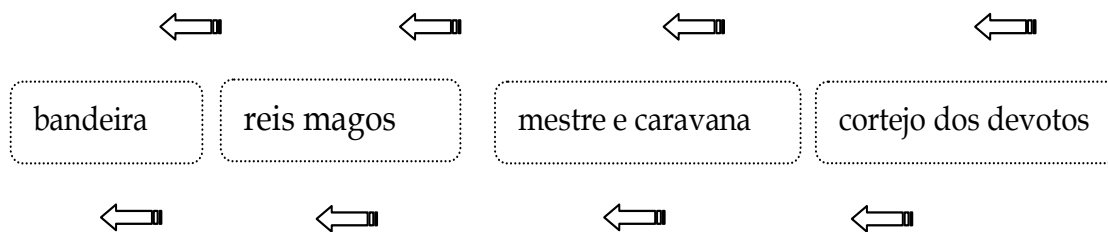
Seu Chiquito terminava sua hi[e]stória e o mestre da folia convocava a todos para se reunirem em roda na porta da casa. Juntos eles realizaram uma oração com o mestre, segurando a bandeira, davam o início formal dos festejos. Após a oração, a caravana permaneceu em roda, afinando os instrumentos e as vozes definiram a hierarquia do coro. Os reis entraram na casa para se vestir. Retornavam com suas máscaras emitindo sons, chamando a todos para segui-los em caravana pelas ruas.

#### 5.2.4. Cortejo e caravana

Acompanhei a caravana que atravessou a Avenida Civilização e entrou no bairro Botafogo seguindo por diversas ruas até a primeira casa. Durante o cortejo, os foliões saíram atrás de seus reis, e, juntos, foram cantando e tocando, pelas ruas de Justinópolis, despertando os moradores que abriam seus portões ou suas janelas para ver os festeiros passarem.

Assim como no reinado, há, de outro modo, uma sequência obrigatória para a procissão, tal como mostra o esquema a seguir





**Figura 10: Cortejo nas festas de reis**

O cortejo inicia com os três reis magos que saem à frente recitando versos ao público. Juntos carregam a bandeira da folia. Atrás dos reis, seguem o mestre e sua caravana com um coro de vozes e de violas. Eles apresentam a caravana atraindo o público com hinos de louvor, como este:

*Meia noite já é dada  
Prazer santo respiramos  
Em honra ao filho da virgem  
Alegre hinos cantamos,  
Em honra ao filho da virgem  
Alegre hinos cantamos, oiêêê... (2008).*

Muitos que estão na rua se aproximam para ouvir as músicas. Assim juntam-se a caravana, formando o cortejo dos devotos. Alguns dos devotos acompanham a caravana até a chegada em uma das casas visitadas, outros se juntam à caravana seguindo-a por toda a noite.

#### 5.2.5. Preces de chegada na casa do devoto: adorações e passos

Na noite de reis de 2007, o cortejo avistou o primeiro destino, a casa de Dona Nenzinha, que o esperava com um jantar de promessa. Os foliões pararam de tocar e de cantar e terminaram a caminhada em silêncio até o portão da casa.

Do lado de fora, os reis à frente e a caravana atrás, começaram os pedidos de autorização ao dono da casa para a passagem pelo portão de entrada. Começou assim, uma sequência de rituais que se repetiram várias vezes nas várias visitas desta noite, um

jogo ritual que tem de um lado os foliões [caravana e seus reis], e de outro os devotos [donos da casa e acompanhantes].

Os pedidos de licença começam com a passagem pelo portão da casa. A caravana fica posicionada do lado de fora do portão enquanto a casa está às escuras e fechada. Os donos da casa e seus possíveis convidados permaneciam quietos, como que dormindo, aguardando a hora certa para se pronunciar enquanto que, do lado de fora, o mestre, nos manteve por alguns minutos ouvindo o silêncio. Por alguns instantes, nada acontece, ou mais precisamente, o nada acontece.

O silêncio e a escuridão dão forma e evocavam quietude, paz e sossego, mas também geravam uma tensão, uma espera ansiosa de algo que estava por acontecer. Tal como numa situação do parto, em que, por frações de segundo, no instante em que a parturiente dá a luz, forma-se um ambiente de tensão por todos que aguardam a criança, que nasce desesperadamente rompendo o silêncio, berrando ao mundo.

Estando na rua, eu imaginava essa cena de nascimento, enquanto Seu Dirceu aguardava o instante certo para se pronunciar. Virou-se para a caravana, rompeu o silêncio tirando os primeiros versos, que eram acompanhados pelas vozes e pelas violas.

*Óh de casa nobre gente,  
Despertai e ouvires  
Que a banda do oriente  
São chegados os três reis...*

*Óh senhora dona da casa  
Óh senhora dona da casa  
Tá dormindo ou tá acorda  
Tá dormindo ou tá acordada.  
Oiê, oiê, oiê, oiê.*

*A folia vem de longe  
Ela vem pra visitar  
Vem pedir a santa esmola  
Pra mode os reis festejar!*

*Óh senhora dona da casa  
Óh senhora dona da casa  
Tá dormindo ou tá acorda  
Tá dormindo ou tá acordada.  
Oiê, oiê, oiê, oiê*

A porta ainda fechada, as violas param de tocar e os donos da casa são chamados pelos reis:

*A dona da casa tá dormindo ou tá acordada?  
Ô dona da casa?  
Acende a luz que a folia chegou.*

Instaurou-se aquela típica cena festiva que nos remete à confusão. Muitas coisas acontecendo simultaneamente, aparente desordem estruturando a ordem e dando formato à sequência ritual. Eu, estando do lado de fora, observava o movimento de ambas as partes do jogo. Curiosamente, perguntava-me: Como é que, em meio aos sons da viola, as vozes dos reis e aos versos do mestre, a dona da casa consegue saber o momento certo de sua ação?

Eu estava certa de que assim como essa senhora, os donos das outras casas não conseguiam ouvir, mas, ainda assim, talvez pelo conhecimento do tempo da duração dos versos de cada um dos passos, o fato é que, na mesma medida, cada um dos donos de cada casa acende a luz na hora apropriada. Magias!

Quando o sinal da luz surgiu de dentro da casa, iluminando a escuridão da noite, o mestre se viu autorizado a prosseguir. Assim continuou seu caminho e inspirando-se na luz da casa como se fosse à luz da estrela guia, seguiu a cantoria com os versos de entrada, chamada de passos do grande dia.

Num outro episódio, a folia prosseguiu com estes passos de entrada, mas ao final do último, a senhora abriu somente uma fresta da sua porta. Face a tal atitude, o Rei Gaspar se virou para a caravana e disse: *Essa daí conhece, ela é tinhosa*. Ante o desafio lançado, o rei se virou para o mestre que, instigado, insistiu o pedido improvisando:

*Ah dona da casa  
Abre a porta  
Abre a porta  
Ah dona da casa  
Abre a porta, por favor,  
Abre que aí dentro  
Vai cáí pingos de fulô, oiêêêêê...  
(Seu Chiquito, 2009)<sup>19</sup>.*

Depois dos versos improvisados pelo mestre, a dona da casa se deu por satisfeita. A caravana convenceu-a, e ela abriu suas portas. O mestre sorrindo, falou com satisfação:

---

<sup>19</sup> Importante registrar que verso semelhante é também cantado nas festas de congado: Tá caindo fulô, tá caindo fulô, lá no céu, lá na terra, êh lelê tá caindo fulô.

*pronto, já ganhei minha noite.* Tendo cumprido sua primeira obrigação, passou o comando para os reis.

O Rei Belquior ainda do lado de fora se pôs à frente e acenando com a mão convidava a todos a ouvir o fundamento. Todos em silêncio, ele seguiu ditando a profecia.

*Ôa,  
Deus que dê uma boa noite, e também um  
santo dia,  
eis aqui o que dizia o profeta Jeremias*

*Que naquela era de 4004 anos depois da  
criação do mundo  
Foi profetizado pelo profeta de 34 anos*

*Que na noite do dia 24 pro dia 25 de  
dezembro  
Haverá de vim ao mundo salvador.  
E também haverá de vim do oriente o rei  
com o nome de Belquior.*

*À meia noite em ponto, deu uns traços no  
céu,  
Os astros se levantaram e a estrela  
misteriosa  
Foi vista pelos três reis do oriente.  
Daqueles continentes cantou o hino  
dizendo:*

*Que em Belém era nascido hoje  
O salvador do mundo para o nosso bem!  
Eu que já estava meio de sentinela  
Vendo os minutos finais,  
Peguei os armamentos e segui em viagem  
Sendo que tinha viajado 199 léguas e uns  
tantos quilômetros  
Passando pela praia de nome Rio Roxo.  
Parei para descansar  
Avistei os dois homens, Baltazar Gaspar  
(e eu mesmo)  
Belquior (no qual represento)*

*Ali mesmo tomamos conhecimento,  
E fizemos colegas de viagem em viagem de  
pousada em pousada, estalagem,  
estalagem.  
A estrela abaixou vinte e cinco graus  
E derrubou sobre a pedra que estava  
José, Maria*

*E o menino adorado na sua manjedoura  
Ela veio mandando para **adorar e não  
devorar!** (Rei Belquior, 2009) [grifos  
meus].*

Os três reis em coro se puseram um ao lado do outro e diante da senhora da casa apresentaram a bandeira recitando:

*Com a fé pode abrir a porta  
Que aqui estão as três coroas reais!  
Nós viemos para adorar e não para  
devorar...*

A frase *viemos para adorar e não para devorar* é o comando obrigatório para que todos entrem na casa apresentando a bandeira à frente. Segundo Seu Dirceu esta frase é de grande importância porque marca a diferença entre a intenção do rei Herodes de matar, devorar todas as crianças e a intenção dos reis de adoração ao filho de Deus, reconhecido como o rei dos reis.

Esta sequência corresponde ao ato de cumprimento no dia de festa do reinado às bandeiras levantadas no terreiro. No reisado, a bandeira, entregue ao dono da casa e mantida segura em suas mãos durante a batida da folia, é devolvida ao final, no instante de sua retirada. Assim que os reis passaram pelo portão, eles pararam diante da dona da casa. Gaspar, o mais velho, ofereceu a bandeira, se apresentando e apresentando sua caravana:

*– Sinhazinha: eu vim passando por essa  
estrada. E avistei esse palácio de grande  
sabedoria. E eu falei pros meus  
companheiros que aqui morava, devoto de  
Santos Reis.  
– Aqui mora ou não mora, sinhazinha?  
– Mora!  
– Sinhazinha aceita a bandeira de Santos  
Reis em sua casa?  
– Aceito, com muito prazer!  
– Só a bandeira ou caravana inteira,  
Sinhazinha?  
– A caravana inteira!  
– Todo mundo, né?  
– Chama todo mundo que a festa pode  
começar!  
– Sinhazinha, tem a representação da  
Lapinha de Belém?  
– Tenho sim! (Rei Gaspar, 2009).*

O rei Gaspar, como manda o fundamento, colocou o rei Belquior à frente, mas como é característico dos reis, o fez numa emenda com escárnio:

- *Tem cachorro bravo aí?*
- *Não, pode entrar.*
- *Bem, de qualquer forma, pra não correr o risco, vou mandar o preto na frente, porque qualquer coisa, ele que vai ser mordido por nós.*
- *À vontade! [risos...]*

Após a entrega da bandeira realizada pelos reis, a caravana retoma as vozes e as violas e segue pelo terreiro cantando hinos até o encontro da lapinha. Como este:

*Caminhemos, caminemos  
Para lapinha de Belém.  
Caminhemos, caminemos  
A Deus menino que a virgem Maria tem...  
Entre, entre meus pastores,  
Por esta Belém sagrada,  
Por este Belém sagrado.*

*Adorar a Deus menino  
Em sua lapa deitado,  
Em sua lapa deitado (Seu Dirceu, 2007).*

A adoração à lapinha corresponde à sequência ritual de oração que é executada separadamente por cada um dos três reis.

Em dezembro de 2008, na casa dos Teixeira, eu estava na varanda junto com a caravana formando um círculo em torno da lapinha. Assim que todos entraram, Belquior aproxima-se primeiro da lapinha e se ajoelha seguido dos outros dois. Diante da lapinha, proferiu em nome de todos: *Eu, como represento o rei Melchior, fico à frente, à lapinha de Belém, para adorar o Deus menino... Que nasceu pro nosso bem*<sup>20</sup>.

É diante do presépio que o mestre tira versos enquanto os reis veneraram o filho de Deus, narrando os “passos” da peregrinação dos três magos até Belém. Tratam cada um, ao seu modo, dos caminhos percorridos, dos lugares de onde vieram, dos perigos e das necessidades que passaram durante a caminhada até o encontro com o Filho de Maria.

---

<sup>20</sup> O rei Belquior é também chamado de Melchior, ou Bené. Assim como o rei Baltazar é chamado de novo e o rei Gaspar de velho.

### 5.2.6. Promessas e exibição dos reis

Finda a sequência de entrada na casa, vem a sequência profana que é conduzida pelos reis e não mais pelo mestre. Como diz Seu Dirceu,

*Como Melckior é o rei dos reis, ele é quem define o que pode acontecer ou não (2008).*

Os reis negociam a oferta dos donos da casa e em troca improvisam suas danças, contam histórias de modo a retirar sorrisos e gargalhadas, para recolher mais donativos. Os reis, ao contar diferentes hi[e]stórias, nos fazem passar das lágrimas ao riso, vivendo duplamente estados de angústia e de alegria. Cada um dos reis disputa a atenção das pessoas e se revezam na algazarra, exibindo o que tem de melhor a oferecer. Eles se diferenciam não somente pela máscara e pela cor da roupa, mas também pela forma de dançar e de cantar.

Uma noite do mês de janeiro de 2008, estávamos todos na sala da casa cheia, digna de um grande espetáculo. Foi neste dia que presenciei uma das mais belas performances dos reis.

O rei Gaspar, como mais velho fez às vezes iniciando com um pedido ao mestre para tirar uma canção:

*Senhora dona da casa  
Minha mãe mandou lembrança  
Minha mãe mandou lembrança ai ai ai*

*Senhora dona da casa  
Eu tenho muita alegria,  
Eu tenho muita ale ai ai ai  
(Seu Dirceu, 2008)*

Após o canto, uma moça que estava recolhida no canto da sala, é escolhida pelo rei, recebendo então, no pé do ouvido, um verso especial. Preguiçoso, depois de recitar o verso, o rei virou-se para todos e dançou um fagote, cantando assim:

*Amanhã eu vou-me embora  
O que me dão pra levar  
Vou levar saudade suas*

*E no caminho vou chorá*  
(Rei Gaspar, 2008)

Obviamente que este verso foi ouvido somente pela moça e por quem estava bem próximo. Ela proferiu um sorriso envergonhado e logo dispensou algumas moedas na mão do rei. Diante disto, não pude deixar de, no dia seguinte, perguntar à pessoa que fez o rei o que havia cantado que tanto emocionara a menina.

Revelo que quase utilizei da autoridade de pesquisadora para saciar a curiosidade impressionante de que fui tomada ao ver outra pessoa sendo escolhida e presenteada com um verso em segredo... Mas não o fiz, permaneci no desconhecimento. Compartilhei com muitos que ali estavam do desejo de um dia estar neste lugar e viver a emoção de ser escolhida e “cantada” pelo rei.

Assim que Gaspar terminou seu verso, Baltazar, o mais jovem e ousado dos reis, ao ver o sucesso de seu colega, se põe a dançar um lundu para fagote, e apronta uma cena que tem como alvo a mesma filha da dona da casa. Tomando o centro da roda, ficou imóvel, quieto e sem pronunciar, aguardando a dona da casa se manifestar.

O rei permaneceu imóvel até que foi chamado pela dona da casa: *Ô Bené, ce num vai trabalha pra nós hoje não?*

Ao que responde: *Hoje não sinhá, deixa o negro fazer o trabalho duro... Eu tô é apaixonado... Apaixonado pela sua filha.*

A dona da casa insiste e diz: *mas se não tiver trabalho de todos não vai ter mais cobre.*

Bené então sai de sua posição contemplativa, vira pra dona da casa e diz: *Então você quem pediu.* Virando para o mestre, pede um fagote para lundu:

*Oiá oiá oiá...  
Vamo jogar o jogo da douradinha  
Vamo jogar o jogo da douradinha  
Eu quero essa menina  
Se eu perder você me ganha  
Se eu ganhar você é minha!*  
(Rei Belquior,2008)

Foi uma noite farta para a folia, pois a intervenção do rei conseguiu tirar moedas de todos ali presentes. Belquior, que ainda estava quieto, assume a cena, encerrando a performance. Fazendo graça, circulou pela sala, passando lentamente por todos, dizendo



que *não sobrou nenhuma nhásinha* pra ele. Chegando a frente da mesma jovem, que já estava com suas bochechas vermelhas de tanta vergonha, ele para e canta um verso brincando com o fato de ser negro e o mais feio dos três reis:

*Você me chamou de feio  
Eu não sou tão feio assim  
Você me chamou de feio  
Eu não sou tão feio assim*

*Lá em casa tem um feio  
Que pegou feio em mim...  
Lá em casa tem um feio  
Que pegou feio em mim...  
(Rei Belquior, 2008).*

Depois da graça feita, o rei, não contente com as moedas que lhe foram oferecidas faz uma emenda:

*Ai morena, seu lenço caiu no chão  
Volta cá pega seu lenço que eu não sou  
seu nego não (Rei Belquior, 2008).*

A exibição dos reis terminada, o dono da casa autorizou o início da comeria.

#### 5.2.7. Jantar

Todos se calaram. Fomos convidados a comer. Saímos da sala e passamos pela casa até chegarmos à cozinha, onde estava sendo colocada uma mesa para servir um lanche. Apreciei aquela mesa farta montada com muito carinho e amor. Muita bebida e comida: bolo de mandioca, broa de fubá, café, cachaça, refrigerante, biscoito frito caseiro [ai que saudades da comida mineira da vovó]. Depois de me recuperar dessa breve emoção de que fui tomada pela lembrança do cheiro da comida típica de minha avó e que me remeteu a minha infância, procedi assim como os outros me entregando aos prazeres de degustar o alimento.

O procedimento do lanche é descontraído, informal, todos da caravana param de cantar e andar e sentam, por uns vinte minutos, conversam e comem bastante para prosseguir com as visitas. Somente os donos da casa é que ficam servindo todo o tempo,

preocupados em saber se estamos bem servidos e se estamos satisfeitos com o alimento que nos é oferecido.

Sobre isso, eu aprendi com o tempo que não se deve entregar-se aos prazeres e ao deleite da gula e *encher a barriga logo na primeira visita*, como me ensinou Seu Zezé. Pois como ele diz:

*Nós que somos da caravana não podemos  
fazer desfeita ao dono da casa, devemos  
comer em todas as casas (2008).*

#### 5.2.8. Retirada da caravana e despedida da festa

Terminando a sequência culinária, todos fazem uma oração em torno da mesa agradecendo a bênção alimentar.

*Ô senhora dona da casa que aqui  
nesta casa mora, que aqui nesta casa  
mora.... oiê... iê, iê, iê, êêê...  
Que Deus abençoa e dê força  
Que Deus vem te alumiar... oiê... iê, iê, iê,  
êêê...  
E agradeça essa comida...  
E agradeça essa comida, que acabo de  
alimentar... oiê... iê, iê, iê, êêê...  
Que Deus dê força e vida...  
Pra no ano nós voltar... oiê... iê, iê, iê...*

Os músicos então prosseguem para cantar a despedida, dando bênçãos até o retorno no ano seguinte. Tirada pelo mestre, a caravana se despede e segue em direção ao portão da casa, cantando os *passos da despedida*:

*Vamo embora, vamo embora  
Que a bandeira é nossa guia  
Vamo embora vamo embora  
Atrás de melhores dias (2008).*

#### 5.2.9. Festa de arremate e despedida da festa

A folia de Justinópolis seguiu com a primeira bandeira todas as noites, percorrendo diferentes casas até o dia 06 de janeiro dos anos de 2008 e 2009. Neste dia, a

festa de Reis, ocasião especial, mereceu alguns hinos em louvor aos reis magos, como este:

Pela parte do oriente  
São encontro dos três reis  
À procura de Deus menino  
Que tudo criou e Fez

Os três reis foram avisados  
Pelo profeta Jeremias  
Que havia de nascer o rei  
Filho da virgem Maria

No encontro dos três reis  
Com prazer e alegria  
Seguiram viagens juntos  
Com estrela na guia... (2008)

Hinos diferentes são cantados até a festa de São Sebastião. Após o dia 21 de janeiro, a folia muda o toque, os hinos, e troca novamente a bandeira, com hinos que louvam a viagem de volta dos Santos Reis. A caravana segue até 02 de fevereiro, quando acontece a festa de arremate em louvor a Nossa Senhora da Luz, a última do ciclo, merecedora de uma cerimônia especial do mestre, encerrando o ciclo.

O Rei Bastião se despediu fazendo um show de arremate dançando um lundu:

*Adeus eu já vou-me embora  
Vou entrar pela porta adentro,  
Vou voar pelo mundo afora.  
Voa andorinha, voa. Uma hora da  
madrugada  
Todo mundo aí chorando  
Pois Bastião já vai embora!*  
(Rei Belquior, 2008).

#### 5.2.10. Fim do ciclo

Após a festa todos seguem para suas casas, para o desmonte da lapinha. É o fim da festa e o fim do ciclo.

A obra de arte vai se desmoronando aos poucos. Os telhados feitos de palha vão para o lixo. As imagens vão perdendo os brilhos, a vida, tornam-se pequenos objetos enrolados em folhas de jornal. As roupas são tiradas definitivamente. Após lavadas e

remendadas, são arrumadas para dividir a prateleira do armário com as pequenas imagens. Esse amontoado de nada permanecerá por um tempo guardado.

O ciclo do reisado termina e a irmandade entra no período de recesso de festas que dura até o sábado de aleluia, quando retoma mais uma vez seus tambores e prossegue com as atividades do reinado.

*Vamo embora  
Vamo embora  
Com Jesus e Nossa Senhora  
Vamo embora dessa terra  
E até para o ano se Deus quiser (2008).*

3ª Parte:

Alguma Conclusão

---

*É como se todas essas tribos, essas expedições marítimas, essas coisas preciosas e esses objetos de uso, essas comidas e essas festas, esses serviços de todas as espécies, rituais e sexuais, esses homens e essas mulheres, fossem apanhados num círculo e fizessem em torno desse círculo, no tempo e no espaço, um movimento regular.*

Mauss, 1981.

## 6. Sistema ritual e circuito das trocas

---

Com base na observação pessoal, no testemunho nativo e nas teorias sobre a festa, procurei na parte anterior esmiuçar a estrutura ritual dos ciclos festivos de Justinópolis de forma a compreender como o vínculo social é gerado pela experiência da alternância da festa. Após os anos de convívio com a irmandade e suas festas, constatei que a permanência de elementos nas festas permite reconhecer um sistema de circulação de pessoas e de objetos.

Assim, revisitando a etnografia, nesta parte final darei atenção a essa ação simultânea que incide sobre o ciclo festivo que compreendo aqui como o circuito da festa ou o circuito de trocas.

Convido-o [meu caro leitor] a lançar um outro olhar para os mesmos elementos que se repetem nas sequências rituais pensando sobre os modos de circulação que nelas ocorrem. Trata-se, como nos diz Mauss, *da própria coisa que regressa*, ou seja, da forma como se configura o vínculo social de direito:

*Nossas festas são o movimento da agulha que serve para ligar as partes da armação do telhado de palha, para fazer um teto único, uma única palavra. São as mesmas coisas que retornam, o mesmo fio que passa.* (Monnaie apud Mauss, 1981: 81).

As coroas, as bandeiras, os presentes recolhidos pelas promessas são objetos circulados nas festas. Ao circularem fazem circular também pessoas configurando um circuito de trocas. A troca-dom é aqui possibilitada pela associação de três sistemas: o sistema da realeza, o sistema das promessas e o sistema mito-rito.

É importante salientar que, embora identifique separadamente cada um dos sistemas, a condição para que o circuito aconteça depende da confluência dos três, que, mesmo não se confundindo, são interdependentes uns dos outros.

A formação da realeza, figurada pela presença dos reis magos no ciclo natalino e pelos reis (congós, perpétuos, festeiros e reis do dia) no ciclo do rosário, é fundamental para pensar a circulação de pessoas e de objetos.

Como o próprio nome já diz, trata-se de reinados e de reisados. A composição da realeza é instituinte da festa, fato corroborado pelas sábias palavras de Seu Dirceu:

*Irmandade são as pessoas. O reinado, os coroados, reis e as rainhas congas, reis e rainhas perpétuas, reis festeiros, príncipes e princesas e os fazedores das promessas, compõem o reinado.  
O Reinado é coisa antiga. (2007).*

E acrescenta:

*Na folia de reis também temos reis, mas são outros reis. São reis estrangeiros, de continentes diferentes.  
É outra tradição (2008).*

Nos relatos de Seu Dirceu encontramos os elementos-chave para a compreensão da formação da realeza nas festas.

Sem ter lido Mauss, Seu Dirceu, quando dá ênfase à expressão “os coroados” para caracterizar o reinado está nos dizendo da importância que é conferida ao objeto.

No reinado é a coroa que confere o poder aos reis<sup>21</sup>. As coroas por serem sagradas ficam guardadas na sede da irmandade, somente na ocasião apropriada são retiradas e destinadas aos seus respectivos donos.

Há uma classificação das coroas que define o reinado.

A coroa mais importante é a dos reis e das rainhas congos que conservam toda a tradição do congado. Estas coroas são conferidas a membros que descendem dos fundadores da irmandade. São vitalícias e de transmissão hereditária.

Em Justinópolis, elas pertencem à família de Dona Aparecida. Descendente direta dos primeiros reis congos, ela herdou a coroa de rainha de sua mãe há 10 anos. Como não tem irmão, é viúva e não teve filho homem, a coroa de rei congo foi destinada a outro membro da irmandade. Se uma das filhas de Dona Aparecida tiver um filho homem, a coroa de rei provavelmente retornará para ele.

---

<sup>21</sup> Sendo Magos ou Congos, falar de reis é também falar de um poder mágico que está associado ao poder político. A associação entre magia e realeza, dois poderes mutuamente implicados e imbricados, foi genialmente pensada pelo célebre ancestral Sir James Frazer (1982).



A segunda posição na hierarquia de reinado é a dos reis perpétuos que somente atuam em ocasiões de falta dos reis congos. As coroas são oferecidas a uma pessoa mais velha, em homenagem pelos conhecimentos que possui acerca do congado. Em geral, alguém que ocupava a posição de rei ou de rainha congo de uma irmandade extinta. Os reis perpétuos são coroados junto com os reis congos. Como o nome diz, a coroa é perpétua, portanto, vitalícia, mas sem transmissão hereditária.

A terceira modalidade de coroa na hierarquia do reinado pertence aos reis festeiros. É conferida à pessoas estrangeiras à irmandade, mas que ocupam esta posição na ocasião de alguma promessa durante o período de preparação de execução da grande festa do reinado de Nossa Senhora do Rosário. Atualmente a coroa de festa em Justinópolis pertence à família Mamedes. Recebida pela primeira vez há dez anos, vem sendo revezada durante esse período entre os membros dessa família.

As últimas modalidades de coroas constituem as coroas dos fazedores de promessas. Eles podem usar a coroa somente na ocasião da sequência ritual de cumprimento das promessas ou podem ser coroados por um período de um dia, reinando durante o domingo da festa. Ainda podem receber coroas de promessas filhos dos promesseiros, jovens que ocupam o lugar de príncipes e princesas do reinado, tendo a função de acompanhar os reis em todas as cerimônias.

O procedimento de transferência das coroas se dá numa cerimônia específica, simples, porém marcante para aqueles que dela participam. Como se sabe, *toda transmissão do poder real requer ritos particulares, executados por determinados agentes, envolvendo gestos, falas e insígnias estabelecidas pelas tradições específicas* (Marina de Melo e Souza, 2006: 27). O candombe é no congado o agente desta transmissão. Os tambores são convocados para realizar o “firmamento” das coroas dos reis congos, dos reis festeiros, dos príncipes e das princesas<sup>22</sup>.

O poder de coroação dos reis está assim nos três tambores: Santana, Santinha e Puíca, que são tocados somente pelos mestres da irmandade. Ela é realizada após o pedido de licença solicitado pelo capitão mor. Os capitães das guardas se aproximam dos tambores, tomam-nos em suas mãos, tocando em ritmos, fixos enquanto diferentes pontos são tirados. Pela música, o cotidiano passado dos negros na época da escravidão é trazido para o presente vivido [sincronia e diacronia em *double bind*], evocando valores

---

<sup>22</sup> A expressão “firmamento” é utilizada pelos congadeiros para o ato de coroar.

de fé e de devoção, como este ponto que evoca o aparecimento de Nossa Senhora do Rosário:

*Nossa Senhora mãe de Deus  
Quando apareceu no mar  
Os nego foi lá cantar  
Branco batia no nego  
Até o povo chorá  
As lágrimas caiu no mar  
E começou a engrossar  
Neste momento triste  
Nossa senhora chorou  
Foi no tambor sagrado que a virgem sentou  
(Edinha, 2008).*

Os reis congos, que nunca deixam de serem reis, recebem a coroa e o cetro, as insígnias de seu poder, conferidos pela coletividade na festa de São Sebastião. Durante todo o ano, os reis e as rainhas congos promovem a circulação das outras coroas. A eles é atribuída a função de coroar os reis festeiros e de coroar os reis de promessa do dia.

A coroação dos reis festeiros acontece, como não poderia deixar de ser, na festa de São Benedito, o santo cozinheiro, uma vez que esta festa é estruturante da economia da festa do Rosário, pois a partir dela começam os preparativos financeiros para a grande festa, quando os reis distribuem tudo que foi acumulado no período de posse de sua coroa. *Peço ao santo cozinheiro para que abençoe aos reis pra que não falte comida para o grande dia*, diz Dona Marlene, cozinheira-chefe (maio de 2008).

A atribuição que me pareceu ser o mais fundamental nesse sistema de circulação de pessoas e de objetos diz respeito ao rei festeiro, uma vez que ao receber a coroa do rei congo em maio deve oferecer em troca a realização do almoço da festa de outubro. Lembrando que a sequência ritual do almoço é a situação de maior dispêndio da festa do congado, portanto, a que promove maior agregação de pessoas e circulação do mana. Como nos lembra Mauss, a riqueza e o prestígio não vêm do acúmulo, mas sim do dispêndio, pois o mana não deve e não pode ficar retido, é feito para circular (1981).

Os reis e rainhas estão cotidianamente envolvidos em cerimônias e em rituais para além da festa, existindo assim situações periódicas e ocasionais que envolvem a circulação da coroa, como esta que presenciei.

No mês de agosto de 2007, desavisada, fui à casa de Sá Rainha Dona Aparecida. Há tempos não tinha notícias de Justinópolis, desde maio na festa de São Benedito.

Chegando lá, encontrei-a em preparativos para sair: *Hoje é dia de visita de coroa*, disse-me ela, surpresa, como se eu soubesse e estivesse ali por tal motivo. Ao dizer que era mais uma *co-incidência*, ela me explicou que se tratava de um último ensaio destinado aos reis festeiros, que tem como objetivo a fixação dos procedimentos para o dia da festa de outubro. Acompanhando-a, descobri que se tratava de uma sequência restrita aos membros da irmandade. Começaram primeiro na sede, onde todos formaram as guardas para as homenagens aos reis, aos candombes e às bandeiras. Depois todos seguiram para a casa dos reis festeiros, passaram os procedimentos de cumprimentos as guardas, retornaram em cortejo até a entrada da sede. Tudo é real, mas também [*et pour cause*] uma cena. Todos levam a sério o ensaio, pois dele depende a boa realização da apresentação principal. A festa de visita de coroa torna evidente o caráter de teatralização da festa de reinado.

No reisado, os coroados são substituídos pelos mascarados. As máscaras aqui representam os reis magos, diferente do reinado onde as coroas os tornam reis. São três reis, portanto, há três modalidades de máscaras. A primeira é confeccionada com uma barba branca e identifica o Rei Baltazar, o mais velho dos três. A segunda modalidade de máscara identifica o Rei Gaspar, indica uma pessoa branca e jovem. A terceira é confeccionada na cor preta e identifica o Rei Negro Belquior.

Como nos disse Seu Dirceu, o reisado trata de reis estrangeiros. Tal fato implica que não há uma noção de pertencimento dos reis para com a irmandade. Assim, não há uma diferenciação hierárquica entre os reis magos, como no caso dos reis do congado, e também não há transmissão das máscaras.

Os três reis se revezam atuando simultaneamente nas diferentes sequências do ciclo. Juntos representam as três coroas reais. Tal fato é explícito quando eles erguem a bandeira e proferem a frase [que já mencionei antes] de presença obrigatória numa das sequências rituais da festa:

*Com a fé pode abrir a porta  
Que aqui estão as três coroas reais!  
Nós viemos para adorar e não para  
devorar...*

Importante ressaltar que no reisado, do mesmo modo que no reinado, cabe aos reis o papel de articuladores do circuito de trocas. Eles promovem a circulação do mana, não

pela troca de máscaras ou de coroas, mas atuando em outros procedimentos, como a passagem da bandeira.

A bandeira materializa as três coroas reais. As coroas não existem de fato e se fazem presentes nas músicas e através da imagem dos santos reis estampada nas bandeiras. A bandeira é, assim, outro objeto sagrado neste circuito de trocas.

O sistema da realeza produz a circulação da bandeira no reisado. Os reis atuam no procedimento de passagem da bandeira ao dono da casa que recebe a folia durante a sequência ritual de pedidos de licença de entrada na casa do devoto. No retorno da bandeira para seus reis, num procedimento de agregação, ela circula nas mãos de todos os presentes e toda vez que é tocada, é beijada por seus devotos.

Os reis magos são, da mesma forma que os reis festeiros, responsáveis pela economia das festas. Conforme citado na segunda parte, são acionados de outro modo nas sequências rituais, atuando com jocosidade no recolhimento dos adjutórios.

A bandeira também é circulada no reinado, entretanto, a circulação é realizada pelo sistema de promessas. Assim, outro aspecto que se destaca neste circuito de trocas é a constituição do sistema de promessas.

A promessa torna a festa eficaz, pois sua existência está ligada à própria constituição da festa, já que, segundo narrativa de Seu Zezé, a primeira festa se fez como pagamento de uma promessa.

*Naquela época da escravidão, os negos eram trazidos pelos navios. Eles sofriam muito, a viagem era longa, tinha que atravessar o mar. Nesta época, nego não tinha o que comer, nem o que beber. Muitas vezes uns, os mais fracos, eram mortos para servir de comida para outros. Chico Rei fez uma promessa que se sobrevivesse na viagem, assim que chegasse em terra, iria fundar seu reinado, fazer uma festa pra comemorar a sua vida e a de seus irmãos que. E foi assim que fez. Chegando na Vila Rica, Ouro preto, fundou o seu Reinado, o primeiro reinado de Chico Rei, e fez a festa (2008).*

O mesmo princípio instituinte ocorre no reisado:

*Os reis, que ainda não eram reis, eram somente magos, não sabiam se iriam encontrar o menino vivo, tampouco sabiam se chegariam ao seu destino. Quando chegaram, no dia 06 de janeiro, é que a festa começou e ficaram dias em festa até 02 de fevereiro, quando foi o retorno dos reis aos seus continentes. Muita gente acha que a festa acaba dia 06, mas é neste dia que a festa de reis começa! (Seu Dirceu, 2008).*

Desde a promessa fundante, o que se segue são promessas que se inserem em promessas. Uma promessa individual, cujo pagamento torna-se coletivo, gera uma festa que gera promessas individuais... Como diria Geertz (1989), estamos diante da série infinita de tartarugas sobre as quais repousa o mundo, as interpretações das interpretações.

Esse circuito é complexo e opera de diferentes modos nos ciclos de festas de reinado e de reisado, constituindo quase como uma instituição autônoma e paralela à festa, mas que cumpre um papel fundamental em seu estabelecimento e em sua manutenção:

*As guardas e os foliões pagam todas as promessas! E quanto mais promessa tem para pagar mais tempo dura a festa. Enquanto houver promessa, haverá a festa para pagá-las (Seu Dirceu, 2008).*

A promessa, ou melhor, dizendo, o circuito de promessas *constitui um modo de comunicação essencial que se aproxima do sacrifício e simultaneamente pressupõe uma relação de troca*, graças a qual se estabelece e se mantém *uma solidariedade entre as duas sociedades, a humana e a divina* (Sanchis,1992: 46).

Como um sistema de trocas permanentes, as promessas podem ser analisadas pela ação simultânea (no plano vertical), como uma ação regulada pela magia, atuando como força de superação humana e (no plano horizontal), e como uma ação que reforça laços entre as comunidades, atuando com força de organização social (Sanchis,1992: 54).

O sistema de promessas envolve, mas também ultrapassa, o tempo da festa. O circuito das promessas não é somente um e se dá sob diferentes modos. Vejamos então algumas formas de relações que se estabelecem neste circuito.

Os congadeiros são irmãos e pagadores de promessas. Existem muitas irmandades em Minas Gerais que, tal como mencionei, frequentam as festas umas das outras, formando o que se poderia chamar de redes festivas. Para que continuem irmãos, eles têm a obrigação de ajudar uns aos outros na realização de suas festas. Assim, se faz necessário tanto receber para fazer a própria festa quanto ir à festa do outro.

Esse contrato tem como princípio a confiança prévia dada à palavra, principalmente quando essa sai da boca de um capitão de guarda, ou do mestre da folia. *Todo congadeiro ou folião quando dá sua palavra, ele cumpre o prometido*, comenta um dos integrantes da irmandade numa roda de conversa (2008).

As obrigações não são as mesmas quando se é o dono da festa e quando se é convidado. São os donos quem definem quem vai pagar, quantas e quais promessas. A guarda convidada recebe o almoço oferecido pelos donos da casa, e em troca ajuda na sequência de cumprimento das promessas, pagando as promessas que lhe são confiadas. Participa também da procissão e da missa. Desse modo, as irmandades ampliam seu campo de atuação social, ampliando a quantidade de festas.

Acompanhei a irmandade de Justinópolis na visita à festa dos Arturos de 2008. Depois do almoço oferecido pelos donos da casa, fui com Seu Dirceu e Seu Zezé até os fundos da casa onde estavam vários capitães de irmandades descansando e proseando. Presenciei assim a cena do encontro de duas irmandades que acabavam de conhecer.

*De onde vocês são?* Perguntou Seu Dirceu.

*De Paraopeba* respondeu um senhor que portava um bastão de capitão.

*Quando é sua festa?* Perguntou Seu Dirceu.

*Já foi em julho.* Respondeu o capitão.

Seu Dirceu emendou em seguida: *Bem! A nossa é semana que vem. Você não quer ir ajudar a nós este ano na nossa festa? E ano que vem, pagamos lá pra vocês no seu terreiro...* E o capitão da guarda de Paraopeba respondeu com muito apreço ao Seu Dirceu, mas recusou o convite:

*Ôh! O convite foi feito muito em cima sô, já vamo tá pagando outra festa. Mas para o ano que vem, manda o convite com antecedência que a gente vai tá lá com certeza.*

Trata-se de uma típica relação de dádiva, de troca-dom. A irmandade de Justinópolis recebeu em sua festa de 2008 dez irmandades vizinhas e, conseqüentemente, saiu, no mínimo, dez vezes para ir festejar fora de seu terreiro. Nesta rede de relações podemos identificar irmandades que atuam em comunhão em vários campos da vida social e coletiva, pois, além da atuação no dia da festa e no levantamento da bandeira de aviso, eles participam de outras ocasiões importantes como velório, nascimento, casamento. Nas festas de Justinópolis estão religiosamente presentes a Irmandade dos Arturos, a Irmandade do Ciriacos, a Irmandade de Prudente de Moraes e a Irmandade do Alto dos Pinheiros.

A festa é também fundamental para a constituição do sistema de relações entre congadeiros e não-congadeiros. Esta modalidade de relação que se realiza através da promessa, se faz de duas formas: por intermédio do rei festeiro e na interação direta com outros devotos que não ocupam esta posição.

Como o rei festeiro, de um modo geral, é uma pessoa que não pertence à irmandade, trata-se de uma relação de reciprocidade diferente, como a que ocorre entre o catolicismo negro e o catolicismo branco, por exemplo. Do mesmo modo, se dá a relação direta entre os congadeiros e os outros devotos que são católicos, simpatizantes do congado, mas não integrantes de irmandade.

Um primeiro modo de estabelecer a promessa dos devotos ocorre na ocasião da festa. O devoto faz e cumpre a promessa no mesmo dia. Durante a sequência ritual do cumprimento das promessas, após o oferecimento de uma quantia em dinheiro à irmandade, os devotos escolhem qual guarda irá pagar sua promessa, quantas voltas serão dadas no terreiro e qual objeto será conduzido no percurso. Os objetos das promessas na sequência ritual da festa de reinado são a coroa e a imagem de santo. As guardas, operando como articuladoras na comunicação entre os devotos e o sagrado, dão ao devoto o objeto escolhido, que será devolvido por ele, logo após o pagamento da promessa.

Conforme indicado, há ainda outra forma de interação entre os congadeiros e não-congadeiros que se dá sob a modalidade de promessa de guarda bandeira. As bandeiras são confeccionadas por um membro da irmandade e entregues ao promesseiro no estabelecimento da promessa. Neste circuito o devoto tem o dever de guardá-la em sua casa durante todo o ano, entregando-a à irmandade para que seja levantada no terreiro durante o período da festa. É dever da irmandade levantar as bandeiras e descê-las, devolvendo-as, uma a uma, aos promesseiros, para que esses as guardem e repitam o ritual nos anos seguintes, enquanto durar o tempo da promessa. Após cumprir o tempo da

promessa, não são reutilizadas e passam a ser guardadas na sede junto aos outros objetos sagrados.

O mesmo princípio de formação das redes festivas estabelecido pelos congadeiros se aplica também para os foliões, porém em menor escala, pois estes já fazem sua festa fora de casa. Algumas caravanas saem para visitas a outras caravanas que também são consideradas irmãs. Essas visitas ocorrem normalmente num dia importante de festa, como na noite de Natal ou na Festa a Santos Reis. A festa é, desse modo, incrementada pelo encontro das caravanas que, no fim da noite, após terem cumprido todas as sequências rituais, promovem um batuque com cantorias e com modas de violas.

A constituição do circuito das promessas tem algumas variações na folia em relação ao que se passa no congado. Pelo fato da folia consistir em peregrinação, as promessas são pagas em sua maioria nas casas dos devotos e não no terreiro.

Começamos ilustrando um exemplo típico de devoto que faz promessa. Ele faz um pedido, por exemplo, aos Santos Reis e oferece como pagamento da promessa sua casa para receber a caravana. A caravana, por sua vez, fica obrigada a fazer a visita. Ao entrar na casa oferece sua bandeira aos donos da casa, em retribuição ao convite. Em troca, os donos da casa oferecem a lapinha para ser adorada e recebem como retribuição cantos e hinos ao seu louvor. Assim, novamente obrigados a retribuir, eles oferecem um jantar e ou um lanche à caravana. Os reis, por sua vez, oferecem danças em agradecimento à hospitalidade e são retribuídos com ofertas, adjutórios para ajudar na realização da próxima festa.

Dar, receber e retribuir, dar, receber, retribuir... Cada visita da caravana implica o pagamento de uma promessa, implica a realização da reciprocidade em seu circuito infinito de trocas.

Quando um devoto quer alcançar uma graça de grande valia, ele oferece um jantar especial, que pode ser no dia do natal, no dia de Reis, no dia de São Sebastião ou na festa à Nossa Senhora da Luz. O alimento é aqui a expressão máxima da dádiva.

Assim como no alimento, o pagamento de promessas evidencia a relação de reciprocidade estabelecida entre todos que comungam da festa. Corresponde ao procedimento em que foliões recolhem, dentre os devotos presentes, doações como pagamento aos cantos e aos agrados feitos pelos reis magos. Os devotos, obrigados a retribuir, oferecem alguma quantia, por mínima que seja. No período que antecede a festa de São Sebastião, devido à especificidade do santo, os foliões recebem, sobretudo, animais para serem leiloados no dia da festa.



Enquanto no congado o pagamento de promessas constitui um momento solene e sagrado, no reisado ele é chamado de parte profana da festa. O circuito de promessas exhibe na festa o pólo da magia e o pólo da agonístico, duas características fundamentais da reciprocidade.

As séries de sequências rituais de ambos os ciclos comportam um complexo que pode ser visto como cenas preenchidas de outras cenas. Estas cenas são transportadas do imaginário construído pela narrativa mítica e são reencenadas, ou seja, epifanizadas na festa. Assim, o terceiro sistema que quero pontuar diz respeito à dinâmica mito-rito. Os objetos que circulam no circuito da realeza e no circuito das promessas são consagrados e trazidos à festa pela sua fundamentação mítica.

O mito é a manifestação de um desejo. *Ele manifesta a onipotência da palavra, quer se trate de comando ou de encantação* (Callois, 1989). Segundo Seu Dirceu, se quisermos saber as “verdadeiras” histórias, temos que buscá-las nos livros de pesquisas e ouvir todos os congadeiros, um por um. No entanto, se quisermos saber a sua história, ou seja, os ensinamentos que fundamentam a festa da irmandade de Justinópolis, temos que recorrer aos mestres da casa, pois como lhe ensinava seu avô e agora ele me ensina:

*Cada roda tem seu fuso, cada rosa tem seu uso. Quem sabe de sua festa é o dono da casa* (2008).

Retomemos as duas narrativas míticas. As hi[e]stórias contadas pelos membros da irmandade falam de encontros. Um encontro com a santa, a moça, a virgem. Um encontro com o menino, o filho, o messias. A festa é realizada em retribuição à retirada da virgem das águas pelos três tambores ou em retribuição aos três presentes dados pelos magos ao menino Jesus. A festa celebra e epifaniza esses encontros.

A hi[e]stória que fundamenta o reinado diz do aparecimento da virgem nas águas do mar e da sua retirada pelo candombe dos negros. Eles começam na senzala, na condição de escravos e, desafiando os brancos, ganham um poder ao mesmo tempo mágico e político, retornando à senzala para festejar. A festa ritualiza e narra passagens desta dupla conquista, a proteção da santa e a afirmação do poder diante dos brancos.

A hi[e]stória do reisado diz do nascimento redentor em uma gruta e de seu encontro por três homens sábios que saíram de continentes distintos para adorar o filho da virgem. Eles saem de seus países, atravessam o deserto para o encontro do menino. Após o encontro, eles oferecem seus presentes e recebem em troca a coroa feita pela Virgem

Maria. Desse modo, eles retornam aos seus continentes em outra condição: como reis. O ritual festivo narra e ritualiza as passagens que precedem o encontro até o retorno dos reis.

Nota-se que há uma constante, um fio em comum compõe a estrutura narrativa. Assunto que pode ser ricamente explorado, mas que deixo para aspirações posteriores. Para o momento registro dois aspectos que julgo interessantes.

As duas narrativas afirmam o poder dos negros diante dos brancos. Conferido tanto pelo mérito da retirada da virgem, aos sons dos tambores dos escravos, quanto pelo mérito do encontro do menino Jesus, atribuído ao Rei Belquior, o rei negro.

Outro fato importante é que em ambas as narrativas a hi[e]stória acaba em festa. A festa é fruto da dinâmica mito-rito. É importante destacar que não necessariamente o mito precede o rito. Para Van Gennep (1978), por exemplo, o rito inventa a origem. Questão nada óbvia, é tema clássico de discussão na antropologia. Longe de querer entrar no mérito da questão, o fato inegável que me interessa em específico, é o da dinâmica entre rito e mito, que vai sendo estabelecida e restabelecida na duração. De festa em festa... Desde o começo e sempre...

## 7. Nota teórica 2 : considerações finais

---

Durante o trabalho não pretendi alçar uma análise comparativa das festas, mas sim ressaltar o princípio operante no ciclo circuito. Sigo desse modo, com algumas considerações necessárias.

Defendi com Mauss que a vida social é constituída por variações e alternâncias necessárias. Na sociedade esquimó essas alternâncias são facilmente notadas pelas mudanças das estações. Acrescentando ingredientes à teoria maussiana, tomei os estudos de seu contemporâneo Van Gennep, incrementando que tais alternâncias são mudanças e exprimem ritos de passagem caracterizados, por exemplo, pela festa<sup>23</sup>.

Estas proposições inspiraram-me na abordagem das festas de Justinópolis. Tomadas primeiramente sob a ótica da variabilidade da experiência social e coletiva apontada por Mauss, notei que a alternância festiva indica fases sucessivas às quais se submetem à vida social e coletiva no período anual: dispêndio e reparação, repouso e atividade, agregação e separação. A variabilidade aqui implica, pois, em um mecanismo posicional que foi compreendido, em boa medida, pelas contribuições de Van Gennep quando introduz a noção de alternância ritual e rotatividade do sagrado. Assim, a mudança que se aplica às festas ocorre todas as vezes que incide sobre elas, circunstâncias que a produzem.

Assumo as proposições dos autores e peço licença para fazer minhas primeiras extrapolações. Antes, porém, retomo meus registros para resgatar algumas idéias defendidas até o momento.

Indiquei que há uma analogia entre os elementos que orientam a sucessão das sequências rituais em cada um dos ciclos. O modo de organização das sequências dá forma à estrutura cíclica do ritual, produzindo um mecanismo de permanente repetição da festa.

---

<sup>23</sup> A festa exprime as passagens. Fato corroborado num dos comentários de Van Gennep a respeito do trabalho de Mauss. Ele diz que Mauss não colocou em análise as práticas em uso em decorrência da mudança climática, no entanto elas podem ser vistas nas descrições. Por exemplo, na transição da moradia realizam-se um banquete em comum, festas na aldeia, procissões e bênçãos na saída e no regresso para passagem da vida no vale para a vida na montanha (1978).

Interessou-me, posteriormente, colocar em discussão o mecanismo da duração em outra perspectiva que não a da composição da estrutura ritual. Defendi assim a existência simultânea de um ciclo e de um circuito, sendo este último um mecanismo que se estabelece dentro e fora do tempo/espço da festa. Pois, como nos diz Perez, a festa também

*diz respeito não a um evento delimitado no tempo e no espaço, mas a um tempo/espço (efêmero e transitório) de exuberância e de explosão de vida, do fazer-se humano, que está fora e alheio ao devir, fora e alheio à duração (2004: 12).*

Antes de avançarmos nas questões que elaborei a respeito do estabelecimento do ciclo circuito da festa, examinemos um pouco mais os elementos constitutivos da festa e sua esfera de abrangência.

Conforme vimos, a festa é composta por um conjunto de cerimônias, mas não se restringe a ele. Delimitada por sequências rituais, *nos imperativos que permitem identificá-la*, ultrapassa-as, *pelas invenções de seus elementos livres* (Isambert apud Perez, 2002: 21). Oscilando entre dois pólos, o pólo da cerimônia [que é o rito propriamente dito] e o pólo da festividade [que é o da efervescência propriamente dita], o mecanismo festivo rompe temporariamente com os encadeamentos da estrutura social e instaura outra lógica de organização e de experiência.

Assim, o ato festivo apresenta uma realidade e uma dinâmica que lhe é própria. Tal como o jogo, o lúdico, o sagrado e o imaginário pertencem a uma dimensão onde imperam o imprevisível e o inelutável. Refiro-me aqui ao que trata Duvignaud: uma experiência que abre ao campo das possibilidades, que envolve a todos por um instante num universo desculturado:

*Diremos que as festas, assim como o transe, permitem às pessoas e coletividades sobrepujarem a “normalidade” e chegarem ao estado onde tudo se torna possível porque o indivíduo então não se inscreve apenas em sua essência humana, porém em uma natureza, que ele completa pela sua experiência formulada ou não (1983: 223).*

É esta experiência em suas infinitas possibilidades de realização concretizada pela festa que nos interessa em específico, uma vez que ela compreende o potencial de subversão:

*Cada festa, independente de sua dimensão, é um veículo de poder transcendente, de antecipação ou de criação. [Esta faculdade está] no que ela tem de inesperado, efêmero, gratuito, espontâneo (Duvignaud, 1990: 11).*

A efemeridade, semente geradora do poder subversivo da festa, nos conduz a compreender o modo singular da relação entre festa e tempo. Não sendo feita para durar mais do que o instante passageiro a que lhe foi destinado, é, no entanto, experiência de infinito retorno, ainda que de outro modo. O circuito festivo se porta enquanto instância de uma experiência efêmera que, como indicado por Perez, nos possibilita (...)

*(...) pensar a vida humana em coletividade sob sua dupla modulação, a de agregação (estar-junto) e a de imaginário (fabulação, desejo, campo do possível), pois em seus diferentes regimes de empiricidade, [a festa], opera ligações as mais variadas e inusitadas, possibilitando para quem dela participe a vivência (desdobrada em experimentação) de uma existência outra que a do real socializado, uma existência que é própria da festa (2008: 03).*

É sobre essas ligações inusitadas operadas pelo circuito festivo que tratarei em específico. Contudo, antes de finalizar, julgo necessário ainda estabelecer algumas pontuações.

Começamos retomando a concepção inicial de Van Gennep (1978), segundo a qual a vida social é regida pela ordem mágico-religiosa e exige passagens sucessivas de um estado para outro, existindo ritos que configuram a sucessão de etapas. De fato, como bem demonstra o autor, o sagrado e o profano, onipresentes e onipotentes na vida individual e coletiva, não são opostos, mas relativos a uma dinâmica que lhes é constitutiva. Diz ele:

*O sagrado, de fato, não é um valor absoluto, mas um valor que indica situações respectivas. Conforme nos coloquemos em uma posição ou em outra da sociedade geral, há um deslocamento dos círculos mágicos (Van Gennep, 1978: 32).*

Tal dinâmica conferida pelas passagens dos estados implica um movimento giratório, chamado pelo autor de círculos mágicos. Esse é um dos pontos fundamentais de compreensão do circuito festivo, sugerindo não uma simples circularidade, mas uma mudança posicional e uma inversão de situações e de papéis. Assim o primeiro ponto que quero ressaltar diz respeito à relação de implicação entre circularidade e rotatividade.

O segundo ponto que gostaria de ressaltar é que a ideia da circulação implica em reciprocidade, uma vez que os circuitos nada mais são do que a realização do sistema de reciprocidade. Mauss já indicou o cerne da questão quando elegeu que o lugar privilegiado para a realização da dádiva é a festa:

*Tudo se passa no decurso de assembléias, de feiras e mercados, ou pelo menos de festas que tomam seu lugar (Mauss 1974: 180 apud Perez 2002: 32).*

Como falar em reciprocidade é falar em relação, vejamos algumas relações que os circuitos do reinado e do reisado encenam e epifanizam.

Tendo como princípio articulador, a realeza, o sistema das promessas e a dinâmica mito-rito, identifiquei um circuito que produz uma série vasta de trocas. Índice de materialidade, os objetos circulados, a coroa para o reinado e a bandeira para o reisado, podem ser pensados como índice de passagem no e do tempo.

Do mesmo modo os outros objetos ancestrais que são trazidos ao presente junto ao corpo no ato da festa.

A magia do bastão que carrega o capitão, a proteção das contas do rosário, a força das gungas que são trazidas nas pernas. De acordo com o mito do reinado, todos os objetos, o rosário, o bastão, a coroa, foram dotados de poder sagrado ao serem oferecidos pela santa.

O bastão que carrega o capitão, de acordo com uma das muitas variantes da narrativa mítica, era um cajado de preto véio que foi dado a Nossa Senhora para que lhe

servisse de pinguela e devolvido como um bastão sagrado. Ele abre passagens, limpa caminhos, consagra outros objetos.

Os rosários são as lágrimas da santa que engrossaram. Trazidos sempre no peito, protegem o congadeiro, pois carregam consigo o mana do próprio corpo da mãe.

As gungas nos remetem às correntes arrastadas pelos pés dos negros amarrados. São chocalhos feitos com latinhas preenchidas de conchas do mar e que são colocadas nas pernas dos moçambiqueiros e batidas no chão acompanhando o ritmo dos tambores quando a guarda faz alguma ação ritual. De acordo com Seu Zezé, as gungas também remetem ao objeto que os negros traziam amarrados ao corpo. Eram como sinos de identificação. Pelos sons, os negros eram reconhecidos e capturados quando tentavam fugir nas matas.

A festa estabelece uma outra relação com o tempo e a duração. Adere o mito ao rito, o passado ao presente. Ao narrar e ritualizar as hi[e]stórias, trata de passagens, de momentos de encontro, fala de sentimentos de vida, de dor, de luta, de alegria, de dádiva.

Assim o terceiro ponto que quero ressaltar diz respeito a relação entre reciprocidade e diferimento. Como demonstrou Mauss a obrigatoriedade dar, receber e retribuir não ocorre de imediato. A retribuição se dá ulteriormente.

*As dádivas circulam, vimo-la na Melanésia, na Polinésia, com a certeza de que serão retribuídas, tendo como “segurança” a virtude da coisa dada que é, ela mesma, essa “segurança”. Mas é, em toda a sociedade possível, da natureza da dádiva obrigar a termo. Pela própria definição, uma refeição em comum, uma distribuição de Kava, um talismã que se leva, não podem ser retribuídos imediatamente. O “tempo” é necessário para se executar qualquer contraprestação (1981: 108).*

Assim, o ciclo circuito possibilita-nos compreender as relações entre sincronia e diacronia. Com efeito, o ponto de partida sempre será retomado de outro lugar. Ao que tudo indica esse lugar implica uma inversão posicional de situações e de papéis.

Tomemos primeiramente a alternância dos elementos nos ciclos festivos:

<b>Elemento</b>	<b>Ciclo do reinado</b>	<b>Ciclo do reisado</b>
Bandeira	Várias bandeiras	Uma bandeira
Rei	Usam coroa e são solenes	Usam máscara e são cômicos
Procissão	Os reis são guardados	Os reis são exibidos
Imagem adorada	Uma imagem de cada santo fica numa única igreja	Várias imagens de cada santo ficam nas várias lapinhas
	Adoração a mãe, Nossa Senhora do Rosário	Adoração ao filho de Deus, menino Jesus
Alimento	Um almoço para todos os devotos	Vários lanches para cada grupo de devotos

**Figura 11: Alternância dos elementos nos ciclos festivos**

A partir da descrição do quadro podemos inferir algumas observações acerca da inversão posicional a que se submetem aqueles que participam da festa.

Começemos pensando com relação às coroas e às máscaras que caracterizam os reis e que promovem uma inversão posicional.

Os reis magos ficam bem expostos na festa, saem à frente, falam, dançam, mas conservam-se preservados (anônimos) pelo uso das máscaras. Os reis coroados são exibidos pelas coroas, mas não são expostos nas sequências rituais da festa. Assim, observa-se que a caravana se põe atrás dos seus reis, ao passo que no cortejo do reinado, as guardas de moçambique e de congo seguem à frente deles. Desse modo, a coroa que exhibe, guarda e a máscara que esconde, revela.



A bandeira é um outro objeto que também é retomado nas festas, promovendo a inversão de situações e de papéis.

A bandeira é um objeto de adoração. Durante todo o ciclo festivo do reisado, os foliões conduzem a bandeira da folia às casas dos fiéis. A bandeira que deve ser colocada e retirada em cada uma das casas promove a circulação da caravana. No ciclo festivo do reinado, ocorre de outro modo. A bandeira, que não é uma, mas são muitas, também promove a movimentação, agora não mais dos congadeiros. Levantadas no terreiro na irmandade, as bandeiras promovem circulação dos devotos que saem de suas casas para venerá-las.

Ainda com relação ao modo de adoração, há uma inversão produzida pelas imagens adoradas.

A caravana segue em cada uma das casas dos devotos para adorar a imagem do menino Jesus que fica na lapinha. A imagem promove assim a circulação da caravana. Os congadeiros, por sua vez, trazem ao terreiro as pessoas para venerar a imagem de Nossa Senhora do Rosário. Agora a imagem promove a circulação dos devotos.

Observa-se assim uma estrutura de inversão de situações e de papéis. Começamos com as muitas bandeiras que se reúnem e uma mesma imagem adorada no dia da festa de reinado. Na alternância de ciclo, passamos para uma bandeira que é dispersa por toda a noite passando pelas várias lapinhas reverenciadas. Os reis também mudam de status, deixam de ser nativos e solenes, e passam a ser cômicos e estrangeiros, ao invés de exibir as coroas sagradas, valem-se das máscaras, nas mãos não seguram um cetro, mas carregam uma manguara<sup>24</sup>.

Retomando a noção maussiana, vemos que os festeiros no ciclo do reinado estão produzindo a agregação. Assim o ciclo do reinado é caracterizado pela reunião de pessoas no terreiro que vão ao encontro solene dos reis que distribuem o alimento sagrado. Prevalece, como já dito, a agregação, o dispêndio e a introversão. A festa tende ao pólo da magia.

Na alternância para o ciclo do reisado, os festeiros invertem os papéis. Como visitantes, sempre em atividade, tendem a separar, no lugar do dispêndio realizam a reparação, mesmo portando momentos de seriedade, a festa de reisado é extrovertida,

---

<sup>24</sup> Manguara é um bastão feito de madeira do tamanho de um cabo de vassoura, com guizos na extremidade superior.

prevalecendo o riso, a jocosidade, o pólo agonístico. Na folia de reis, a chegada do filho é venerada, no ciclo do reinado, a chegada da mãe.

Tomando de outro modo os mesmos elementos do quadro, podemos sistematizar outra inversão.

Conforme Van Gennep (1978), o deslocamento dos círculos mágicos depende do lugar que fixa o observador. Assim, chamo a atenção para a oposição das experiências vividas simultaneamente no mesmo evento pelos festeiros e pelos festejados.

Se analisarmos o quadro da alternância dos elementos nos ciclos festivos sob a perspectiva do ciclo do reinado, veremos que enquanto os festeiros se fixam para receber a festa em casa, os devotos se deslocam para festejar. Na alternância para o ciclo do reisado, as experiências se invertem.

Colocando estas observações em diálogo com as contribuições de Mauss e de Van Gennep, defendo a ideia de que a variabilidade não é uma simples circularidade, pois implica num mecanismo de mudança posicional das experiências vividas pelos festeiros e pelos festejados. Independente do ponto de referência para a observação, nota-se que em ambas as perspectivas (festeiros ou festejados) há uma coexistência e uma dependência mútua, nos conduzindo de um modo ou de outro ao que está em jogo: a rotatividade do sagrado.

No ciclo do reinado, os congadeiros e os fiéis se reúnem, se aglomeram, portanto o sagrado está aglutinado. Enquanto que no reisado, como o nome diz, na caravana trata-se de uma peregrinação, foliões e fiéis [invertendo os papéis], simultaneamente produzem a dispersão, ou seja, o sagrado está espalhado.

Podemos assim considerar que o modo singular de associação (inversão) resulta na variabilidade e na alternância, produzindo uma rotatividade do sagrado que, por sua vez, é epifanizada pela e na festa. As diferentes sequências rituais constituem, como já dito, “causas ocasionais” – nos termos maussianos, de princípio mais geral da vida social e coletiva: a reciprocidade.

As festas não obedecem às regras da linearidade do tempo tão bem encaixadas no decurso da nossa vida social moderna, colocando de outro modo a relação com o tempo e com a própria hi[e]stória. Está em jogo uma relação outra com a duração.

A duração se apresenta de duas formas ambíguas: a de um ciclo permanente, que se mantém no princípio da alternância da festa, essa teimosia de sempre retornar. E a de um circuito, esse instante passageiro, efêmero, como aquele da participação emocionante na sequência ritual de cumprimento da promessa.

Por fim, como diria Roberto DaMatta (1978), a festa, rompendo com os encadeamentos sociais, enquadra na sua coerência cênica, grandiosa ou medíocre, aquilo que está aquém e além das coisas “reais” e “concretas” do mundo rotineiro.

A festa provoca encontros e reencontros.

Nos risos ou nas lágrimas,

Nas disputas ou nos abraços,

Nos presentes doados ou recebidos,

Na união ou na separação,

No acúmulo ou no dispêndio...

Laços são reforçados.

Essa ligação que é essencialmente corporal promove a vida.

4ª Parte: O pós-texto ou o fim “di-  
certa-ação”

---

*Pois o rito igualmente sugere e insinua a esperança de todos os homens na sua inesgotável vontade de passar e de ficar, de esconder e de mostrar, de controlar e libertar, nesta constante transformação do mundo e de si mesmo que está inscrita no verbo viver em sociedade.*

Roberto DaMatta, 1978



Figura 12: Coroas e reis do reinado (Festa a Nossa Senhora do Rosário, 2008)



Figura 13: Máscaras e reis magos (2008)



---

Figura 14: Tambores do candombe (acervo da irmandade 2005)





---

Figura 15: Lapinha, devoto e caravana a Santos Reis (2008)



---

Figura 16: Bandeiras e guardas no terreiro (Festa de reinado, 2008)



Figura 17: Tambores do reinado, em destaque gungas do moçambique (2008)



Figura 18: Teatro na praça, entrada no terreiro e guarda de congo (Festa a São Benedito, 2008)



Figura 19: Cozinha da irmandade (Festa a Nossa Senhora do Rosário, 2007)



Figura 20: Membros da irmandade de Justinópolis (2007, 2008)

## Bibliografia

---

*Nada se cria, tudo se copia.*  
Abelardo Barbosa apud Perez, 2007



Alves, Vania de Fátima Noronha. Os festejos do reinado de Nossa Senhora do Rosário de Belo Horizonte: práticas simbólicas e educativas. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2008.

Amaral, Rita de Cássia de Mello Peixoto. *Festa a brasileira – sentidos do festejar no país que não é sério* (Tese de doutorado). São Paulo: USP, 1998.

Ávila, Affonso. *O lúdico e as projeções do mundo barroco*. 2ª Edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 1994.

Barros, Manuel de. *O livro das ignoranças*. São Paulo: Record. 2004.

Barbosa Filho, Rubem. *Tradição e Artifício: Iberismo e Brrooco na formação Americana*. Rio de Janeiro: IUPERJ, Belo Horizonte: UFMG. 2000.

Bataille, Georges. *Théorie de la religion*. Paris: Gallimard. 1973.

Berman, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das letras, 1986.

Callois, Roger. *O Homem e o Sagrado*. Lisboa: Ed. 70, 1989.

Cartas de Sesmarias. (Códice SC 265 p. 121 v, 122) *Revista do Arquivo Público Mineiro* Belo Horizonte: Imprensa Oficial. 1908.

Cascudo, Luis da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 5 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

Colanges, Foustel de. *A cidade antiga*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Crapanzano, Vincent. A cena: lançando sombras sobre o real. *Revista Mana*, n. 2. v. 11, out de 2005.

Cupertino, Katia. *Nas entrelinhas da expressão: a dança folclórica lundu*. Belo Horizonte: Cutiara, 2006.

DaMatta, Roberto. *Carnavais malandros e heróis: por uma sociologia do dilema brasileiro*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

DaMatta, Roberto. *O Pensamento Social Brasileiro. Carnavais, Malandros e Heróis como interpretação do Brasil*. Palestra. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da UFMG. VI Jornada de Ciências Sociais, setembro de 2008.

Dias, Aline Oliveira. *Congado e imaginário social: as diferenciações entre as guardas de Moçambique e de Congo em Belo Horizonte*. Monografia. Belo horizonte: EEFTO/UFMG. 2008

Diniz, Marlene, (Dona Marlene). *Notas sobre a cozinha nas festas*. Entrevista, maio de 2008.

Diniz, Edna (Edinha). *Cantos de Candombe*. Anotações na festa de reinado, janeiro de 2008.

Douglas, Mary. *Pureza e perigo. Ensaio sobre as noções de poluição e tabu*. Lisboa: Edições 70, 1991.

Durkheim, Emile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Duvignaud, Jean. *Le don du rien: essai d'anthropologie de la fête*. Paris: Stock, 1977.

Duvignaud, Jean. *La jeu du jeu*. Paris: Balland, 1980.

Duvignaud, Jean. *Festas e civilizações*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

Duvignaud, Jean. *Fêtes et civilisations*. 2ème édition. Paris: Scarabée & Compagnie, 1984.

Duvignaud, Jean. “É tempo de festejar.” *Correio da Unesco*, 1990.

Favret-Saada, Jeanne. *Les mots, la mort, les sorts*. Paris: Gallimard, 1977.

Ferreira Sérgio, Dirceu (Seu Dirceu). *Elementos rituais da festa de reinado*. Entrevista, outubro de 2005.

Ferreira Sérgio, Dirceu (Seu Dirceu). *História da irmandade e das suas festas de reinado*. Entrevista, janeiro de 2007.

Ferreira Sérgio, Dirceu (Seu Dirceu). *Elementos rituais da festa de reinado*. Entrevista, outubro de 2007.

Ferreira Sérgio, Dirceu (Seu Dirceu). *As festas do ciclo do reisado*. Entrevista, janeiro de 2008.

Ferreira Sérgio, Dirceu (Seu Dirceu). *Fundamentos do reinado, a bandeira*. Entrevista, outubro de 2008.

Frazer, James. *O ramo dourado*. Edição Resumida, Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1982.

Freud, Sigmund. *Totem e tabu e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

Geertz, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

Gomes, Núbia Pereira de Magalhães & Pereira, Edimilson de Almeida. *Do presépio à balança: representações sociais da vida religiosa*. Belo Horizonte: Mazza, 1994.

Gomes, Rafael Bastos. *O dia em que a espada falou: realeza e magia em Ibirité*. Monografia de graduação. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da UFMG. 2007.

- Kron, Maria Joana. A ilustração do mundo. *Revista Episteme*, n. 2. 2005.
- Leiris, Michel. Le sacré dans la vie quotidienne. *Le Collège de sociologie (1937-1939)*. Paris: Gallimard, 1979.
- Malinowski, Bronislaw. O problema do significado em linguagens primitivas. In: Ogden, C. K. & I. A. Richards. *O significado de significado*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1972.
- Marques, Francisco (Seu Chiquito). *Histórias de vida*. Entrevista, 2008.
- Martins, Saul. *Cartilha do Folclore brasileiro*. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: MEC/SESC/FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1982.
- Martins, Saul. *Congado, família de sete irmãos*. 2ª ed. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1988.
- Martins, Saul. *Folclore em Minas Gerais*. 2ª ed. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1991.
- Mauss, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: trocas e razão prática na sociedades primitivas. *Sociologia e Antropologia*. Sao Paulo: E.P.U./ EDUSP, 1974.
- Mauss, Marcel. Variações sazonais na sociedade esquimó. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: E. P. U./ EDUSP, 1974.
- Mauss, Marcel. *Ensaio de Sociologia*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981.
- Mauss, Marcel *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa: Edições 70, 2001.
- Nascimento, José do (Seu Zezé). *Hi[e]stórias de vida*. Entrevista, janeiro de 2008.
- Nascimento, José do. *Fundamentos do reinado, o mito da retirada da virgem*. Entrevista, maio de 2008.
- Peirano, Mariza. Etnografia ou a teoria vivida. *Ponto Urbe, revista do núcleo de antropologia da USP*, São Paulo. Ano 2. Versão 2. Fevereiro de 2008.
- Perez, Léa Freitas. Antropologia das efervescências coletivas. Dionísio nos trópicos: festa religiosa e barroquização do mundo – Por uma antropologia das efervescências coletivas. *A festa na vida: significado e imagens*, por Mauro (Org.) Passos. Petrópolis, 2002.
- Perez, Léa Freitas. Por uma antropologia da festa: reflexões sobre o perspectivismo festivo. *Simpósio: Festa em perspectiva e como perspectiva. XXIV Reunião Brasileira de Antropologia*. Pernambuco, 2004.
- Perez, Léa Freitas. *Antropologia da religião*. Anotações em aula. Disciplina ofertada no programa de pós-graduação em Antropologia. Belo Horizonte: UFMG, 2007

Perez, Léa Freitas. *Festa e epifanização do sagrado*. Anotações em aula. Disciplina ofertada no programa de pós-graduação em Antropologia. Belo Horizonte: UFMG, 2008

Perez, Léa Freitas. Festas e viajantes nas Minas oitocentistas. *Revista de Antropologia da USP*. 2008.

Perez, Léa Freitas Efemérides mineiras: um tout petit journal de route. 2009.

Perez, Sandra & Tatit, Paulo. *Canções do Brasil: o Brasil cantado por suas crianças*. Livro cd. São Paulo: Selo Palavra Cantada. 2000

Rodrigues, Adriano Vascos. Sobrevivências actuais da religião dos lusitanos. *Revista de ciências históricas, Universidade Portucalense, Porto*, 3 ed. 1998.

Sabará, Romeu. *Arturos: um drama do campesinato negro no Brasil*. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da UFMG. 1998.

Shalins, Marshall. *Cultura na prática*. Rio de Janeiro: EDUFF, 2004.

Sanchis, Pierre. *Arraial festa de um povo: as romarias portuguesas*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

Santos, Francisco (Seu Chiquito). *Hi[e]stórias de reisado*. Entrevista, dezembro de 2008.

Santos, Geraldo Gonçalo (Mestre Geraldo). *Hi[e]stória da primeira folia de reis*. Entrevista, setembro de 2001.

Souza, Euridiana. “E o verbo se fez canto”. *Músicas, discursos e cultos evangélicos*. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: Faculdade de Música/ UFMG. 2009.

Souza, Marina Mello. *Reis negros no Brasil escravista: história da Festa de Coroação de Rei Congo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

Turner, Victor Witter. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.

Turner, Victor Witter. *Floresta dos símbolos*. Petrópolis: EDUFF, 2005.

Van Gennep, Arnold. *Os ritos de passagem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978

Velho, Otávio. Trabalhos de campo, antinomias e estradas de ferro. *Aula inaugural no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)*. Rio de Janeiro, proferida a 15 de março de 2006.

Zaluar, Alba. *Os Homens de Deus: Um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.